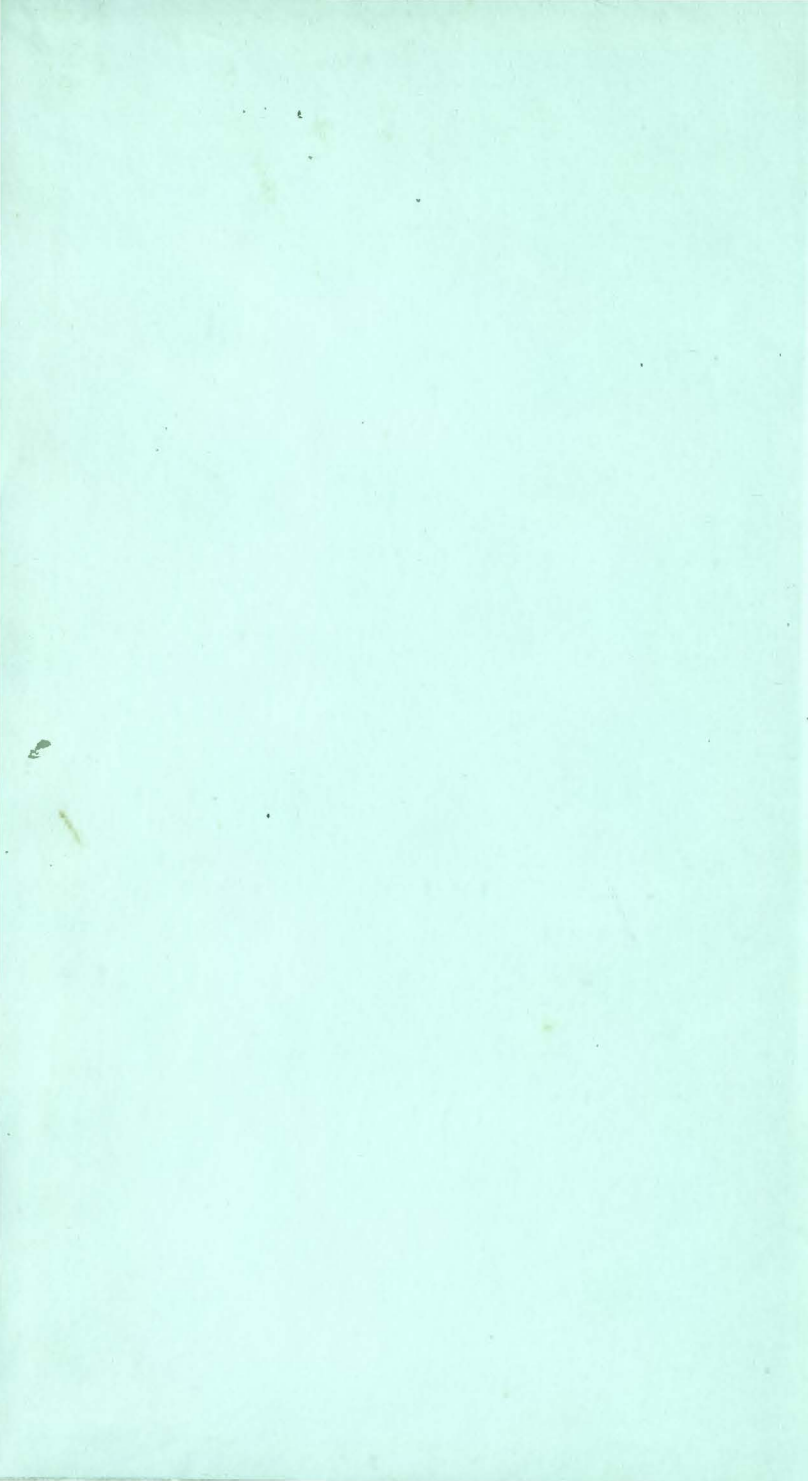


JOSÉ DA SILVA LISBOA

REFUTAÇÃO
DAS DECLAMAÇÕES
CONTRA
O COMMERCIO INGLEZ

1810





REFUTACÃO

Antônio das
DECLAMAÇÕES

Carvalho CONTRA *Diniz*

O

COMMERCIO INGLEZ,

EXTRAHIDA

DE

ESCRITORES EMINENTES,

POR

JOSE DA SILVA LISBOA



RIO DE JANEIRO.

1810.

NÁ IMPRESSÃO REGIA.

Por Ordem de S. A. R.

Veritas pluribus modis infracta, primum inscitia rei publicæ, ut alienæ; mox libidine assentandi. Speciosa nomina prætexuntur. Nec quisquam alienum servitium et dominationem sibi concupivit, ut non eadem ista vocabulu usurparet: falsi hæc obtendi ab istis, qui privatim degeneres, in publicum exitiosi, nihil spei nisi per discordias habeant.

Tacitus.

Declamations ne devraient jamais faire d'impression sur les bons esprits. Mon Principe a été de ne point me remettre sur les rangs des gens méprisables. Quant à mon livre, j'entends quelques frelons qui bourdonnent autour de moi; mais si les abeilles y cueillent un peu du miel, cela me suffit.

Montesquieu. Letr. famil.

PROLOGO.

A Intima Alliança e Amizade, que ha séculos felizmente subsiste entre as Coroas Portugueza e Britannica, constituem, mais que nunca, interessantes na presente epocha os escriptos dos Homens illustres na Republica das Letras, que se animarão a advogar a causa da Humanidade, e resistir ao impeto das vertiginosas declamações dos perturbadores da Ordem Social contra o Governo e Povo Inglez. A instabilidade das cousas humanas se mostra agora com particular assombro na Scena do Mundo; não se podendo ainda crer o que se passa aos olhos de todos.

Quem em outro tempo se persuadi-
ria, que na França, onde os primeiros lu-
minares de orthodoxa Economia-politica, *Fe-
nelon e Montesquieu*, escreverão sobre as van-
tagens do Commercio franco, havião de
surgir os Monstros Revolucionarios, que

IV

não só tentarão desorganisar o systema da civilisação, mais até enthronisarão tão horrida Tyrannia Militar, que avilta o trafico mercantil, e porfia, com o seu systema physiocratico, e vandalico, exterminar o Commercio Inglez do Continente Europeo, com o de todas as Nações que nelle se interessão; impossibilitando assim a producção e extracção de innumeraveis bens, que antes entravão no Circulo Maximo de tal Commercio, e que tanto extendião a geral industria, e o espirito de sociedade, necessario a felicitar, e fazer cada vez mais perfectivel, a Especie Humana.

Montesquien observou no *Espirito das Leis*, que, *onde ha commercio, ha doçura de costumes; e onde ha doçura de costumes, ha commercio.*

Estava reservado á França, para dar padrões de todas as sortes de monstruosidades, requintando em costumes ferozes sobre os da era do seu Capitão Brenno, pretender desmentir a hum dos seus maiores sabios, contradizendo a eterna verdade daquelle aphorismo, e empenhando as suas forças contra hum Governo, que fez parar

a anarchia, e que antes tinha sido elogiado com o mais sublime panegyrico pelo dito Mestre de Politica da Europa, e contra hum Povo imitador dos Phenicios, tão justamente celebrados, no seu Commercio com os antigos povos, pelo outro Grande Homem, que honra não menos a Nação que a Igreja Gallicana. Quem presumiria, que a França chegasse até ao excesso de agoirar, e pretender attrahir á Inglaterra, o fado de Carthago, e de acometter e supplantar Estados pacificos, que não tem outro delicto, que o terem prosperado com o Commercio Inglez, e insistirem na sua continuação?

A Posteridade terá com espanto estes desatinos. Elles só mereciam o desprezo, e não refutação seria, dos que pensão sem paixão, pois são evidentes delirios de homens desarrazoados, que, nos parocismos de sua raiva impotente, se corroem e remordem de não poderem illudir, e menos prostrar, o Governo e Povo Britannico, que tambem, em justa represallia, tem declarado guerra eterna contra o Poder Colossal, que se levantou na Europa abolindo a *Lei das Nações*, e que derruba, como o

Salvagem da Luisiana, o tronco da Arvore da vida; não conhecendo, (ou affectando desconhecer) que o Commercio, e a extensão do mercado, regulão a divisão do trabalho, e as forças productivas da Sociedade, para subirem todos os paizes ao auge de população, opulencia, e sabedoria, de que as suas circumstancias são susceptiveis. Tanto agora mais se confirma o outro aphorismo do citado Politico, ser de eterna experiencia, que *todo o poder desmedido he infallivelmente abusado!*

Porém os grandes erros economicos não se refutão só desprezando-se aos apostatas da verdade: pois o seu pessimo effeito he lavrarem com rapidez, e profundamente arraigarem-se; tornando-se depois difficilissimo, e quasi impossivel, destruillos e extirpallos. Graças á Providencia! Temos dado grande exemplo ao Universo de lealdade e firmeza do Character Nacional, oppondo, com os Inglezes, unidos peitos aos assaltos dos Sarracenos do dia. Mas infelizmente os ciumes mercantis, que grassão na Europa contra o Commercio Inglez, não estão de todo dissipados no Brazil; e até ainda ha

quem se queixe contra o Commercio francez, decretado á todas as Nações pela immortal Carta Regia da abertura dos portos deste Continente; não advertindo os contradictores, que se deo superior dignidade á nobre profissão mercantil, deixando-se o inteiro Orbe patente á todas as especulações e emprezas dos Homens de Negocio; e que os seus embarços, e prejuizos são transitorios, e procedidos de falta de confiança, de pericia, e de correspondencias regulares, pelo perturbado estado da Europa.

Quem poderia imaginar, que sendo a descoberta d'America hum dos maiores successos que se recordão na historia do Genero Humano, e que occasionou, por seus novos ramos de Commercio, tão rapido adiantamento nas artes, sciencias, e delicias da vida, hoje na França os que tem presumpção de intelligencia e valentia, ostentassem o seu saber e poder, declarando guerra ao assucar, e ás outras preciosas produções dos Tropicos, cortando o commercio do antigo com o novo mundo; não tendo pejo de affirmar, que a actividade mercantil e manufactureira da Gran Bre-

VIII

tanha he a causa da pobreza, inercia, e ruina dos outros Estados, ainda que aliás os seus Commerciantes offereção, em concurrencia das mais Nações, os fructos de sua terra e industria, em leal, voluntario, e equivalente cambio dos fructos da terra e industria dos paizes com quem tratão; promovendo ao mesmo tempo o emprego de bracos e capitaes dos respectivos povos naquellas direcções, em que estes tem mais naturaes ou adquiridas oportunidades, e por tanto contribuindo efficazmente ao bem physico e moral de seus Estados?

Da nossa parte he necessario confessar, que temos no Brazil experimentado os mais assignalados beneficios no Commercio dos Inglezes; pois á elle devemos a manutenção do geral trabalho, o augmento da Renda Publica, e a maior parte da exportação dos Generos aliás sujeitos ao Interdicto do Commercio dos grandes Mercados da Europa; visto que a sua sagacidade e vasta correspondencia mercantil vencem todos os obstaculos do phantastico Exterminador do seu trafico.

He inconcebivel como entrasse nos ani-

mos de gente não barbarizada o vil pensamento de tentar-se destruir a augusta fabrica de hum Estado e Povo, com quem todas as Nações estão promptas a commerciar (ainda com os maiores riscos e obices) e que tanto tem concorrido a engrandecer e aformosear o Edificio da Civilisação, produzindo sabios e artistas da primeira ordem, e posto todas as partes habitaveis da terra, (seguindo os vestigios Portuguezes) quasi em vizinhança e contacto, para o reciproco troco e gosodo dos bens da Natureza e Arte, e progressivo desenvolvimento da geral energia. Que impiedade, e demencia he desejar e esperar, em complacencia e exultação, a ruina de tal Governo e Nação pelos devastadores do Continente Europeo, que estão ameaçando á todos os paizes civilisados nova noite de ignorancia e salvajaria, negando haver direito, tudo obrando por perfidia, e tudo arrogando-se por armas, fazendo reviver os tempos dos rusticos Gallos e Germanos, que, não civilisados pelo commercio, e mais artes da paz, só se davão á agricultura e á guerra; tendo o seu Imperador já proclamado, que não cessará de Con-

quistas até que faça de cada lavrador hum soldado. (*)

O pretexto he mostrar-se elle o Vingador do Direito das Gentes, para dar liberdade aos mares, vilipendiando a excelsa Nação Britannica, dizendo ser hum Povo de Piratas. Ninguem hoje ignora o como a Nação Franceza tenha sido a vingadora do Direito das Gentes nas terras, e dado liberdade aos Governos regulares, e aos povos pacificos, e commerciantes, espoliando até as pequenas Cidades Anseaticas, que nunca rivalisarão á sua Potencia. Presentemente nem crianças creem em fé punica, e vãs promessas de hum Governo phrenetico, que tem constituido o nome francez synonimo de barbarismo, como antes, ainda no vulgo, já o era de engano.

Mas como os aduladores deste Governo, semelhantes aos espiritos decahidos no Cãhos em furiosas hostes desesperadas, segundo Milton descreve no *Paraizo perdido*, mal conspicuos pela sua *escuridade visivel*, conti-

*) *Materia munificentiae per caeles, et raptus: sordes omnium et torpor: illis pigrum et iners videtur sudore adquirere quod possint sanguine parare. Sola terra seges imperatur: nullus per commercia cultus.*

Tacit. mor. Germ.

nuamente proclamação do Novo Symbolo do Alcorão Prohitivo do Commercio Inglez; havendo as declamações daquelles pregoeiros girado de hum á outro hemispherio, e até penetrado á este paiz, com os disfarces do livro impresso em Lisboa no tempo da invasão dos Francezes, com o titulo de *Propheticia Politica do que está acontecendo á Portugal pela sua cega affeição aos Inglezes*; considerei que faria serviço ao Estado, em mostrar o vazio e ridiculo dessa e de outras rhapsodias; patenteando á todos os bons patriotas, que o Commercio Inglez não merece actualmente as invectivas, com que a França presume fazello odioso, para mais á seu salvo se apoderar das Nações, que ainda não passarão pelo Jugo de Numancia, e Forcas Caudinas, como ella destina em o seu furor de conquistas, e projecto de Monarchia universal. Assim espero que se apertarão cadavez mais os vinculos da nossa união mercantil e politica com o Povo e Governo, que não poupa sangue, e thesouros, para a salvação e independencia da Monarchia Lusitana. He por doirados compassos que se devem medir os Interesses das Nações, e não por con-

ceitos pirronicos de morosos Casuistas, que até dão em culpa leves desacertos, velhos habitos, e veniaes irregularidades, em que ainda os mais justos cahem. Quando se trata da segurança do Estado, e geraes utilidades, algumas anomalias de particulares se devem, nos calculos politicos, considerar como gotas no Oceano.

Na presente discussão me restringirei á questão dos interesses Commerciaes, sem implicar as relações politicas, com que a intriga machiavellica usa astutamente involver discussões literarias, para melhor palliar os insidiosos designios dos cabalistas do seculo. Prescindo de imputações de angloomania, que só entram na cabeça dos que avalião os outros pelas proprias phantasias. Julguem os capazes de sentir o delicado sentimento da rectidão, e que dotados de perspicacia de entendimento, e cordial patriotismo, sabem estimar a pureza das ideas superiores dos que se prezão de mostrar espirito publico em todas as occurrencias e difficuldades. Vou dizer a verdade, como a entendo. Digo, e direi sempre, *quem não he por nós, he contra nós.* Diriji a minha tenue razão á Razão

Nacional nos escriptos ; que tenho dado á luz sobre o commercio franco ; e principalmente dos Inglezes. Depois tem-se realisado o inesperado phenomeno de huma confederação desnaturada quasi de todas as Potencias da Europa contra a Gram Bretanha, que aliás fez os maiores esforços para evitar a quêda de tantos Estados, e que ainda com vigorosa mão defende a Hespanha, antes sua inimiga por fataes illusões, e cruéis industrias dos sectarios da Gallomania. Para ser este o seculo das maravilhas, até se vê a Russia, depois de insultados os seus Exercitos com o titulo de *barbaros do Tánais*, quando tão gloriosamente unio sua fé e armas em alliança com a Gram Bretanha, para prevenir o retrocesso da civilisação, submeter-se emfim ás ordens do Dictador da França, declarando guerra á Nação, á quem o Imperio Russo deve o ser conhecido na Europa, franqueando os seus portos á celebrada Isabel Rainha de Inglaterra: e (o que ainda he mais de espantar) em Diplomas publicos, com injuria do senso commun, se declarou, que na paz de *Tilsit* em conferencia dos Chefes das duas Grandes

Nações, se assentarão em Maximas de sublime Politica, aprendendo-se *seculos de civilisação*, fechando-se a Europa ás Embarcações e fazendas Britannicas, ainda sôb Bandeiras Neutras.

Estando suffocada a voz da verdade, nos paizes dominados ou influidos por tamanhas Potencias, hum Prussiano Mr. *Gents*, e hum Suisso Mr. *Ivernais*, defendendo a Justiça Social, tem por suas luminosas dissertações sustentado os votos de todos os espiritos rectos, expondo os genuinos Principios economico-politicos, que assás convertem os erros palmares dos Declamadores contra o Commercio Inglez. Sendo as suas doutrinas dignas de serem apreciadas por todas as classes, as apresento em duas partes, que serão seguidas de discussões importantes. Dellas será patente, que as Nações que se deixão illudir por declamações atraioçadas dos adversarios de Inglaterra, serão as victimas de sua credulidade, e que se devem considerar como miseraveis que correm á sua perdição, não advertindo que, nas hostilidades contra o Governo e Commercio Inglez, não queimão os arraiaes dos seus

verdadeiros inimigos, mas as suas próprias esperanças; convindo por tanto exclamationar a todas com o cantor da Eneida.

Quin agite, et . . . infaustas exarite puppes.

Quis furor iste novus? quò nunc, quò tenditis, inquit.

Heu miseræ cives! non hostem, inimica que castra

Argivum, vestras spes uritis.

P A R T E I.

Refutação da opinião que attribue a inferioridade da industria Commercial e Manufactureira das Nações da Europa á franqueza com que os seus Governos admittem o Commercio e as manufacturas dos Inglezes.

MR. *Hauterive* se tem distinguido sobre outros Escriptores Revolucionarios da França (*) em huma Obra publicada em 1800, a que deo o titulo de *Estado da França*; evidentemente insinuada pelo seu Governo para seduzir e converter as mais Nações aos mesmos sentimentos de odio e rancor que a França tem á Inglaterra. Esta Obra, ainda que, desde o principio até o fim, não seja mais que hum informe tecido

(*) Todos os mais Escriptores como *Monthrion*, *Guerr*, e outros, são meros copistas e sectarios de Mr. *Hauterive*, e diz-se que este não fizera mais que transcrever e fazer parodias das instrucções de Mr. *Talleyrand*, que igualmente seguiu o que lhe dictou seu Amo, hoje o oráculo da França, e, por desdita do Genero Humano, até da Europa.

das mais absurdas *declamações á Françeza*, com muita *palavrada*, e *nenhumas provas*, contra o Governo e Povo Inglez, e de principios economicos os mais erroneos e ridiculos, tem contudo, por desgraça, tido muita voga e credito entre superficiaes, ou apaixonados, e facilitou muito os projectos do actual Chefe do Governo Francez, para attrahir a todas as Potencias da Europa, á força d'armas, a se confederarem com elle contra a Gram Bretanha. Aquelle Escriptor insidioso e sophistico teve a extravagancia e horribilidade de proclamar geral guerra, e *Nova Cruzada*, de todas as Nações contra a Nação Ingleza, como se ainda estivessemos no seculo dos pregoeiros das Cruzadas contra os infieis Musulmanos. He neste seculo, chamado de luzes, que se suggerio e executou, tamanho barbarismo, á que se deo o titulo de *Santa Confederação*, e *Pacto Europeo*, que tem occasionado as ferocidades e misérias que o Mundo testemunha, bem se podendo dizer com o Satyrico Juvenal;

— *Adspice nostro*

Dira quod exemplum feritas poduxerit ævo.

Se em seculos futuros se disputar, se a França era civilisada no seculo decimo nono, bastará citar-se aquelle facto, para se provar que era barbara.

Felizmente para a Humanidade, ainda no Continente Europeo, não obstante achar-se esmagado e envilecido pelos furores revolucio-

nários, concentrados na França, hum sabio Politico, Conselheiro de Sua Magestade Prussiana, *Frederico Gents* (que bem se pôde chamar o *ultimo dos Allemães*) teve a elevação de espirito, e força de caracter, para se oppor á vertigem do seculo, como mui digno e estremo antagonista contra os Monstros do crime Mercantil, e Barbarismo Militar, que desorganisação a civilisação. Elle he bem conhecido pela sua Obra da *Opulencia da Grã Bretanha*, que se traduzio em Lisboa neste seculo por Ordem Superior. Espero que os leitores candidos attendão ás suas razões que passo a expor, e que são extrahidas da inexpugnável Resposta que em 1801 elle deo ao dito Mr. *Hauterive*. Ellas servirão de apologia aos meus sentimentos que publiquei nas Observações sobre o Commercio Franco no Brazil Parte II., e III., e de confirmação ao que tenho ponderado no presente escripto.

Diz Mr. *Hauterive*, que a Nação Inglesa tem, com geral ignominia e tyrannia das mais Nações, abarcado, com nunca visto monopolio, quasi todo o Commercio do Mundo, por força do seu *Acto de Navegação*, pela multidão

(*) He cousa espantosa, que, costumando os sabios Alemães escrever tanto, agora todos emmudecesem pelo terror do Tyranno da Europa; só Mr. *Gents*, teve o valor neste seculo de escrever sobre grandes cousas, e em grande estilo, nesta e outras obras seguintes.

de suas conquistas e Colonias Ultramarinas, e pela introdução de suas manufacturas; e que tem assim feito todas as Nações tributarias á Industria Britannica, constituindo-as meras Colonias para seu serviço; impossibilitando por isso o estabelecimento e progresso do Commercio e Industria das mais Nações. Diz finalmente, que o Governo Inglez tem feito hum *Codigo Maritimo* contra a *Lei das Nações*, usurpando o imperio dos mares, devendo aliás ser livre a Navegação do Oceano.

Por estes motivos, usando de phraseologia a mais diffamatoria e incendiaria, diz, que a França deve fazer guerra, não só á Nação Ingleza, mas tambem á todas as Nações alliadas de Inglaterra, ou que tem correspondencia mercantil com a mesma; a fim de fundar hum systema federativo de todas as Potencias da Europa, para excluir o máo genio Inglez dos seus mercados, e por tal modo, removido esse insidioso competidor, poderem crescer em industria e siqueza, e obstar que a Gram Bretanha haja de sacar o oiro de todos os paizes, com o qual sustenta as guerras, e corrompe os Gabinetes.

*Resposta quanto ao Monopolio do Acto da
Navegação.*

Todo o Governo tem indisputavel direito de promover a industria do seu povo pelos meios que entende serem os mais proprios e seguros, com tanto que não viole os direitos, geralmente reconhecidos, de outros paizes. Nenhuma Nação tem direito de exigir de outra a parcial ou total admissão dos seus productos ruraes e commerciantes. Até agora os Governos de todas as Nações (sem excepção) se tem esforçado em animar e segurar os principaes ramos de sua industria, por absolutas prohibições, ou por sobrecarrego de Direitos, e restricções de muitas sortes: e ainda que os mais eminentes escriptores sobre a Economia politica, tem tido differente opinião sobre a sabedoria e efficacia de taes expedientes, com tudo, nunca jamais forão estes considerados como offensas da lei das Nações, e menos como usurpações e tyrannias. Actualmente muitos Governos, que mais se queixão contra o Governo Britannico, tem feito em muitos artigos restricções insupportaveis, segundo julgão convir ás suas situações e necessidades; e em algumas, as repulsas e os vexames dos estrangeiros são tanto ou mais prejudiciaes que o *Acto da Navegação* de Inglaterra.

ra. O não terem elles tambem o seu *Acto de Navegação*, não he prova de sua magnanimidade, e de attenção ao interesse e bem de seus vizinhos: á isso são forçados por circumstancias, que fazem tal Acto impraticavel a seu respeito: e em todos os máis regulamentos, manifestão adoptar principios duros, egoisticos, intolerantes, e illiberaes.

O indisputavel direito que o Governo de qualquer Nação tem de promover a industria do seu paiz por todo o methodo que não faça injuria aos outros, he ainda mais corroborado e confirmado, quando se applica á huma especie particular de industria, que não só he util, mais tambem he absolutamente necessaria á sua segurança. O paiz cuja existencia requer a manutenção de numeroso exercito, he plenamente authorizado a prohibir, por severas leis, que os seus vassallos entrem em serviço estrangeiro. Hum paiz que não produz sufficiente trigo, que segure a seus habitantes dos perigos de fome, tem innegavel direito de prohibir por Estatutos penaes a exportação de todo o seu trigo. O paiz cuja *segurança e independencia* inteiramente se fundão sobre grande Marinha, tem o mais indisputavel direito de restringir as relações commerciaes com as outras Potencias, pelos regulamentos que julga proprios a obter aquelles primeiros objectos de todo o Governo e Legislação. Tal he o caso de Inglaterra. A sua segurança e independencia está na sua

Marinha; e grande Marinha, não se pôde formar sem extensa Navegação: crear pois extensa Navegação he o primeiro e necessario objecto da Legislatura Britannica.

Isto basta para mostrar, que o Acto da Navegação (que faz parte da Policia interior de Inglaterra) não se pôde, por principio algum de verdade e justiça, accusar como huma providencia destructiva dos interesses das outras Nações, e muito menos como huma continua conspiração contra os direitos das mesmas. Ella trata de si, sem intenção de injuria alheia. Negar-lhes os meios de manter a vida, he negar-lhe o direito da defeza natural.

Agora he questão differente examinar, se tal Regulamento restrictivo da franqueza do Commercio, he coherente aos principios de huma Policia sabia e liberal. Não haverião outros methodos de animar a industria nautica de Inglaterra, que causassem menos detrimento e ciúme ás mais Nações?

Geralmente fallando, he justo Principio de Economia Politica, que são prejudiciaes todas as leis, quando impedem ou restringem o curso natural, e a progressiva expansão, da industria humana; quando forçadamente a impellem á novos canaes, ou a dirigem para huma parte para onde aliás naturalmente não se encaminharia; e quando seria o seu progresso á custa da liberdade da mesma industria. O Acto da Navegação não se conforma á este Princi-

pio liberal: pois força aos habitantes de Inglaterra a extrahirem immediatamente os productos que precisão dos paizes estrangeiros, transportando-os nos seus proprios Navios, ou a ficarem inteiramente, ou em grande parte, privados de taes productos. Tal Acto consequentemente obriga a desviar muito maior porção de trabalho e capital para o commercio estrangeiro do que aliás iria para elle no curso natural das cousas, se fosse livre ás outras Nações participarem do Commercio de transporte desses productos, não tendo restricção de sua inportação para Inglaterra. Essa Policia véda aos Inglezes o empregarem a industria nautica dos estrangeiros, ainda, quando assim o exigisse o proprio interesse: ella obsta que os mesmos Inglezes possam comprar muitos artigos estrangeiros mais baratos, se fossem importados por outras Nações, forçando-os a comprallos mais caros a seus naturaes: ella lhes prohibe o uso de Embarcações estrangeiras, ainda quando aliás o frete destas fosse mais em conta que o das Nacionaes, e em que consequentemente podessem fazer importar, com mais commodo e baixo preço, os generos de paizes estranhos. Portanto o Acto da Navegação, considerado em face dos Principios Geraes de huma Economia politica illustrada, não he menos censuravel, que todos os outros Estatutos prohibitivos da franqueza do Commercio.

Mas ha circumstancias que ás vezes cons-

tituem o dever do Governo apartar-se, em casos particulares, dos Geraes Principios da Economia do Estado, quando temporarios, ou talvez permanentes; interesses obrigão á considerações de mais importância que algumas das ordinarias maximas de Administração. O Acto da Navegação de Inglaterra deve á sua existencia as imperiosas circumstancias desta natureza. A fim de formar huma contrabalança aos Estados poderosos do Continente, e proteger o seu territorio (que, sendo composto de Ilhas, só pôde ser defendido por forças navaes) e manter a sua independencia, o Governo Inglez he obrigado a usar de todo o esforço de erigir e sustentar huma poderosa Marinha. A importancia deste objecto justifica as severas leis penaes que se achão constituídas. Por elle os Inglezes são compellidos a cultivar com os seus proprios Navios, marinheiros, e capitaes, muitos ramos do Commercio estrangeiro, que aliás terião permanecido, parte, ou inteiramente, nas mãos das Nações rivaes. Isto serve de forte estimulo á Marinha Mercante da Gran Bretanha, que vem por tanto a ser o viveiro da Marinha Real, e o importante instrumento da segurança e grandeza do Estado, e isto de modo mais rapido e effectivo, do que se se deixasse tal industria ao curso natural das cousas.

Mas não nos devemos jámais esquecer, que, em conformidade aos genuinos Principios de Economia Politica, o Acto da Navegação,

que segura aquelles essenciaes objectos, longe de ser vantajoso á *Geral Industria* da Nação, vem, ao contrario, a ser hum expediente prejudicial, que a restringe de se estender pelos ramos que darião maior riqueza, e que faria mais rapidamente augmentar os capitães da Nação; pois, em consequencia de tal Acto, não pôde ter os generos estrangeiros, e os fretes dos proprios, tão baratos como aliás o teria com a franqueza do Commercio; e por isso não pôde ter tanto consumo e gozo de bens, e antes he forçada a dispende e economisar mais, em prejuizo da possível e progressiva accumulção dos fundos do paiz, que sempre mais crescem em proporção que pôde, no geral, ter o seu supprimento em cada anno melhor e mais barato, pela concorrência da industria dos nacionaes e estrangeiros. Por tal Acto, a Inglaterra passa por todos estes sacrificios, e o povo á elles de boa vontade se submete, para melhor estabelecer a sua segurança, e independencia.

Em negocios de Commercio, o verdadeiro interesse de cada Nação requer a mais extensa competencia dos que concorrem a supprir do necessario e commodo á vida, e a mais irrestricta liberdade de comprar e vender, a fim de ter a maior possível vantagem, que lhe possa dar a sua industria e situação. Aquelle Acto infringe esta liberdade, e muito diminue aquella competencia. Considerando-se pois o tal

Acto por este lado, e ponto de vista, longe de ser proveitoso ao Inglezes, quanto ao Commercio estrangeiro, lhes he, de facto, indirectamente prejudicial. Mas a Politica manda que se olhe primeiro para a segurança, e depois para a opulencia.

Nenhuma pessoa instruida nos verdadeiros principios da Industria e Riqueza das Nações, e da historia do Acto da Navegação de Inglaterra, pôde ignorar que tal Acto não tendeo a prejudicar a todas as Nações, e que só foi delineado por *Cromwel* para diminuir huma das grandes fontes do Commercio da Hollanda, então inimiga de Inglaterra, e sua rival no commercio de *carreto*. Ella principalmente, e outras que o fazião, sem duvida, em consequencia de tal Acto, ficarão para sempre privadas do Mercado Britannico nesta especie de industria. Mas o mesmo Acto não prohibe directo trafico dessas mesmas, ou de quaesquer outras, Nações, que levarem á Inglaterra as produções de sua propria terra e industria, que não encontrão com as produções da terra e industria Britannica. Nem estas Nações tem direito de se queixarem das restricções que alli ha da importação de suas mercadorias, estabelecidas pelas Leis Inglezas, ou de total prohibição, ou sobrecarrego de Direitos; pois que taes restricções emanão unicamente do Systema e Policia Mercantil adoptado em todos os Estados da Europa.

O Acto da Navegação pois não arruina

a industria das mais Nações, só as exclue do mercado de hum paiz, *quanto á industria do Commercio do carroto*; (*) e lles deixa abertos os mercados do resto da Europa, que assás as consola e indemnisa dessa perda. A experiencia tem mostrado, que nem Hollanda, nem Hamburgo, nem algum dos Estados empenhados neste Commercio, tem sido arruinados, ou consideravelmente prejudicados pela falta de seu Commercio de carroto á Inglaterra. Se esta tambem se apropriou e seguiu o exclusivo Commercio de suas colonias, nada tem nisso feito mais do que os Estatutos Maritimos de todas as Nações, que tem Colonias, em favor dos seus respectivos Systemas Coloniaes. Se nisso não faz bem, nenhuma Nação póde lançar-lhe em rosto essa economia, estando no mesmo erro, ou sendo complice de igual monopolio: ao menos a Inglaterra tem a excusa da necessidade de estender a sua marinha.

Dizem os Accusadores do Acto da Navegação: se cada Governo da Europa fizesse tal Acto, e tivesse feito semelhantes leis contra todas as outras Nações, a Humanidade teria soffrido grande perda. Esta observação he justa:

(*) Este he o chamado *Commereio de frete*, ou *Commercio de economia*, pela qual humas Nações vão buscar em seus Navios, as producções da terra e industria de outras Nações, para paizes differentes do seu.

porém o mal que aponta, só se poderia conceber e temer em huma supposição muito improvavel; a saber, que todos os Governos tivessem inteiramente desconhecido os seus verdadeiros e mais obvios interesses, ou quizessem extravagantemente sacrificallos, pelo odioso desejo de fazer, em certa perda sua, mal aos seus vizinhos: pois na verdade (e nunca assás se repetirá a seguinte Maxima) todo o Estatuto que dá algum monopolio, causa hum damno pernicioso em summo gráo ao proprio paiz, em favor do qual se pensa estabelecello. Tal Lei sempre he injusta e absurda, á não haverem razões de summa importancia (como he a segurança e independencia do Paiz) que obriguem a fazer excepção da regra geral de Economia Politica; e se além disto a Nação não tem em si forças e recursos sufficientes a contrapezar o prejuizo que resulta de tal excepção, aliás sempre perigosa. Estas duas condições se reúnem somente em favor da Nação Ingleza.

Ninguém pois de sólidos principios da Prosperidade Nacional, pôde jamais considerar ao Acto da Navegação como o fundamento da grandeza commercial de Inglaterra, mas só como o apoio de sua segurança e independencia. He, á despeito de tal Acto, e não por meio d'elle, que o seu commercio estrangeiro tem adquirido tão prodigiosa extensão. O seu extraordinario augmento e progresso procedem de outras causas, e não são a creatura do Acto da Nave-

gação. Se tal lei se fizesse e executasse em algum outro paiz, destituido das vantagens naturaes de Inglaterra, e do character e recursos de seus habitantes, teria sido o signal de immediata aniquilação do respectivo commercio, e de suppressão de toda a industria, e destruição de todo o incentivo para empreza e actividade em muitos essenciaes ramos da sua economia interior.

Resposta quanto ao intitulado Monopolio, procedido do ascendente do Commercio Britanico.

AS possessões dos Inglezes nas Indias occidentaes são inconsideraveis em comparação dos grandes Estados do Continente d' America, que lhe não pertencem; e as que tem n' Asia e Africa, em nada prejudicão às Nações da Europa; humas e outras não são a causa principal da grandeza do commercio e poder Britannico.

A presente superioridade Commercial de Inglaterra resulta de dous principios, que não tem connexão entre si; a saber, hum que já era existente antes da revolução da França; e outro que sobreveio depois della. Aquella se pôde dizer *causa positiva*, e esta *causa negativa*. A primeira he superior e constante, a segunda subalterna e transitoria.

A incomparavel actividade da Nação In-

gleza ; a extensão do seu capital ; os seus maravilhosos adiantamentos em todos os generos de machinas e invenções nas artes ; a grande pericia da sua gente de mar ; os trabalhos de seu Governo , que procura sempre instruir-se nos seus reaes interesses ; a excellencia de sua Constituição interna ; a diffusão de sua literatura , e papeis publicos ; o seu character individual e politico ; formão a primeira e principal base do ascendente do seu commercio estrangeiro. Esta primeira e principal causa de sua riqueza e potencia , he independente de todas as mudanças e revoluções que hajão no resto do mundo. A ella deve o poder vender melhor e mais barato as suas producções e manufacturas que as outras Nações , e por tanto o ter a preferencia no mercado destas , de modo voluntario , sem offensa nem exclusão forçada de ninguém.

A este primeiro principio constituinte de superioridade Commercial da Gram-Bretanha , se accrescentou outra causa no curso da presente guerra ; cuja causa todavia , comparada com a primeira , se póde chamar *causa negativa*. Como as Nações que antes tinham a sua partilha no Commercio geral forão reduzidas á inactividade e impotencia por huma serie dos mais deplo-raveis infortunios , a Inglaterra veio por isso a fazer quasi só todo o Commercio existente na Europa. A França viu arruinar o seu capital , as suas manufacturas , a sua industria , o seu com-

mercio , e a sua navegação , entre as convulsões de hum a anarchia a mais ruinosa. Ainda que os Estados Unidos d' America fizessem alguma porção do Commercio das arruinadas Nações Maritimas da Europa , com tudo não o poderão compensar : por tanto a maior parte do Commercio transatlantico foi concentrado na mão dos Inglezes.

Destas causas emanou o que agora a França , invejosa e malina , chama o *Monopolio do Commercio Colonial*. A *intrinseca , peculiar , e positiva* superioridade dos Inglezes , que existia antes da revolução da França , e de que se tem feito tão injustas e erroneas queixas , foi sempre a primeira e principal causa da arguida preponderancia , a qual alias não injuriá a Estado algum (não tendo a Inglaterra culpa de que as mais Nações tenham menos actividade e industria , e inferior constituição politica). Se este paiz não tivesse aquella decisiva superioridade , todos os Estados da Europa , com o respectivo Commercio e Colonias , se terião arruinado pela revolução franceza , sem adiantarem , em cousa alguma , a presente Commercial grandeza da Gram-Bretanha : mas possuindo esta Nação aquellas particulares vantagens , e tambem a extraordinaria habilidade de poder conservar esse manancial , e fundamento das mesmas vantagens , pôde , ainda no meio da guerra , ficar só em campo , quando todos os Estados seus rivaes desaparecerão.

Supponha-se porém que esse arbitrario e absurdo titulo de monopolio e tyrannia fosse hum mal positivo ás outras Nações; seria com tudo iniquo, e ate ridiculo, tratar a semelhante monopolio como crime do povo Inglez, e de injustiça, aleivosia, e usurpação do seu Governo. O primeiro principio do ascendente Commercial de Inglaterra, e a verdadeira e immediata causa do mesmo ascendente, não serão jamais objecto de seria arguição a hum povo. Como se pôde em boa fé arguir a Nação Ingleza de ser mais industriosa e activa que as outras, e ser mais perfeita nas suas obras, e poder vender mais commodamente?

Tambem a Inglaterra não pôde ser responsavel pelo segundo principio de sua actual grandeza Commercial; porque a revolução franceza, com todos os males della resultantes, foi só hum a occasião e causa accidental de poder a Inglaterra extender e manifestar mais explicitamente a sua superioridade; já antes preexistente, e determinada pelos, comparativamente a outras Nações, bons principios de sua economia interior.

A Inglaterra nem desejou, nem effeituou a revolução franceza, nem as internas convulsões da França, nem a ruina das suas Colonias, nem a subversão da Constituição de Hollanda, nem a alliança da França com a Hespanha (*).

(*) Que diria Mr. Gents se tivesse escripto depois da agraçada subversão, que a França fez desta sua Alliada?

Ao que se chama *monopolio do Commercio do Mundo*, Inglaterra contribuiu em huma parte sobre que ninguem pôde com justiça accusalla; o resto se completou, por circumstancias que Inglaterra nem poderia prever, nem dirigir, nem apartar.

As Nações activamente empenhadas no Commercio Colonial antes da Revolução, necessariamente são prejudicadas no prezente estado de cousas. Hum dos mais importantes ramos de sua industria lhes foi cortado, e muitos outros, mais ou menos ligados com elle, forão consideravelmente estreitados. A repentina destruição de seus Systemas Coloniaes, não só diminuiu o seu Commercio Estrangeiro e Nacional, mas tambem foi causa de muito se encurtarem as suas manufacturas, e a circulação da moeda: ella diminuiu todas as sortes da riqueza particular, e muitas das fontes da sua potencia politica. A certos respeito, esse infortunio foi mui grave, e irreparavel.

Porém he mui differente o caso a respeito da maior parte da Europa, isto he, dos consumidores dos productos coloniaes. O immediato interesse das Nações que não tem Colonias, he a facilidade de comprarem os productos coloniaes a baixo preço: alcançando isto, he-lhes indifferente, se os Estabelecimentos das Indias Orientaes e Occidentaes, e o seu commercio, são repartidos entre muitas Nações, ou concentrados em huma só Nação. O seu ganho con-

siste em comprar taes Generos áquella que lhe segura a venda pelo mais commodo preço no Mercado Geral: e só poderia ser prejudicada, se tal Nação, pelo monopolio adquirido, tivesse em seu arbitrio levantar os preços de modo lesivo.

He muito geralmente crido na Europa, que Inglaterra está nas circumstancias de dictar essa lei á todos os consumidores dos productos das Indias Orientaes e Occidentaes; e varias Nações são induzidas a crello, parte porque perderão as suas Colonias, e parte pelas declamações da França, que, sempre inimiga de Inglaterra, fomenta essas animosidades politicas das outras Nações. Com os seus prejuizos, e artificios hostis, concluiu a maior parte da gente (que pouco entende dos principios de economia politica) que Inglaterra tem por aquelle modo estabelecido o seu monopolio, pelo apparentemente plausivel theorema, que, assim como em qualquer mercado a concurrencia dos vendedores he a causa primeira da barateza dos generos, e o monopolio de poucos vendedores a occasião de seu alto ou exorbitante preço; igualmente no Mercado Geral da Europa a concurrencia das Nações vendedoras dos Generos Coloniaes devé fazer diminuir os seus preços; e que, ao contrario, hum augmento, e de mero arbitrio, dos mesmos preços, deve ser a inevitavel consequencia de estar o monopolio de taes Generos nas mãos de hum só Estado.

As seguintes razões me fazem persuadir que tal opinião he sophistica, ainda que seja geralmente recebida.

Em 1.^o lugar: he impossivel que hum povo inteiro forme hum colloio e accordo para, absoluta e necessariamente, não vender os seus Generos senão por hum certo, arbitrario, e exorbitante preço. Huma Nação commercial não he senão huma multidão de individuos Comerciantes: ora cada individuo, no seu trafico, estrangeiro ou nacional, sempre obedece ás maximas que lhe são dictadas pelo proprio immediato interesse. Cada pessoa he o competidor natural de todos os concurrentes no seu ramo de negocio. Se cem pessoas em hum Estado Commercial fizessem huma conspiração para estabelecer hum preço arbitrario, e contra o natural valor das cousas, sempre se acharião cem outras, que estarião promptas, para fazerem huma venda mais extensa, e darem os generos mais baratos, contentando-se com menor ganho: e esta natural porfia destruiria as combinações e colloios dos outros monopolistas, e reintegraria o artigo de Commercio no seu *preço natural*, ou racional valor nas circumstancias do tempo e lugar, e seria tal preço reduzido I. ao valor do producto, II. ao valor e encargo do frete e seguro, III. ao ordinario proveito do capital do Comerciante.

Em 2.^o lugar. A grande alta de preços que tem havido nos Generos das Indias Orien-

taes e Occidentaes nestes ultimos annos, he tão cabalmente explicada por tantas obvias causas, que absolutamente se convence o erro de se attribuir tal effeito ao monopolio de Inglaterra. Se, além do constante e necessario levantamento de preço em todos os artigos de mantimentos (incluindo tambem os dos productos Europeos que se exportão á America) que acontece no curso ordinario das cousas, attendermos ás circumstancias extraordinarias que tem tendido, desde a revolução e guerra, á augmentar o valor dos Generos Coloniaes; se considerarmos as calamidades que tem acontecido ás Colonias mais ricas; a ruina da industria, a destruição dos capitaes em tantos Estados de Europa, e o effeito destes infortunnos sobre as faculdades productivas de todas as Nações; se considerarmos os perigos da Navegação, que augmentão o preço dos seguros, e diminuem os ganhos do Navegante, ainda nos mais poderosos paizes maritimos; se mettermos em conta a grande massa da real e substancial riqueza, que a guerra tem feito distrahir dos objectos productivos, não menos em Inglaterra, que no resto da afflictta Europa; todas estas circumstancias serão sufficientes para dar a razão dos altos preços dos productos das Colonias, como a natural consequencia das ditas calamidades. O presente ganho do Commerciantes Inglez na venda de tal producto certamente não he agora maior do que o era ha

Vinte annos antes, e ha razão para se crer que ainda o he menos. Os Commerçiantes de Londres que fazem o Commercio para os Indias Occidentaes, já duas vezes no curso da presente guerra tem sido obrigados a supplicar ao Governo assistencia; e este lhes adiantou consideraveis sommas, para os remir dos mais urgentes vexames. A Companhia das Indias Orientaes tem antes accrescentado as suas dividas do que as suas riquezas. Por tanto as duas classes, que só, ou mais que todas as outras, se tem aproveitado dos altos preços dos productos ultramarinos, ainda suppondo-se que tal preço fosse dictado por hum monopolio arbitrario, não tem na realidade obtido extraordinarios lucros, e até lhes tem sido difficil segurar os ganhos ordinarios.

A respeito dos Consumidores, o ponto importante sobre serem suppridos de Generos Coloniaes por este ou aquelle povo da Europa, vem a ser o gráo de industria e riqueza da Nação com que tem a tratar, e receber os seus supprimentos. Sendo duas Nações vendedoras iguaes á todos os respeitos, a mais rica e industriosa sempre venderá á mais baixo preço. Quanto maiores forem os seus capitães, e mais activa a sua industria, e mais perfeita a arte e habilidade empregada em seus negocios, tanto as suas faculdades de produzir serão maiores, e em consequencia as suas obras serão feitas com maior brevidade, perfeição, e menos trabalho;

e portanto menos equivalente exigirá do Consumidor.

As produções das Indias Orientaes e Occidentaes nos mercados da Europa, são os fructos do capital, trabalho, industria, e navegação das Nações que para ali as conduzem. Em todos estes pontos, o povo Britannico está sem rival. Nenhuma Nação pôde produzir, transportar, e consequentemente vender tão barato, como os Inglezes. Em quanto as mais Nações continuarem a não possuir as mesmas vantagens e recursos, para terem a possibilidade de venderem aos mesmos preços que a Nação Inglesa; em quanto perseverarem na incapacidade de fazerem outro tanto; predominará sempre a vantagem de Inglaterra em adquirir preferencia nos mercados; e o que imprópriamente os seus inimigos intitulão *monopolio Inglez*, vem a ser manifesta vantagem do consumidor em todas as partes da Europa. Isto he fundado tão claramente nos mais simples principios de economia politica, que he difficil imaginar, como a arte do sophisma pôde escurecer tal evidencia, prevalecendo-se dos prejuizos do vulgo.

Deve-se ainda notar em favor de Inglaterra, que a sua Policia Commercial he actualmente, comparada com as demais Nações, a mais liberal, principalmente de vinte annos a esta parte; pois que, desde esse tempo, em nenhum Estado da Europa os reaes principios

de Economia Politica se tem tão diligentemente desenvolvido, nem tão extensamente praticado como em Inglaterra; *ella mais que algum outro paiz*, tem abandonado as mesquinhas e illiberaes maximas de Commercio, propagadas e sostenidas por homens de estreito entendimento. *Digo mais que algum outro paiz*; pois deve-se confessar, que nem ainda Inglaterra se tem nesta materia elevado á mostrar-se perfeitamente superior aos erros vulgares.

Resposta contra o Monopolio arguido á Inglaterra a respeito de seus Dominios Ultramarinos.

QUando o desenvolvimento das faculdades humanas, e os adiantamentos civis e sociaes da nossa Especie chegarão ao ponto, para que a Europa gradualmente tendia no decurso dos tres seculos passados, todas as Nações sentirão impulso e ardente desejo de estabelecer hum permanente systema de Connexão e Commercio com as mais remotas partes do mundo. O amor do goso, a sede de conhecimento, novas precisões, e novas forças de industria, os dictames da razão, e os attractivos das paixões sociaes, ora combinão para este effeito, por hum propensão irresistivel. O que foi, na sua origem, somente espirito de aventu-

ra, gradualmente se converteo em actividade systematica: o que ao principio era superfluidade, veio a ser depois de uso regular e common; e as producções das mais distantes regiões se constituirão artigos de diaria necessidade; o mar e a terra se povoou da especie humana; e a navegação, commercio, e colonisação por todo o Globo, se pozerão na mesma linha das mais simples occupações de agricultura, e manufacturas domesticas.

O illimitado progresso da industria, e a illimitada multiplicação de seus materiaes, e seus instrumentos e objectos, são hoje o destino da humanidade. A civilisação não he já privilegio exclusivo deste ou daquelle povo favorecido; ella se espalhará sobre todo o globo habitavel, no andar dos tempos. Se considerarmos com relação a este objecto inestimavel os Estabelecimentos dos Europeos nas outras partes do Globo, sem duvida esses Estabelecimentos são successos afortunados e gloriosos, não obstante os males que os acompanharão: e se perdermos vista das consequencias que são de esperar, tudo he enigma, duvida, e escuridão. Serião milhões d'homens destruidos para que talvez mais feliz raça se estabelecesse sobre as suas sepulchras? Como he possivel que guerras destructivas, trabalhos, oppressão, e intoleravel escravidão, servissem de alicerce á mais nobre obra do homem? A razão humana se perde nestas inexplicaveis contradicções, entre a grandeza

e sublimitade do fim, e a baixeza e horribilidade dos meios.

Força e injustiça (com poucas excepções) foram as bases dos Estabelecimentos de todas as Colonias, e Dominios Ultramarinos. Nenhuma Nação pôde nesta parte arguir á outra, tendo-se por innocente, e com tudo todas tem participado das vantagens dos mesmos estabelecimentos. Só devemos desejar e esperar, que a sabedoria de algum seculo mais illustrado produza em fim, pela geral actividade, industria, e correspondencia mercantil de todas as Nações, esse feliz estado (que a Philanthropia agoira) da *Sociedade Universal*, em que todos os membros da Grande Família do Genero Humano, em todas as partes habitaveis, coo-perem e se ajudem, trocando, á convenção das partes, o correspectivosuperfluo fructo de seu paiz, capital, engenho, e trabalho, que he do interesse, e commun instincto e sentimento de todos, e proprio a segurar o reino da paz e justiça sobre a terra.

Como as Potencias de Europa não podem manter a devida communicação com os seus Estados Ultramarinos, senão por meio de extenso Systema Commercial, consideremos como tal systema se possa modificar em conformidade aos geraes interesses da Europa.

Pôde-se estabelecer como justo Principio Economico, que hũa igual participação de todos os Estados Maritimos nas vantagens do

Commercio e Colonisação, seria a constituição mais benéfica de tal systema.

Ora, a respeito dos Inglezes, ainda que possuão as mais ferteis regiões das Indias Orientaes, e tenham ahi fundado o maior imperio conhecido desde o reino dos Mogoles, e, em consequencia d'elle, extraião as mais ricas produções da terra e industria de tão vastos paizes, e ellas sejam transportadas á Europa em seus proprios Navios, e tenham além disto aberto mui extenso commercio com as costas orientaes d'Asia, e particularmente com a China, tirando grande copia de valiosos artigos, principalmente do chá (que hoje he da primeira necessidade para Europa); com tudo os Inglezes não são os Senhores exclusivos do Commercio d'Asia. Além de que as suas vantagens mercantis de tal Commercio, são muito contrabalançadas pela despesa dos Estabelecimentos Militares; pois que estabelecimentos contra a natureza das cousas não se podem sustentar senão por meios desnaturaes e ruinosos. Por isso he notorio que a Companhia das Indias tem varias vezes estado no perigo de fazer banca-
rota.

Para segurar-se o Commercio da Europa com a China, he agora absolutamente necessario que a Peninsula da India seja governada por alguma grande Potencia Militar da Europa, capaz de a proteger. Se tal potencia se aniquilasse, perder-se-hião necessariamente por mui-

to tempo todas as connexões da Europa com a Asia. No presente estado de cousas, o Imperio dos Inglezes nas Indias Orientaes não he somente o fundamento de seu Commercio n'Asia, mas tambem segura ali o de todas as Nações: e como tal Commercio he hum objecto da primeira importancia a todos os povos, o imperio Britannico nesta parte do mundo deve ser considerado como de geral beneficio, e pôde, de certo modo, ser havido como propriedade commum.

Além das causas da geral queixa contra a Inglaterra por causa do monopolio do producto Colonial que se lhe imputa, ha outra que nasce da ignorancia dos verdadeiros principios da riqueza nacional. De annos a esta parte, se tem augmentado na Europa o consumo dos Generos Coloniaes. Nenhum esclarecido Homem de Estado achará difficuldade de explicar a causa disso, e menos terá razão de se lastimar deste eydente symptoma da progressiva prosperidade dos povos, que podem ter e pagar taes consumos com os productos da sua terra e industria, excitada esta com mais extenso e energico trabalho de todas as classes para terem mais gosos. Todavia muitos Estadistas da Europa lamentão esse consumo como desgraca nacional, porque, dizem, occasiona o luxo e esgoto do dinheiro para as Nações que tem Colonias, e mais ainda para os Inglezes.

He inutil incommodar aos leitores para mostrar que nisso não he infortunio para as Na-

cões que tem contra si a que chamão *balança desfavoravel*; pois, conforme aos genuinos principios de Economia Politica, não se deve dar o nome de mal e infortunio á possibilidade de se estender o consumo e gozo dos dons da Natureza, e á sahida do dinheiro em Nações activas, industriosas, e Comerciantes, que reem-bolsão e contrapezão com a *balança favoravel* de huns paizes a *balança desfavoravel* que tem no seu trafico mercantil com as outras. Não he de admirar, que os que tem vista curta, e mesquinhas idéas dos meios da prosperidade das Nações, se obstinem nos erros do caduco sistema Mercantil, e por cego odio contra Inglaterra, que tem mais extenso Commercio dos generos Coloniaes.

Mr. *Hauterive* chega ao excesso de accusar aos Inglezes de sua incessante assiduidade em investigar e fazerem estabelecimentos até nas regiões até gora não exploradas, e em paizes desconhecidos na Europa, á que, diz, já tem posto nomes *Inglezes*, accrescentando, que outras, ainda não descobertas, estão já a esperar *appellidos Britannicos*. Elle invectiva contra os seus descobridores, porque examinão todas as costas, e calumnía ao Governo de Inglaterra, porque os seus agentes sujeitão todos os districtos maritimos ao seu Commercio, e offer-tão a sua amizade aos Principes a que essas terras pertencem. Vê-se n' Africa espectaculo semelhante: viajantes Inglezes, inflammados com

a sede de descobrir paizes ignorados pelos Europeos, ali perecem, e são seguidos de successores impacientes de substituir-lhes; sentindo hum insoffreguidão e insaciabilidade de descobertas de paizes, objectos, e ramos de trafico, procurando antecipar-se e preoccupar o Commercio de Nações mais ricas que os dominios de Montezuma. Não adverte aquelle declamador, que nisso dá os melhores titulos de fama e gloria á Gram-Bretanha, pelos beneficios que, com tantos seus arduos riscos e dispendios, vem fazer não menos á si, que á todas as Nações, e á posteridade.

He hum chimera (que não sustenta o exame da razão e experiencia) imaginar-se, que qualquer ainda o mais forte e extenso monopolio dê possibilidades á todos os individuos de hum Estado a impôr arbitrarios preços sobre os compradores em todos os mercados da Europa. Ainda, suppondo-se que o Governo de hum Nação Commerciante seja tão cego, e sem senso commum, que povesse todos os ramos de Commercio externo nas mãos de Companhias exclusivas, e realmente monopolisadoras; ainda nesse caso (de nenhum modo provavel) as Companhias privilegiadas á final reconhecerião ser impossivel sustentar hum preço arbitrario nos objectos do seu monopolio: pois então o Systema do contrabando seria logo levado á tal extensão, que obrigaria aos monopolistas a abaixarem os seus preços, em

a desistirem absolutamente das vantagens dos seus privilegios.

Daqui não se segue que não seja de importancia para a Europa, que todos os Estados, que ainda tem, e antes tinham, possessões nas Indias Orientaes e Occidentaes, e cuja industria tem sido cortada ou agrilhoada pela revolução e guerra, recobrem o uso e posse de seu antigo poder, ou cessem da languidez e inactividade á que as presentes circumstancias os condemnão. O verdadeiro interesse da Europa consiste na maior possivel prosperidade de cada huma das suas Partes componentes, e no mais alto possivel gráo de riqueza em todas as Nações agricolas, manufactureiras, e commerciantes: elle tambem requer, que, em qualquer circumstancia, cada Nação possua certa justa partilha (isto he, a mais exacta e igual que seja possivel) do monte mor da riqueza geral (incluindo o producto das Indias Orientaes, e Occidentaes) que possa caber á sua particular situação, á natureza da sua industria, e áquella disposição e capacidade, que he necessaria para o desenvolvimento das respectivas potencias productivas. Neste ponto de vista, não só o cosmopolita philanthropico, mas até o esclarecido Homem de Estado, sendo instruido e firme nos solidos principios de Economia politica, desejará, que todo o paiz que tem oportunidade para expedições maritimas, goze de seu devido e proporcional qui-

nhão de Commercio, e Dominios Ultramarinos. Mas não devemos confundir esta Política justa e liberal com as fatuas, ainda que mui communs, opiniões, que servem de fundamento, ou pretexto, de todas as queixas contra a superioridade commercial de Inglaterra. Daes queixas são feitas por homens á quem são desconhecidos os grandes objectos dos Interesses da Sociedade, e os genuinos Principios de que depende a Prosperidade das Nações. Se estes fossem bem e geralmente entendidos, já se terião reduzido á silencio as declamações contra a Inglaterra.

*Resposta contra o arguido Monopolio das
Manufacturas Inglezas.*

O Commercio Colonial dos Inglezes, não obstante a sua grandeza, he sómente hum objecto secundario na massa geral da industria Britannica. As suas Manufacturas são o principal e mais fructifero manancial da parte da riqueza e potencia, que esta Nação tira do Commercio.

Mr. *Hauterive*, com muitos outros escriptores Francezes, tem descripto a preferencia alcançada pelas manufacturas Inglezas em todos os mercados da Europa, como hum jugo insupportavel, huma serviidão penosa, e hum tributo humillhante á todas as Nações. Elles dizem que a riqueza de Inglaterra

ra tem subido á hum gráo fóra do natural; pela pobreza que tem causado aos Estados d'Europa: e que, á proporção que esta sua riqueza cresce, tambem se augmenta, no mesmo parallello, o poder que adquire, para apertar, confirmar, e perpetuar os ferros oppressores e ignominiosos, com que todos os Governos, e paizes se achão mortificados, e reduzidos á huma desesperada inactividade. A aniquilação da independencia da industria das Nações cultas (dizem) conduz á destruição de toda a liberdade; e Soberania Commercial dos Inglezes se constitue o fundamento do seu despotismo politico; e assim o Governo Inglez vem a ser cada vez mais o Legislador, e o Tyranno da Europa.

O mais leve exame desta desfavoravel pintura, e desta linguagem declamatoria de lisonjeiros sophistas, que arengão infinito sem darem huma só prova, basta para mostrar, que os fundamentos de taes queixas são, á muitos respeito, arbitrarios, absurdos, e insustentaveis.

A decisiva, e quasi exclusiva, preferencia dada ás manufacturas Britannicas nos mercados da Europa, vem a ser o effeito de escolha, e não de alguma força que os Inglezes fação para lhes serem compradas: esta preferencia lhes he livremente dada, continuada, e confirmada; pois que Inglaterra não tem os meios de introduzir as suas producções, e fazellas obrigatoriamente vender em parte alguma. Se a extracção de taes producções,

tão prompta, e extensamente consumada, que elles achão em toda a parte, fosse destructiva da industria, e tendente a pôr em abatimento e dependencia a todos os outros paizes (como os inimigos de Inglaterra inculcão) seria incomprehensivel, como tantas Nações ainda se submettão voluntariamente a hum jugo, que está na sua mão sacudir. E quando se suppuzesse, que tão obstinadas erão as preocupações, e tal o encantamento dos povos, em receberem as manufacturas Inglezas, e que, por geral dementia, preferissem as suas manufacturas; porque razão os respectivos Governos não têm até agora feito todos os possiveis esforços para impedirem a entrada desse supposto veneno consumidor de seus Estados; vendo-se antes, ao contrario, que, ainda a pezar das baionetas, e ameaças do Governo Francez sobre todos os Estados subjugados, e seus dependentes, tributarios, ou influidos, continúa sempre o contrabando Inglez, com alicia, e mil perigos de perdas e tomadas, e todas as classes de mandão mercadorias Inglezas?

A força destes argumentos he capaz de convencer até as pessoas de infima capacidade, ainda que alias sejam inhabeis a distinguirem as relações entre a causa e o effeito, neste grande e regular phenomeno economico politico; e admira, que tão obvias considerações não tenham destruido as teias de aranha das trapaças francezas.

A vista das queixas que a França faz da

tyrannica oppressão da industria Inglesa; naturalmente occorre perguntar, o como esta industria, tão aborrecida e detestada, e que se diz ser a causa dos infortunios, miseria, e ruina da Europa, tem podido manter tão pacificamente a sua prerogativa, desde que foi adquirida? Porque razão todos os individuos e Governos (se não fosse a actual violencia e a compulsão de Potencia Superior) não se tem já mais ligado para excluir as manufacturas Britannicas de todos os mercados, e assim, por hum esforço varonil, quebrar os ferros que os encadeão? A resposta he obvia: o seu proprio interesse o prohibe: porque, ainda que elles não tenham hum distincto conceito da natureza desse interesse, com tudo tem huma idea vaga, e senso intimo, da vantagem que os impelle a preferir as manufacturas Inglezas, e que he mais poderosa do que todas as supposições chimericas do prejuizo e ignorancia. Façamos esforço de desenvolver este sentimento intimo, e idea vaga; tiremos-lhe a escuridade com que está involvida.

A superioridade da Gram Bretanha em suas manufacturas nos mercados de Europa, semelhante ao seu ascendente no Commercio Colonial, funda-se em dous principios: hum *positivo*, e outro *negativo*.

O *principio positivo* he a intrinseca excellencia das obras de sua industria; ou, em outros termos, as particulares vantagens porque

Inglaterra he habilitada, com menos esforço do que as outras Nações, a preparar manufacturas de igual bondade, fazendo-as melhor, com a mesma applicação e quantidade de trabalho, adquirindo por isso a possibilidade de offerecer nos Mercados da Europa, á mais comodo e baixo preço, mercadorias tão boas, ou ainda superiores ás de outros paizes; vindo por isso os povos com quem commerceia, a serem suppridos, em suas demandas, de artigos mais perfectos, ou mais baratos, do que outra Nação pôde vender. A razão desta intrinseca e particular excellencia das manufacturas Britannicas he obvia: ella he devida: I. ao progresso de quasi todas as artes que os Inglezes cultivão: II. ao extenso uso e melhoramento das machinas que empregão para abreviar e aperfeiçoar o trabalho: III. á grandeza de seus capitães: IV. á agudeza do engenho e espirito do povo para emprehender tudo, e aspirar á perfeição em qualquer mão d'obra: ella he tambem a consequencia do character, habitos, policia, e constituição da Nação. Todas estas circumstancias contribuem a lhe produzir e segurar as ditas vantagens.

O *principio negativo* do referido ascendente he a comparativa fraqueza e indolencia das outras Nações; a *sua ignorancia de economia politica*; o seu desprezo de muitos ramos de industria que os Inglezes aproveitão. Todas estas cousas são consequencias de seus proprios de-

feitos ; e por isso ellas se constituem necessariamente inferiores e dependentes da industria de Inglaterra.

A demanda de manufacturas Britannicas nos mais cultos paizes da Europa, e entre as Nações que tem semelhantemente levado a industria á grande perfeição, he consequencia e prova da positiva superioridade da industria dos Inglezes. Por esta superioridade he que ainda retem (mais ou menos) os mercados da Alemanha, e da maior parte dos paizes do Norte, e ainda da mesma França, antes e depois da revolução.

Elles gozão ainda de hum *superioridade negativa* em outros paizes de meno adiantamento em artes e riquezas, e menos industriosas que as referidas, como, por exemplo, na Russia, onde os Inglezes com seu capital e trabalho tem estabelecido manufacturas; e dahi tambem procede o ascendente que a sua industria tem adquirido em taes paizes.

Ora, sendo este predomínio das manufacturas Inglezas em todas as partes da Europa hum consequencia da sua real e intrinseca excellencia, e comparativa barateza, ella por isso mesmo vem a ser claramente hum vantagem á cada Nação, e á Sociedade em geral, não menos que á Inglaterra. He do interesse de todos os individuos procurar as mercadorias que precisão, preferindo o paiz que lhas vende de melhor qualidade, e mais baratas.

He do interesse de toda a pessoa (e ninguém nisto se engana, deixando á si mesmo) preferir os artigos de commercio vindos dos paizes estrangeiros á mais baixo preço, antes do que comprallos no proprio paiz, ainda sendo de igual qualidade e de certo o faz se pôde adquirillos dos estrangeiros, sendo ao mesmo tempo melhores e mais barâtos: ora o interesse de todos individuos certamente constitue a vantagem de toda a Nação.

E na verdade, o interesse de toda a Nação he sempre supprir as suas precisões com a menor possivel despesa de trabalho e capital. Quanto for maior a sua economia a estes respeito, tanto será maior o excedente de seu reddito sobre a sua despesa, para poder esse excedente ser applicado ao augmento do proprio fundo, isto he, da sua riqueza positiva, e consequentemente para ulterior amplificação das suas potencias productivas.

Quando o Commercio estrangeiro de huma Nação he governado por estes principios (que se fundão na ordem natural das cousas) elle he sempre benefico e productivo. O interesse de classes particulares pôde ás vezes estar de encontro com taes principios; mas a vantagem da Communidade (e ainda dos individuos dessas mesmas classes, considerando-se como fazendo parte da massa geral) he inseparavelmente connexa com elles. Fabricantes, Comerciantes, Estadistas, que não crem em taes

principios, podem continuar a suppor que a Nação, se empobrece recebendo as manufacturas de outras Nações: porém o bom senso desprejudicado ha de logo entrever (o que se confirma pelo verdadeiro conhecimento das fontes da riqueza geral) que todo o ramo de commercio, qualquer que elle seja, sendo produzido pelo melhoramento da industria humana, he benefico á toda a Nação que d'elle se aproveita, tanto aos Compradores, como aos Vendedores. Fabricantes e Comerciantes, (e os Estadistas influidos por elles), forão os primeiros que levantarão o presente clamor, em que erão interessados para removerem concorrentes no mercado nacional, exaggerando a dependencia da Europa á respeito do ascendente da industria Britannica: os inimigos politicos de Inglaterra prevalecerão-se ansiosamente deste clamor, que favorecia as suas vistas de ambição; e o que aquelles chamarão *dependencia*, e erro economico, estes qualificarão com a invectiva de *jugo intoleravel*, *fraqueza*, e *abatimento*. A ignorancia produzio estes absurdos; a preocupação e fraude os acreditarão; e a falta de idéas justas relativamente aos principios de economia politica, tem feito que a ignorancia e paixão triumphassem, em hum século aliás a outros respeitos tão illustrado, e tão justamente altivo pelos adiantamentos nas artes e sciencias.

Considerando-se que a superioridade da in-

dustria Britannica tem actualmente por colum-
 nas a fraqueza ou negligencia das outras
 Nações, e os erros de seus systemas economi-
 cos e politicos, sem duvida esta causa tem ef-
 feitos prejudiciaes, não só á estes paizes, mas
 tambem á sociedade civil; pois que he do in-
 teresse do Genero Humano, que toda a Nação
 tenha os possiveis melhoramentos em seus re-
 cursos, e potencias productivas. Se, por exem-
 plo, Russia e Portugal empregão os capitães
 e braços Inglezes nas suas manufacturas, sem
 duvida isto he prova de grandes faltas no sys-
 tema de sua industria domestica, ou de radi-
 cal defeito de sua economia politica. Porém o
 remedio seria, não o excluir os fundos e a in-
 dustria dos Inglezes, mas sim o reformar ca-
 da Governo devidamente a Policia interior de
 seu Estado: o que seria benefico, não só á to-
 dos que nisso immediatamente se interessão,
 mas tambem á todas as Nações da Europa.
 Sentir-se-hia vantagem no melhoramento do to-
 do o Continente Europeo, pelo melhoramento
 das suas partes. Em quanto não se fizerem as
 saudaveis reformas na Administração de taes
 Estados, he clara e innegavel vantagem não
 só destes paizes que empregão trabalho e capi-
 tal dos estrangeiros, mas tambem de todo o
 systema da industria Europea, que os meios e
 recursos de Inglaterra supprão a falta de meios
 e recursos das outras Nações. Seria muito maior
 o infortunio, se os campos da industria huma-

na que são agora cultivados e aviventados pela habilidade e capital dos Inglezes, houvessem de ficar desertos e improductivos.

Estes não podem com justiça ser arguidos da inferioridade dos paizes que tem economia nacional defeituosa, e mal dirigida: he calumnia e vilania o fazellos responsaveis da barbaridade, indolencia, impericia, naturaes difficuldades, ou má administração dos mesmos paizes; e he absurdissimo condemnallos de se aproveitarem, quanto mais lhes he possivel, em maneira licita (por sua excellencia nas artes, sua industria, e seu espirito de empresa) de todas as circumstancias que lhes deixão campo aberto ao exercicio dos seus engenhos, braços, e capitaes, de que aliás tambem resulta beneficio á esses mesmos paizes; pois, sem taes soccorros, seriam, em igual proporção, ainda mais estereis, e sem estabelecimentos uteis; obtendo, ao contrario, agora, pelo Commercio Inglez, superior abundancia, e supprimento melhor e mais comodo. A preeminencia pois da Gram Bretanha no commercio e industria vem a ser de geral vantagem á todas as Nações, a medir-se esta pelos verdadeiros principios de Economia politica.

Toda a Humanidade tem real interesse na existencia de hum povo, cuja industria e pericia em trafico mercantil, e manufactureiro, tem sido levada á tão maravilhosa extensão, e pela qual todas as Nações sao actualmente pro-

vidas de innumeráveis artigos do geral consumo, á preços comparativamente mais baratos, e de superior qualidade, do que póde alguma Nação fabricar e vender, e cuja assombrosa actividade dá grande, e não infructifero, exemplo aos outros paizes, para a innocente emulação de aspirarem também á melhora de sua economia e industria.

O maior possível melhoramento das potências productivas de cada Nação, e a maior possível extensão das riquezas, artes, e industria de cada huma, são do real interesse de toda a Europa. Mas, attenda-se, que, pelo progresso da riqueza e industria da Europa, a Inglaterra não perderia o ascendente que tem ganhado de sua industria e capitaes; pois a actual superioridade de seus meios não ficaria perdida, ou cessada, por ser privada de hum ou outro campo de acção; a energia Nacional exploraria outros novos campos de industria, para descobrir novas fontes de opulencia, que sem duvida accrescentariam as riquezas da Sociedade. Por tanto he só apparente a perda que huma Nação civilizada e industriosa soffreria pela elevação das outras; ao contrario, crescerião os reciprocos equivalentes para mutuo e vantajoso commercio.

He do verdadeiro e bem entendido interesse de Inglaterra, como de toda a Europa em geral, que a industria e riqueza se augmentem, no maior gráo possível, em toda a parte do Mundo. Não he o barbarismo e a pobre-

za d'as outras Nações, mas as suas riquezas e civilisação, que podem accrescentar a riqueza de Inglaterra. Se o Governo Inglez impedisse a industria dos outros paizes por força ou fraude, mereceria toda a censura e indignação; e os máos effeitos de tão injusta policia cahirão sobre a cabeça do proprio oppressor: então he que se poderia com razão dizer, que a Nação Britannica estaria em directa opposição aos desejos, esforços, direitos, e interesses de todas as outras Nações, e se poderia bem arguir de ser o inimigo commum, o tyranno, e o flagello da Europa. Mas o Governo Britannico e a Nação não podem ser accusadas de tal demencia.

Possão os nossos melhores Genios, e os dictames da verdadeira Economia politica, impedir o procurar-se a geral vantagem na immediata degradação de Inglaterra! He de espantar, que tão cru systema, concebido por espiritos acanhados, ainda seja reputado como o summo da sabedoria. Custa a conceber como homens illustrados já mais podessem pensar em boa fé, que a riqueza ou a pobreza de huma Nação deverião ser fundadas na pobreza ou riqueza das outras. Enfraquecer a Inglaterra seria enfraquecer a Europa. A riqueza e industria desta Nação vem na realidade, pelas suas saudaveis consequencias, a pertencer a todos os outros paizes. Os trinta milhões esterlinos de manufacturas que Inglaterra accrescenta ao fundo Commercial da Europa, fórma grande e im-

portante porção da riqueza das Nações. (*) Se tal fundo desaparecesse, ainda só em parte, que seria de cada vantajofo mercado, que Inglaterra apresenta á todas as naturaes producções, como trigos, vinhos, madeiras, metaes do Continente, que se commutavão por equivalentes das mesmas manufacturas?

Haveria certamente huma perda real, se as Nações que vendem estes productos, empregassem maior quantidade delles em comprar a mesma somma do que precisão em obras manufacturadas, mas de inferior qualidade do que a que os Inglezes antes lhes davão em troco. Com tal avessa economia, cessaria de existir a actividade e industria excitada até agora pelo Capital Britannico em cada paiz commerciante, e dahi diffundida sobre todos os mares, rios, e paizes das mais remotas regiões do mundo. Seria impossivel prevenir, ou remediar tão grande perda. O ciu-me, e a curta vista dos fabricantes e commerciantes do Continente, e igualmente dos Homens de Estado que adoptarem as suas mesquinhas regras, podem tirar vantagem egoistica do projecto de humilhar a Inglaterra, prohibindo-lhe a venda de suas manufacturas nas Nações Europeas; mas toda a Europa não

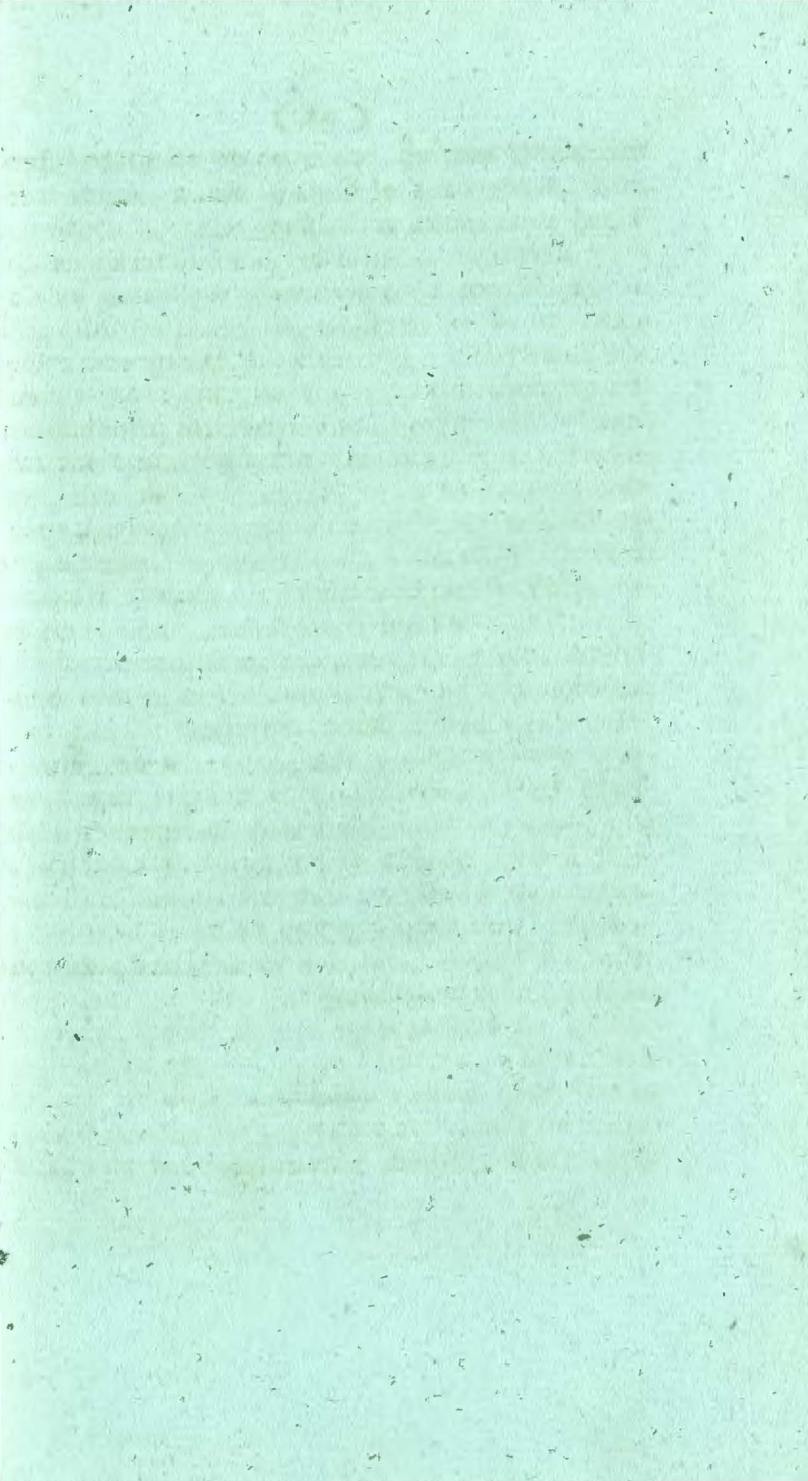
(*) Na falla que o Ministro Inglez do Thesouro fez em Maio do corrente anno de 1810 ao Parlamento, declara, que as manufacturas da Nação no anno passado crescerão a 35 : 197, ou lib. esterl.

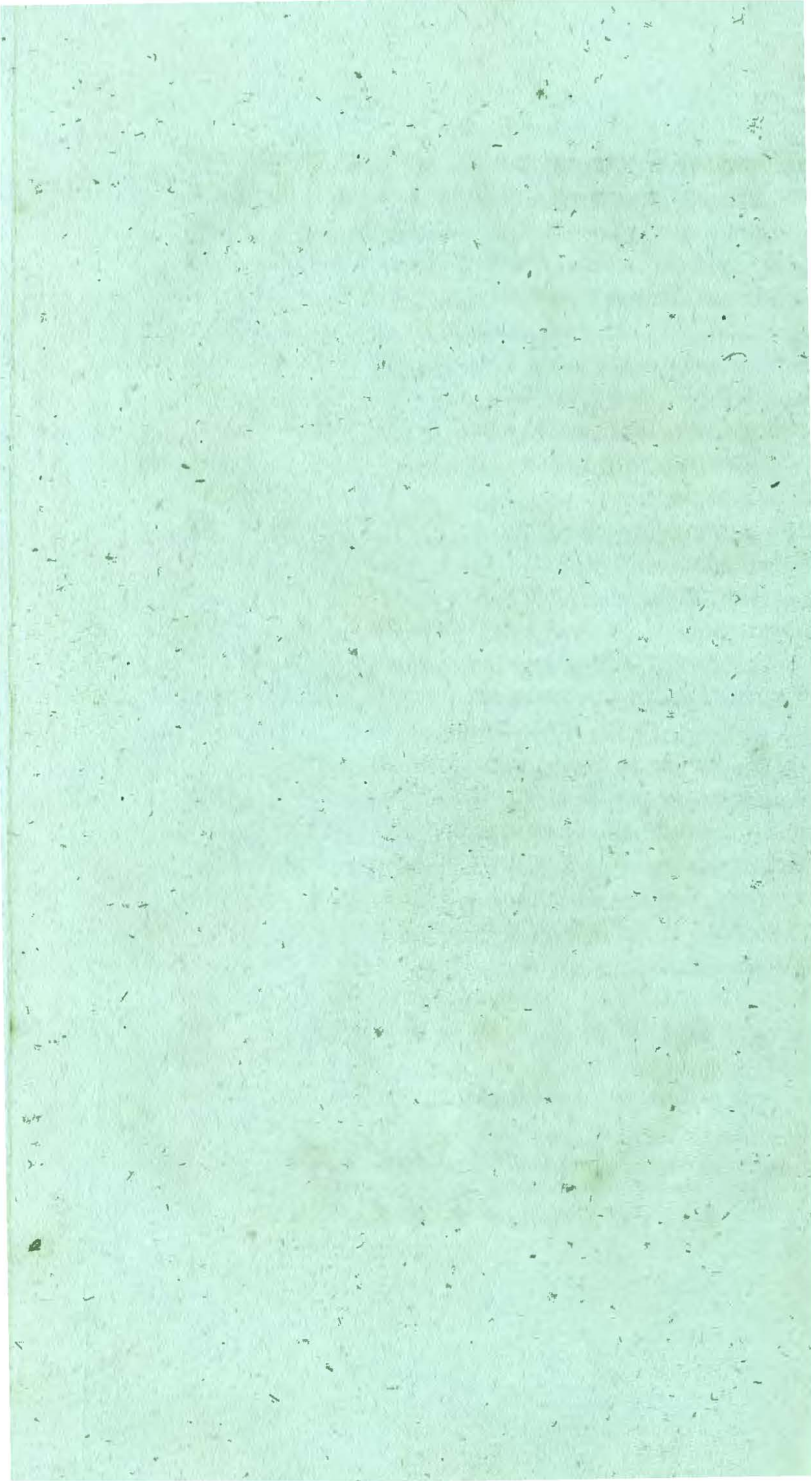
teria causa de se regozijar de suas chimericas esperanças, ainda quando se realizassem. Esta mudança he pelos sophisticos inimigos de Inglaterra representada como o passo necessario para o que dizem *geral emancipação* das Nações á respeito da industria Inglesa, e he esperada pelos seus ignorantes e credulos partidistas: mas tempo virá, em que a devída consideração dos verdadeiros interesses da Europa será a final posta em mui differente modo de ver. O levantamento das outras Nações á maior perfeição não destruirá a commercial superioridade de Inglaterra, como o deseja a detestavel inveja, crassa ignorancia, e mortifera policia dos sectarios do Caduco Systema Mercantil.

Tem-se dito que a presente guerra tem sido a fonte das maiores vantagens á Inglaterra; que ella he quasi necessaria á sua existencia; e que, no mesmo momento em que cessar, logo a paz trará inevitavel queda á sua grandeza commercial. Mas he inócontrovertivel, que aquelle paiz, longe de se abaixar com a paz, será, em muitos respeitos, o que ha de mais ganhar com ella, do que qualquer outra Nação; pois restabelecerá as naturaes relações de todos os paizes; e visto que nenhuma Nação, como a Inglesa, pôde vender mercadorias de melhor sortimento, perfeição, e barateza, e fazer mais longos creditos na venda: e como nenhuma se lhe emparelha em capitaes e actividade de industria, ella necessariamente manterá a sua supe-

rioridade relativa, para obter voluntaria preferencia em sua freguezia e communicação mercantil com todas as Nações.

Reforma na interior administração de todos os Estados; huma sabia, e liberal legislação; superior attenção aos genuinos interesses do commercio e industria; e o progressivo melhoramento nas verdadeiras fontes da riqueza das Nações segundo os verdadeiros principios da Economia politica, são propostas, que indubitavelmente merecem a approvação de todo o espirito que reflecte, e de todo o amigo da Humanidade. Bemaventurado seja o Governo que as adoptar em toda a sua extensão! Honra e louvor seja a todo o escriptor, cuja energica eloquencia possa levantar da lethargica indifferença aos que até o presente tem sido omisso, ou tem recusado seguillas! Então cada paiz sentirá as suas particulares vantagens; e cada hum desenvolverá os seus recursos productivos, por huma actividade independente, irrestricta, e benefica, e na ordem, maneira, e grão, que a sua natureza e situação lhe dictar: então a grandeza e potencia de cada huma se fundarão sobre a força e prosperidade de toda a Republica Mercantil.





REFUTACÃO

João G. P. DAS *Divas*
DECLAMAÇÕES
CONTRA

COMMERCIO INGLEZ,
EXTRAHIDA

DE
EXSCRIPTORES EMINENTES,

POR
JOSE DA SILVA LISBOA,
PARTE II.



RIO DE JANEIRO.

1810.

NA IMPRESSÃO REGIA.

Por Ordem de S. A. R.

Veritas plurimis modis infracta, primum inscitia reipublicæ ut alienæ, mox libidine assentandi. Speciosa nomina prætexuntur. Nec quisquam alienum servitium et dominationem sibi concupivit, ut non eadem ista vocabula usurparet: falso hæc obtendi ab iis, qui privatim degeneres, in publicum exitiosi, nihil spei nisi per discordias habeant.

Tacitus.

Declamations ne devraient jamais faire d'impression sur les bons esprits. Mon Principe a été de ne point me remettre sur les rangs des gens méprisables. Quant à mon livre, j'entends quelques frelons qui bourdonnent autour de moi; mais si les abeilles y cueillent un peu du miel, cela me suffit.

Montesquieu, Letr. famil.



P A R T E II.

Prosperidade de Inglaterra depois do Interdicto do Commercio da Europa.

O S odios Nacionaes tem em todos os tempos attenuado, ou, para melhor dizer, desnaturado as vantagens do Commercio exterior, concentrando-as na que se chama a sua *Balança* isto he, o *saldo em dinheiro*, que hum povo paga aos outros, ou recebe, quando ajusta as suas contas de cada anno. O que tem a seu favor este saldo, e se appropriia maior somma de metaes preciosos, crê ter por isso ganhado mais; e quasi sempre em consequencia desta somma he que se costuma decidir até que ponto o Commercio seja proveitoso á hum paiz, ou nocivo á outro. Poucos erros tem sido tão ferteis como este em ciúmes nacionaes, e mais funestos á paz do mundo. Tentemos destruillo.

O Commercio exterior de hum povo consiste no troco dos productos á que o seu clima, ou a sua industria, o constitue mais proprio que o das outras Nações, e com o sobejo dos quaes elle adquire em retorno os productos ruraes ou industriaes, que estas Nações, postas em circumstancias differentes, colhem com menos

despeza. Hum exemplo explicará o como estes trocos são vantajosos á todos que concorrem á elles.

A Inglaterra, sacrificando, como a França, os seus melhores prados, e muitos estrumes, poderia muito bem fazer a colheita do tabaco que consome, e que os povos da Virginia lhe fornecem. Mas se o clima temperado daquella Ilha favorece ahi especialmente as pastarias, e em consequencia a criação de gados; entretanto que o sol ardente da Virginia, e igualmente as suas terras ainda virgens, recusão as pastarias, e produzem ahi hum tabaco superior ao da Europa, não he claro, que os Inglezes, e os povos da Virginia, ganhão cada anno mutuamente em se trocarem os reciprocos sobejos, de lãns e tabacos, que, do contrario, seriam superfluos, sem valor, e inuteis á huns e outros, e em consequencia não se reproduzirão no anno seguinte, por desnecessarios, e de despesas perdidas?

Para melhor se conhecer o ganho que elles fazem, mudarei a denominação dos *valores pecuniarios* dos generos, substituin-do á *libras esterlinas*, e á *dollars*, a expressão *dias de trabalho*: e digo.

A Inglaterra vende mil quintaes de lãns brutas, ou em obra, que lhe custarão *cem mil dias de trabalho*, em troco de tabacos, que lhe terião custado *duzentos mil dias de trabalho*, se os tivesse cultivado e colhido no seu territorio.

A Virginia com os seus tabacos, que só lhe custarão *cem mil dias de trabalho*, compra lanifícios Inglezes, que lhe terião custado *duzentos mil dias de trabalho*, se tivesse querido transformar as terras lavradas em campos de pastagens, e os seus lavradores em tecelões.

Não ha quasi ramo algum de Commercio de qualquer povo, cujas vantagens não se possam explicar da mesma maneira, se fosse possível fazer-lhe ver, no verdadeiro ponto de vista, as moedas d'ouro que elle dá ou recebe, mostrando que estas vem a ser como as marcas de jogo, e que só servem a medir os valores, e ajustar as contas.

Sem duvida as moedas, na qualidade de metaes, tem hum valor intrinseco, e tambem figurão no *Hade haver* do Balanço das Contas das Nações em seu commercio exterior. Mas, ainda que a parte das suas riquezas, chamada, *dinheiro ou numerario metallico*, não he senão huma *fracção* muito menor do que vulgarmente se suppõe; ella tambem he de natureza tal, que a sua carencia se póde facilmente supprir com ajuda do *papel-moeda*; ao mesmo tempo que hum povo não póde adquirir as outras especies de riquezas senão; ou creando-as por si mesmo, ou fornecendo os seus equivalentes aos estrangeiros.

Quantas ideas falsas! Quantos conflictos! Quantas guerras se terião evitado atégora, e se evitarião daqui em diante, se fosse possível

aos Estados Europeus apartar de seus Balanços de Commercio Estrangeiro os trocos feitos em *dinheiro*, formalisando huma conta de ganho feita em *dias de trabalho*! Com este *novo denominador*, o Commercio exterior se lhes apresentaria tal como elle he; *reciprocamente lucrativo* á todas as Nações que participão d'elle, e que aliás pensão que nada nelle ganhão. Aquelles mesmos que se queixão de terem perdido em tal Commercio, verião logo que elles, por via do mesmo Commercio, adquirem os artigos de suas carencias com menos despezas, e que recebem muito mais do que o exacto equivalente das respectivas mercadorias.

Todavia não intento dizer, que o Commercio exterior seja igualmente proveitoso á todas as Nações; porque este proveito depende, alem de outras causas, do gráo comparativo, em que ellas tem abbreviado e aperfeiçoado os processos do trabalho cujos productos exportão.

A este respeito os Ingleses tem hoje em dia huma preeminencia decisiva. Devem esta vantagem á sua situação insular, ás suas minas de carvão, e ás innumeraveis machinas, que as bombas de fogo põe em movimento. Elles vendem nos paizes estrangeiros as produções das suas principaes fabricas, com a vantagem que teria hum lavrador que, havendo descoberto o arado, vendesse o seu trigo em concorrência com outros que lavrassem a ter-

ra á enchada. He natural que se excitassem os ciumes entre estes concurrentes; e que os lavradores de enchada arguissem de cobiça ao lavrador de arado, e o accusassem de impossibilitar a venda do seu trigo, e de encadear a sua industria agricola. Mas que os proprios compradores deste Genero formassem huma liga para não comprarem o trigo excellente do lavrador de arado, que aliás o dá mais barato, e igualmente de lhe não venderem cousa alguma; eis-aí o que parece inconcebivel, se a Europa civilisada não viesse dar disso hum exemplo na sua liga universal contra o Commercio Britannico.

Que importa ao Russiano, que os Inglezes, com ajuda de seus capitaes, e de suas machinas, tenham fiado e tecido em hum só dia huma fazenda de algodão ou lã, que elle troca com os mesmos Inglezes por huma quantidade de canhamos, ou sebos, que lhe custarão dous dias de trabalho, e que custarão tambem aos Inglezes os mesmos dous dias de trabalho, se estes a produzissem no proprio paiz?

Se no estado natural da sua industria, elle não póde adquirir os materiaes de tal fazenda, nem fabricalla sem empregar trez dias de trabalho, hum e outro povo ganharão neste troco o pouparem huma correspondente quantidade de trabalho; e poderá cada hum delles empregar o trabalho assim poupado em crear proporcionalmente maior quantidade de

fazendas, canhamos, e maior numero de outros productos. Os trocos destes productos augmentados, feitos em paiz estrangeiro, habilitão, tanto aos Russos, como aos Inglezes, á poderem, com a mesma quantidade de braços empregados dentro da Nação, antes trabalhando da sua maneira ordinaria, segundo as naturaes oportunidades da respectiva situação, á fazerem maiores producções, e consumos; que he o grande fim da Economia politica, e o unico meio de augmentarem todas as Nações cada anno, não sómente o seu fundo de despesa, mas tambem o seu fundo de reserva.

Não me teria empenhado nesta discussão, se a inveja, á que a riqueza rapida dos Inglezes os tem exposto, não tivesse occasionado o Decreto do Governo da França, que bannio o seu Commercio da Europa, com o pretexto que este Commercio he mais proveitoso á Inglaterra, que ás outras Nações da Europa (o que entendo ser verdade; mas que, á certo respeito, não faz mal em cousa alguma á estas Nações). Estas mesmas Nações na esperança incerta de impedirem que a Gram-Bretanha se enriqueça, tem consentido em correrem o risco certo de se empobrecerem, prohibindo a si proprias não só todas as compras á Gram-Bretanha, mas até todas as vendas á mesma.

Concedida a hypothese, assás provavel, que as exportações de Inglaterra occupão nas Fabricas, Escriptorios, e nos mares, quasi qui-

nhentos mil individuos de toda a idade, e sexo, e de todas as profissões; ellas se podem considerar como o producto de 50 milhões de *dias de trabalho*. Parece igualmente provavel, que este povo receba em retorno no Commercio com os outros povos o producto de 300 milhões dos respectivos *dias de trabalho*. Ora vou mostrar o como estes ganhão no mutuo troco, longe de serem lesados, aindaque realmente dem 2 por 1. Se a vantagem vem, em fim de conta, a estar da parte do povo Inglez, he porque elle tem a sagacidade de se dedicar com preferencia, para o seu Commercio exterior, á certos trabalhos, que a abundancia de seus combustiveis lhe permite abbreviar e simplificar até hum grão, cujos limites são desconhecidos. Com effeito, aindaque os Inglezes hoje fiam o algodão dez ou vinte vezes mais depressa do que se fiavão ha hum século; ninguém pôde dizer que não o hão de fiar, e tecer ainda dobradamente mais depressa. Mas não he assim a respeito dos productos, que elles recebem em troco; como vinhos, canhamos, sebos, peles, linhos, lãs, sedas, madeiras, &c.: pois aindaque a terra seja huma obreira, cujo trabalho tambem se possa estimular, e fazer crescer até certo ponto, sem lhe abater a força, com tudo aquelle ponto tem limites; pois que esta obreira descança no tempo de inverno; ao mesmo tempo que huma bomba de fogo trabalha todo o anno, dia e noite. Mas

para produzir huma colheita de vinhos, canhamos, sedas, ou para formar huma grande arvore, a Natureza precisa de certo tempo, que todo o engenho dos homens não poderia abbreviar. Debaixo deste ponto de vista, o povo Inglez tem huma vantagem decisiva sobre os povos, com que troca as suas fazendas, ou as suas obras de metal, pelos vinhos, ou pelas madeiras dos mesmos; e com tudo este troco não he menos vantajoso aos mais paizes que a Inglaterra, aindaque o seja de huma maneira differente.

Por exemplo: se para se castigar os habitantes da Norwega, por terem cessado de fazer as suas remessas de madeiras de construcção á Inglaterra, esta quizesse imitar a França, a qual, a fim de não ser mais tributaria aos Americanos pelo seu algodão, emprehendo a cultura deste genero em hum clima que não he proprio á tal producção, ser-lhe-hia facil produzir nelle os pinheiros, que a Norwega não quer vender-lhe. Mas, de huma parte, além do trabalho de os plantar e cortar, seria preciso empregar para tal cultura alguns milhões de geiras de terra que aliás dão hum producto não menos necessario, e de maior valor: e, de outra parte, os pinheiros da Norwega brotão espontaneamente, sem carecerem de cultura e despesas; e (o que mais he) crescem em hum terreno exclusivamente proprio á sua producção, e perecerião nas

costas adjacentes, se a Inglaterra deixasse de as demandar, ou se não tivesse mercadorias que offerecesse em troca. A qual destes dous povos seria mais conveniente este Commercio? Não o sei, e pouco importa. O que se pôde dizer de certo he que, suspender tal Commercio, ainda no tempo da guerra, he seguramente o cumulo do delirio.

Não he a primeira vez que a inveja tem dictado máos conselhos: mas quem poderia esperar, que esta doutrina, prégada na França e na Russia contra o Commercio marítimo, acharia em Londres sectarios, que affirmão, que a sua Ilha, renunciando á tal Commercio, não deixaria por isso de ser intrinsecamente rica?

Nenhuma doutrina tem sido calculada melhor que esta para fazer levar de rojo o mundo social para o estado da barbaridade. Antes de admittilla, seria preciso negar, que hum povo vem a ser mais productivo, e que pôde fazer mais consumo, e ter mais gozos, á proporção que tem mais motivos, e meios para produzir, consumir, e gozar; ou mostrar, que elle pôde adquirir em maior quantidade, e melhor qualidade, os artigos que precisa, obatinando-se a produzillos todos por si mesmo, do que applicando-se com preferencia á produzir aquelles artigos, em cujo trabalho elle tem alguma superioridade sobre os outros povos; afim de trocar a sobra do proprio consu-

mo por outros productos de trabalho dos habitantes de diversos paizes, á respeito dos quaes estes trabalhadores tambem tem sua especial excellencia, ou naturaes opporrtunidades.

A nova seita de Escritores Ingleses de que fallo, e á testa dos quaes está Mr. Spence (*), funda-se, em que o Commercio interior faz nascer e crear os productos, entretanto que o Commercio exterior (no seu entender) não adquire senão *equivalentes*. Se elle entende por isto, que nenhuma Nação Commerciante dá aos Estrangeiros cousa alguma de graça, a sua descoberta se poderia igualmente applicar ao Commercio interior: mas penso ter mostrado, que todas as Nações que se trocãõ os respectivos productos, recebem alguma cousa de mais, que o *mero equivalente*, ou, em outros termos, que cada hum das ellas *dá menos para receber mais*. O caso tão familiar do ganho que achão ter o padeiro, o carreteiro, o alfaiate, e o çapateiro de hum cidade, em se empregarem todos huns aos outros na sua industria respectiva, antes do que fazer cada hum delles por si mesmo, o que os outros trez fazem melhor, e mais depressa, se applica igualmente bem ao ganho que as Nações achão ter em se empregarem

(*) Author da Obra = Gram-Bretanha independente do Commercio. =

mutuamente no serviço reciproco. Aqui não ha differença senão do pequeno para o grande.

Os ditos Escriptores tambem estabelecerão por principio economico; que hum povo pôde vir a ser rico, e muito rico, ainda que aliás se prive de todas as communicações com os outros povos. Mas tal principio, ainda que incontestavel, não serve aqui senão para subterfugir a questão; a qual consiste em saber, se a Inglaterra, a Russia, a Alemanha, a França, a Italia, não serão mais ricas, e mais acceleradamente ricas, trocando os productos de seus trabalhos, para que cada huma tem mais aptidão, pelos productos do trabalho, para os quaes cada huma das outras Nações, tem especial primazia.

Ainda menos mal seria, se estes desprezadores do Commercio estrangeiro parassem naquella sua these. Mas no desprezo que affectão á tudo que não são negociações interiores e domesticas, vão até o excesso de sustentarem, que o Commercio exterior de Inglaterra não a tem enriquecido; e que esta nada tem ganhado em proseguir nelle, e que nada perderia, se o renunciasse; asserção esta assás contradicta pelo prodigioso augmento de suas riquezas em todo o genero de effeitos moveis, instrumentos de trabalho, navios, estaleiros, armazens, bemfeitorias rusticas e urbanas, &c. Hum facto digno de se observar he, que a maior parte desta creações datão do principio

dô reinado do presente Monarcha, época do grande vôo que os seus vassallos tomarão para o Commercio estrangeiro.

Eis os termos de Mr. *Spence*. „ A riqueza que derivamos do Commercio estrangeiro, he nada; a sua utilidade, na maior parte, se reduz ao poder de nos procurar certos artigos de luxo, sem os quaes podiamos muito bem passar, em troco dos quaes aliás damos mui valiosos artigos necessarios. Consequentemente as nossas riquezas, a nossa grandéza, e a nossa felicidade, são independentes delle. Toda a Nação que faz alguma importação, paga por ella o *equivalente* ao paiz onde faz a compra: então só tem lugar o *mero traspas*so de riquezas, e não a *creação* dellas: o que huma ganha, a outra perde; e a *riqueza nacional fica sendo exactamente a mesma*. Nenhuma riqueza nacional pôde, em caso algum, derivar-se do *Commercio de importação*: e aindaque, em alguns casos, a riqueza nacional se possa derivar do *Commercio de exportação*, com tudo a Gram-Bretanha, em consequência de circunstancias particulares, não tem derivado, nem deriva, deste ramo de Commercio porção alguma de riqueza Nacional.

Tal he a doutrina que hoje se propaga na patria de Adam Smith! Eis-ahi como os extremos se toção! Eis a que ponto o patriotismo pôde desorientar aos homens, aliás esclarecidos, como Mr. *Spence*!

He preciso fechar de proposito os olhos para não ver, que a causa de tantas creações rapidas de riquezas são ligadas á perfeição introduzida nos methodos de trabalho das artes uteis; perfeição tal, que os artigos de subsistencia, e de vestido de huma familia Inglesa não custão hoje em dia metade do trabalho que a mesma quantidade de subsitencias, e vestidos custavão ha cem annos. Donde se segue, que, esta Nação presentemente com a mesma quantidade de trabalho colhe quasi o dobro dos productos que antes; que estes productos assim multiplicados estão no alcance de muito maior numero de classes de pessoas para os pagar, e desfructar; e que accostumando-se estas com os consumos dos mesmos productos em proporção que os respectivos trabalhos são *mais efficazes*, isto he, *mais productivos*, taes classes podem, cada huma na sua esphera, pôr em reserva, e accumular de hum anno a outro, maior porção do producto do proprio trabalho, afim de facilitar, e abbreviar sempre mais o trabalho dos annos seguintes; que, em fim, esta economia redobrada no trabalho, e esta producção, sempre mais activa, se devem principalmente ao Commercio exterior, que excita dentro da Nação as classes laboriosas á aperfeiçoarem cada vez mais, de melhor á melhor, os instrumentos do trabalho, á medida que, pela extensão do Commercio exterior, estiverem mais certas de ter fóra do paiz boa extracção dos

productos, que excedem as precisões interiores.

Recapitulemos as vantagens do *Commercio exterior*, que os seus detractores lhe contes-
tão, e que o celebre Adam Smith(*) apenas
indicou, mas não de envolveo; talvez por
lhe parecer superfluo insistir nisso, depois de
ter demonstrado, que a *extensão do mercado*
he o grande promotor da divisão do trabalho.

Primeira vantagem do Commercio exterior.

O Officio do Commercio exterior consis-
te em inquirir constantemente as carencias
das Nações, para ir buscar em humas as mer-
cadorias que estas têm de sobra, á fim de le-
vallas á outras que estão em falta dellas, e
que as podem pagar competentemente. Assim
dá á cada huma das Nações a faculdade de se
empregar na quelle genero de trabalho, em
que excede as outras, á fim de poderem todas tro-
car os respectivos superfluos, isto he, sobejos
do seu annual consumo, sejam productos ru-
raes que o seu clima lhe nega, sejam produ-
ctos industriaes, em cujo trabalho a indus-
tria dos outros povos he superior á sua. Dahi,
em primeiro lugar, resulta maior creação de
productos nacionaes, assim como maior consu-
mo dos mesmos nos paizes estrangeiros; e em

(*) Liv. 1. cap. 3.

segundo lugar, que huma certa quantidade de trabalho assegura aos consumidores e productores, não sómente maior addição de gozos, isto he, de commodos da vida, mas tambem de gozos sempre mais variados, e menos custosos. Fazendo assim participar a cada parte do mundo das produções e prosperidades das outras parte, o Commercio as une pelo poderoso enlace do interesse, e as civilisa cada vez mais, constituindo-lhes communs todas as descobertas, que as artes uteis fazem para augmentarem as commodidades e delicias da vida.

Segunda vantagem do Commercio exterior.

Antonio Xavier de Gusmão

EM toda a Nação que tem extenso commercio com os estrangeiros, a sua exportação dá actividade, não só ao trabalho cujos productos elle exporta, mas tambem ao trabalho dos productos que não exporta. Eis-ahi como, á medida que se augmentão as suas exportações, a classe occupada nellas, achando nisso hum emprego sempre cada vez mais lucrativo, adquire de dia a dia melhor alimento, melhor vestido, melhor habitação, melhor mobilia. Ora as demais classes que alimentão, vestem, e concorrem a dar a habitação, e moveis áquellas outras, achão tambem nisto mesmo, da sua parte, huma occupação mais segura e mais lucrativa; e dahi resulta hum augmento in-

sensivel, mas continuo, de reproducção, e de consumo interior, cujo movimento se faz sentir até os extremos da escala daquelles mesmos trabalhos, que aliás parecem não ter conexão alguma com o Commercio exterior. Eis ali porque o Commercio exterior foi, e será sempre, hum *premio* (*) em favor d'agricultura, assim como he hum fonte geral de riqueza para os povos, cuja situação geographica e systema economico admittirem o empregarem-se com preferencia nos trabalhos em que tem preeminencia aos outros.

Lancem-se os olhos sobre os Paizes Baixos, e a Toscana. Se a sua abundancia e fartura faz contraste com a pobreza de seus vizinhos, he porque os respectivos povos vivem ainda dos antigos lucros de hum Commercio, que já não existe; e he tambem porque a impulsão que derão às artes uteis, não pode parar de

(*) Aqui o Author faz allusão á Lei de Inglaterra, que dá o que em Inglez se diz *bounty*, isto he, gratificação ou premio aos exportadores de trigo, e outros generos, que o Governo deseja que o paiz sempre produza em constante superabundancia, e bom preço. Sem duvida a franqueza do Commercio exterior tem o mesma effeito que tal *bounty*; pois, pela irrestricta extensão do mercado, os productores Nacionais tem a certeza da extracção, e a oportunidade de alcançar o maior valor possivel das respectivas produções. Assim a franqueza do commercio vem justamente a ser *premio da agricultura*.

todos As bemfeitorias empregadas nas terras ainda se conhecem depois de tres seculos de interrupção ! E os inimigos da Gram-Bretanha se tinham lisongeados de arruinar inteiramente a taes paizes, vexando por alguns annos hum dos ramos do seu Commercio. Estranha infatuação !

Deve-se notar, que o exposto principio, bem como quasi todos os principios geraes, he susceptivel de diversas excepções, conforme as *localidades de hum paiz*.

Por exemplo: aindaque as minas de carvão e de ferro que Inglaterra possui, lhe dão, para a fundição de peças de artilheria e balas, huma tal vantagem sobre os Francezes, que estes poderiam ter com menos trabalho e custo aquelles artigos, comprando-os com os seus trigos ; contudo, não haveria loucura maior, que pôr-se a França, em artigos desta natureza, na dependencia de huma Nação rival. Em tal caso, nenhum sacrificio se deve reputar gravoso, para terem taes fabricas no seu paiz.

Outro exemplo sendo o Eleitorado da Saxonia hum paiz d' Alemanha, cujo terreno arenoso he menos proprio para a cultura do trigo, e cujos habitantes estão mais adiantados nas artes de industria, he certo que estes terião huma vantagem decisiva em tirarem os seus trigos da Polonia, em troco de suas fazendas de linho e lã: mas este povo, acham-

do-se situado entre dous vizinhos poderosos, que o cercão de toda a parte, e que, de hum momento a outro, lhe podem negar a extracção do seu trigo, devia, á todo o custo, fazer os maiores sacrificios para se libertar desta dependencia. *Hum Estado, só depois de estar seguro dos seus meios de subsistencia e defensão, he que póde occupar-se em multiplicar os artigos dos seus gozos.*

E isto tambem explica porque, sem se alterarem os principios acima desenvolvidos, Inglaterra deve adptar novos regulamentos, modificando o seu systema rural commercial, relativamente á cultura, e á importação de trigos, centeios, e canhamos; visto que todos os povos que atégora costumavão regularmente supprir as precisões da mesma Inglaterra nestes tres productos ruraes, se ligarão para lhe negarem as suas obras em taes artigos; ella não póde hesitar por mais tempo em alterar a sua antiga economia. Esta liga universal (que era necessario ver-se, para se crer possivel) sem duvida se dissolverá; mas huma vez que se realisou, a esperança de se esfaimar para o futuro as Ilhas Britannicas, poderá fazella renascer. Por tanto não convém que Inglaterra se exponha de novo a achar-se desprovida; e quando ainda lhe fossem precisos mais custosos sacrificios (o que por ora não se verifica) para colher os grãos em sufficiente quantidade, esta he huma obrigação

que daqui em diante lhe impõe o *sucesso da Confederação* que, ha oito annos, foi proposta por Mr. *Hauterive*.

Terceira vantagem do Commercio exterior.

O Commercio exterior he hum dos mananciaes mais abundantes da Renda Publica. Quem assás generalisar suas idéas, para não ver no dinheiro senão a medida, o signal, o denominador, e, de algum modo, o Simulacro das riquezas, se convencerá logo, que o que se chama o *redito de huma Nação*, isto he, aparte de sua *annua reproducção* susceptivel de impostos, ou a *somma das suas faculdades contributivas*, se reduz, em ultima analyse, á *somma do trabalho*, que ella póde applicar ás necessidades do seu Governo, depois de supprir as proprias. Quando pois os trabalhos dos habitantes de hum paiz forem distribuidos, divididos, e organisados, de modo, que em cada anno possam ahi produzir mais quantidade de riquezas em menos tempo, e com menos braços, afim de trocarem com os estrangeiros maiores sobras destas produções, por outras que hajão a estes custado mais tempo, e empregado mais braços; emfim, quanto mais estes trocos fizerem em cada anno crescer a quantidade de humas e outras produções, tanto maior será a parte que o Estado

se poderá appropriar para as suas despesas.

Tendo assim exposto os principios e vantagens do Commercio estrangeiro, se me absteve de incluir na theoria a accumulção de metaes preciosos, he por ser esta de minima importancia; aindaque M. Necker, e Calomna, e a maior parte dos Ministros da França, excepto Turgot, exclusivamente reduzissem todas as outras especies de riqueza á moeda. A vantagem maior de huma Nação, e que deveria sempre fixar a attenção de hum Ministerio illuminado, será o augmento ou a decadencia dos troços dos artigos do Commercio exterior, cuja reacção he infallivel em augmentar ou diminuir proporcionalmente os trabalhos interiores. Por exemplo: ainda que a Gran-Bretanha exporte e importe cada anno quasi 108 milhões esterlinos de mercadorias, remettendo á paizes estrangeiros o valor de 58 milhões destas, e recebendo só o valor de 50 milhões; o que lhe deixa (quanto parece) hum saldo, ou credito de 7 a 8 milhões, para reclamar o seu pagamento em dinheiro; comtudo não hesito em dizer, que este povo marcharia mais depressa para o trabalho (*) activo e bem entendido, e consequentemente pa-

(*) *Marchar para'o trabalho* he o mesmo que dizer, poder ter no paiz maior quantidade de industria, e mais activo e lucrativo emprego dos habitantes.

ra as riquezas , se soubesse estender o seu Commercio ao ponto de exportar 75 milhões de seus productos, recebendo productos estrangeiros em somma ou valor igual. Na verdade este novo estado de cousas deixaria a tal povo sem a chamada *balança de Commercio* (isto he, sem recebimento de saldo de contas em dinheiro das outras Nações,) porém veria a ter em dobro uma *balança em trabalhos* (isto he, em productos valiosos de trabalho) e consequentemente em augmento dos verdadeiros capitaes, fundos productivos, e riquezas solidas.

He preciso sempre estar certo neste principio = O preço venal, que os povos Commerciantes recebem pelas suas exportações, ou o que elles pagão pelas suas importações, não he senão hum *valor nominal*. = O seu *valor real* depende da quantidade comparativa do trabalho que tem custado aquellas, e o que custarão estas. A economia dos trabalhos, devida á estes trocos das mercadorias, enriquece a Inglaterra mui differentemente do que os metaes preciosos a enriquecem, pela aquisição dos quaes aliás certas pessoas calculão os ganhos da Nação.

Ainda que não se possam dissimular as diversas vantagens que Inglaterra tira do Commercio exterior, e por tanto não seja possível negar os prejuizos que lhe tem causado a sua interrupção repentina; com tudo nego que es-

tes tenham sido tão grandes como seus inimigos imaginão; pois, de facto, á despeito de todos os Decretos, por força dos quaes se pretendeo aniquilar o seu Commercio, elle tem antes augmentado, que diminuido. Sem duvida tambem da minha parte tive sustos a este respeito: e (pelo menos em parte) se realisarião os damnos destinados, se, ao mesmo tempo que o Governo Francez tomava medidas tão violentas para fechar á Inglaterra os mercados da Europa, não tivesse tomado ainda mais violentas para lhe abrir os da America meridional. Tendo a sua invasão na Hespanha quebrado de hum golpe, as cadeias do monopolio á que estavam sujeitos o Brazil, Perú, e Mexico, estas tres vastas regiões, já mui ricas, ainda que mui atrasadas nas artes uteis, a Gram-Bretanha, a mais adiantada das Nações em manufacturas, dirigio para esses novos canaes o seu commercio, achando ali demanda reciproca das respectivas produções, precisamente na mesma epocha em que a Europa cessava das suas. Graças á este successo inesperado! O vazio, de que o seu Commercio estava ameaçado, foi cheio, e muito além do preciso.

Abra-se o ultimo Mappa submettido á Camara dos Comuns pelo Inspector Geral das Alfandegas; e ver-se-ha, que, no curso do anno de 1808, as *exportações em mercadorias Britannicas* montarão a L. 40, 881, 674 es-

terlinas, *valor real*, e tem excedido L. 602, 006 as do anno anterior.

Naverdade ellas tem sido inferiores á de 1806, que excederão as de 1805, e subirão á L. 43, 242, 176. Mas como a somma maior ou menor da exportação de hum anno, tomado solitariamente, pôde proceder de causas puramente accidentaes, como v. g. da chegada accelerada de huma frota, ou de sua partida retardada, convém que se tome a somma média de tres ou quatro annos precedentes, que deixa sempre a vantagem ás exportações de 1808.

Esta comparação das exportações, avaliadas pelos preços correntes das mercadorias, e que se chamão *valores reais*, ainda seria hum guia incerta; pois que, pelo rapido levantamento dos valores, poderia acontecer que huma menos quantidade de productos, tivesse sido registada em 1808 por hum preço mais alto do que se tivesse lançado maior quantidade em 1807. Deve-se por tanto fazer o exame da quantidade effectiva, e não do valor venal dos productos exportados, para se fazer conceito exacto do valor real das exportações.

Por isso servir-me-hei com preferencia do chamado *valor official*, valor que não tem variado ha hum seculo, desde que se começou a registrar as exportações e importações por huma tarifa, que tem perseverado constantemente a mesma. Ainda que seja defeitnosa, com tudo

o registo de hum anno comparado ao do outro, he huma indicação certa das quantidades progressivas, ou retrogradadas, de cada artigo importado e exportado.

Tendo sido sempre a somma média das exportações em manufacturas Britannicas L. 25, 378, 555, *valor official*, nos quatro annos de 1804, 5, 6, e 7, e sendo este mesmo *valor official* L. 26, 692, 208 o do anno de 1806, resulta dahi, que, desde o bloqueio, houve hum crescimento de L. 1, 313, 630; e isto indica, não o augmento dos valores importados, mas o das quantidades exportadas.

Tomando agora por unico ponto de comparação o anno de 1806, anterior ao bloqueio, e o anno de 1808, onde teve todo o effeito que se poderia esperar d'elle, acho depois, que as importações tem diminuido na proporção de 250 a 237: o que, no meu modo de ver, he certamente hum successo desagradavel. Mas, nos olhos dos inimigos da Gran-Bretanha, que aspirão á importar nada, e á exportar muito, este successo deveria acabar de confundir as suas esperanças; pois que, de huma parte, ella tem comprado menos, e da outra, tem vendido mais.

Sendo pois bem verificado, que as suas vendas nos paizes estrangeiros crescerão, longe de diminuir, não he de admirar que o seu Credito Publico, escapasse aos golpes com que França pensou poder abater o seu Com-

mercio, que considerava como o seu unico ponto de apoio.

Compare-se agora o exposto relatorio official do Inspector das Alfandegas de Inglaterra com o relatorio que Mr. Gaudin, Ministro das Finanças Francezas, apresentou ao Imperador seu amo a 19 de Septembro de 1807, submettendo-lhe as suas contas do anno. Diz elle.

„ He impossivel que a Europa não reconheça hoje que as mudanças que o genio de V. Magestade acaba de fazer (o Decreto que declarou as Ilhas Britannicas em estado de bloqueio) derrubão o unico fundamento da antiga potencia do Governo Inglez; pois não se poderia negar que tal revolução jámais tinha podido entrar no calculo das contingencias, que este Governo tem podido considerar que estaria no caso de temer. Nenhum politico jámais podia suppor, ou prever, que aconteceria hum epocha, em que as Aguias Francezas, voando sobre as embocaduras do Inn, do Vesper, e do Elbo, apartassem da Europa Continental os productos da industria Ingleza; e que a França, livre de todas as rivalidades, e de todos os ciumes, poderia dirigir todos os seus meios de hum Confederação poderosa contra *Inglatterra solitaria*, reduzida ás proprias forças; e obrigalla, vendo-se esta ameaçada na sua propria casa, a despovoar as suas manufacturas, para recrutar hum exercito

impotente á sua propria defensão; *perturbar o seu Commercio em todas as partes do mundo, e espolialla ao mesmo tempo do penhor do passado, e das esperanças do futuro.* „

„ Hoje todo o prestigio cessa, toda a illusão he destruida. O Segredo das forças de Inglaterra he bem conhecido. A sua situação pôde ser julgada por todo o mundo; e o seu systema de finanças, habilmente organizado, sem duvida por calculo de circumstancias, sobre cuja duração se considerava authorisada a contar, vai a *subverter-se evidentemente*, com o ponto de apoio sobre o qual repousava, isto he, o *Commercio exclusivo do universo, favorecido pelo abraçamento periodico do Continente.* A sorte de Inglaterra he pois facil de prever. . . Já sobrecarregada de impostos, tem ainda sido forçada a accrescentar hum novo empréstimo de 400U milhões á divida immensa, debaixo do pezo da qual ella *deve bem cedo succumbir*, se continúa a cegar-se por mais tempo, consumando a ruina de todos que, seduzidos por apparencias enganosas, tiverem a imprudencia de lhe confiarem os setus capitaes. . . . Estas reflexões, Senhor, me tem parecido não serem estranhas á Conta que tenho a dar á V. Magestade da Administração das Finanças em 1806. „

Comparemos estas prophcias com a sua execução, tomando sempre como o ponto da

partida o anno de 1806, que os inimigos de Inglaterra contemplavão como o Zenith de suas *Finanças*, de seu *Commercio*, e de seu *Credito*; e como a epocha em que se considerava evidentemente haver de subverter-se este triplicado edificio. Eis os factos: elles por si fallão.

1806 Anno anterior ao bloqueio.	Alfandegas Renda	Cizas Renda	Papel selado Renda	Total das receitas.
L.	12,769,243	25,518,710	4,618,691	56,902,099
1808 Anno em que teve todo o seu effeito.	122,37,114	26,940,988	5,800,508	60,554,782

Juro ou interesse dos Empréstimos.

1806— L. 4 19^s 7^a p. cent.
1808— 4 14 6^½

Empréstimos.

1777 L. 4 5 2 p. cent. — 1796 L. 4 12 2 p. cent.
1778 — 4 18 7 — 1797 — 5 14 1
1779 — 5 18 10 — 1798 — 6 6 10
de 1804 L. 5 9 2^½
1805 — 5 3 2^½
1806 — 4 19 7
1807 — 4 14 7
1808 — 4 14 6^½
1809 — 4 12 10

Esta ultima columna não he talvez a menos instructiva; pois apresenta hum facto desconhecido nos Annaes das Finanças Inglezas, e que he absolutamente o contrario do que tinha acontecido em todas as outras guerras, em que o Empréstimo, para cada nova campanha, tinha quasi sempre custado hum pouco mais caro que o da campanha precedente. Na actual, que, no parecer dos inimigos de Inglaterra, devia dar o ultimo golpe ao Credito e Governo Britannico, e impedir achar novos credulos, *assás imprudentes para lhe confiarem os seus capitães*; o Miniterio Inglez teve o segredo de obter os mesmos Empréstimos mais favoraveis, dictando aos que derão o dinheiro condições hum pouco mais duras! Para melhor se julgar, he preciso subir ao empréstimo de 1804, e descer ao de 1809: mas, antes de tudo, he preciso comparar a notavel diminuição do juro, com o augmento, não menos notavel, que se tinha manifestado no meio das duas ultimas guerras.

Se Bonaparte se tivesse abstido da invasão da Hespanha, não duvido que o Commercio Inglez diminuisse, aindaque em gráo menor do que annuncião os Ministros da França, abrindo, como presumem, o grande livro do futuro; mas seria preciso muito tempo para que o Estado, e Credito publico de Inglaterra, experimentasse desfalque de maneira sensivel. O seu Redito Publico sem duvida depen-

de das exportações; visto que estas dão actividade, e enriquecem a classe que trabalha na producção dos artigos respectivos: mas as principaes Receitas do Erario Britannico *dependem sobre tudo das importações*, ou do consumo da cerveja, liquores espirituosos, chás, assucares, vinhos, sães, tabacos. &c. Ora precisa-se de muitos annos de decadencia de huma Nação, antes que se diminua notavelmente o consumo dos artigos que são do habito do povo. Veja-se a Hollanda, onde ainda se sustenta o consumo do povo quasi na sua antiga somma, aindaque aliás já tem, por assim dizer, quasi perdido a lembrança do Commercio que a havia enriquecido: e assim o pôde fazer pelos seus antigos lucros, com que ainda paga enormes impostos. O producto do principal imposto directo de Inglaterra (o imposto da propriedade) cresceu em 1807, e de maneira mais notavel em 1808, em que subio a L. 11. 175, 595. Quanto aos impostos indirectos; elles tem tão poucos signaes de decahirem, que ha vinte annos (em cujo intervallo tem dobrado os direitos do assucar) o consumo annual das duas Ilhas cresceu pouco mais ou menos, de 1:400U000 quintaes a 2:900U000; augmento este, que he de 400, a 500 mil quintaes, depois da renovação da guerra; o que prova, além de outras cousas, hum augmento geral de commodos da vida nas classes médias.

Se os Ministros Francezes tivessem tomado o trabalho de subir assim ás principaes fontes das Receitas do Erario de Inglaterra, convercer-se-hião, que o golpe com que ameaçã o Commercio deste paiz, ainda concedendo-se que tivessem conseguido o fim dos seus desejos, não diminuiria o credito do Estado, senão depois de muitos annos.

Isto só os teria livrado do erro, que o regimen antigo transferio ao novo; a saber, que, se os reditos do Governo Inglez chegassem a perigar, este, mais cedo ou mais tarde, se acharia na impossibilidade de continuar as suas despesas da guerra, e, por isso mesmo, na obrigação de implorar a paz. Como não tem visto, ou não tem querido ver, que se, por impossivel, este redito diminuísse três ou quatro milhões esterlinos, em lugar de augmentar outro tanto, teria sido tão facil ao Ministro do Thesouro Mr. Perceval, achar neste anno hum empréstimo de dezoito milhões, como o achar de dez?

Attribuo em grande parte os decretos do Governo Francez, e as esperanças com que se tem ha tanto tempo illudido, á hum engano que lhe he commum com a maior parte dos Governos do Norte da Europa. Cada hum delles vê a seu paiz como fornecendo, pelas suas vastas compras aos Inglezes, o succo que alimenta o Commercio Britannico: ao mesmo tempo que as compras que a Europa faz

á Gram-Bretanha, não alimentão senão a hum ramo, sem duvida productivo, mas tal, que, á pesar da sua amputação, a Arvore da industria Nacional não deixaria de fructificar. A situação geographica de Inglaterra, e a superioridade de sua Marinha, lhe assegurão a feliz facilidade de substituir á hum mercado que se fecha, outro que se abre.

Não se adivinha, por exemplo, aonde ella envia actualmente os seus assucares refinados, e onde a Jamaica remette os seus assucares brutos? He á Ilha de S. Domingos; onde, depois que se lhe tirou *Toussaint*, os negros abandonarão a cultura das canas, como muito penosa, preferindo a do café, que he suave, e cuja colheita he tão grande, que não sabem o que fação della. Quem creia que só as Ilhas do Archipelago Americano recebem e consomem oito ou nove vezes mais artigos de manufacturas de Inglaterra, do que França, que, depois do Tratado de Commercio de 1780, dizia ser *inundada de* fazendas Inglezas! Poder-se-hia pensar, que os habitantes de Manchester começam a enviar as suas mussellinas á India, e á China, onde aliás o preço da mão d' obra he tão baixo? Isto comtudo he hum facto notorio.

Na verdade por ora taes remessas não são senão ensaios: mas estes ensaios dos navegantes, e Comerciantes Inglezes bastão para se julgar, se com effeito se tem *turbado o seu Commer-*

eió em todas as partes do mundo, como prophetisava Mr. Gaudin. Elles explicão, porque a abertura dos novos mercados tem tão exactamente correspondido com a prohibição dos antigos, e como as Fabricas Britannicas, em lugar de se desanimarem e despovoarem, tem conseguido dar hum novo emprego á seus capitaes, assim como hum novo curso á seus trabalhos, e ás suas expedições.

Não pertendo negar que algumas Fabricas tenham soffrido pelos effeitos do Interdicto do Commercio da Europa: mas, ao mesmo tempo que os obreiros de algumas assaltavão ao Parlamento com os seus gritos, outras tem prosperado em silencio; e, feito o calculo no total, mostra-se, que a Inglaterra não tem experimentado perda sensivel no seu Commercio no Continente Europêo. Não se deve inferir dahi, que se deva felicitar do estado actual do commercio. Porem a verdade palpavel he, que, tanto para as Ilhas Britannicas, como para a Europa Continental, este Commercio seria o mais vantajoso, em razão da vizinhança do theatro dos trocos, e da rapidez dos retornos.

Depois de ter provado arithmeticamente, que a venda das mercadorias Inglezas na somma total, se tem sustentado na mesma quantida-
de, resta responder á questão seguinte: até que ponto o povo Inglez tem soffrido pelo subito Interdicto do grande mercado Europêo,

onde elle se provia de tantos artigos á que estava habituado, e cuja necessidade se tem feito sentir na maior parte das suas Fabricas, e de suas familias?

Aqui faltão-me factos positivos, e não se pôde responder senão por conjecturas. Por ventura estava elle provido com superabundancia dos productos, cuja compra a França subitamente lhe prohibio? O alto preço de taes productos tem favorecido o contrabando na Europa, ou introduzido maior economia, no respectivo consumo em Inglaterra? Tem-se conseguido supprillos por outros generos, procurando-os já na Irlanda, já em outras partes do mundo? Ignoro qual destas causas tenha sido a preponderante; mas sem duvida todas ellas tem concorrido a anteparar o golpe; e o que parece certo he, que á Inglaterra não tem faltado cousa alguma.

Os seus dous mais anciosos cuidados erão o saber como darião sahida aos assucares, cujo excesso ao consumo sobia á hum milhão de quintaes; e o adquirir dous ou tres milhões de quintaes de grãos, que a Europa todos os annos lhe enviava em retorno, e que substituiu huma quantidade quasi igual, de aveiá, que se emprega nas distillações Nacionaes, para obter-se aguardente. Sendo o assucar igualmente proprio para este effeito, e fornecendo huma quantidade de liquor duas ou tres vezes mais forte, o Parlamento ordenou que se subs-

tituisse este genero aos grãos para a distillação dos liquores espirituosos. Esta providencia teve tres effeitos: 1.º o desembaraçar a Inglaterra de huma parte dos assucares que excedião ao consumo interior, e que a Europa não lhe queria comprar: 2.º fazer produzir em a Nação a quantidade de grãos, que os outros Estados lhe não querião vender: 3.º levantar algum tanto o preço do assucar, que, de annos a esta parte, não reembolsão as despezas dos lavradores. Para mais se providenciar ao consumo dos assucares, o Almirantado prohibio á bordo da Esquadras o uso da aguardente e assucar; o que já substitue, em todo ou parte, os dous milhões de medidas (6 gallons) de aguardente, e de genebra, que a França, e Hollanda enviavão á Inglaterra.

Receou-se algum tempo, que a falta das sedas de Italia suspendesse as fabricas que se servião dellas para os seus tecidos. Mas a necessidade tem forçado a preparallas no melhor modo possivel, com as sedas de Bengala, e da China, e está-se certo em Inglaterra de já-mais não faltarem estas, e de serem mais baratas.

Ainda que a difficuldade de receber lãs de Hespanha tenha consideravelmente encarecido os pannos superfinos, comtudo, isso não prejudica ao povo: porque só a classe rica he que faz uso delles, e esta classe não merece ser ouvida; pois os pannos de lã Ingleza são quasi tão bellos como os de lã de Hespanha, e cus-

tão ametade menos. Além de que os carneiros de Hespanha já se vão naturalizando, e mui bem, na Gram-Bretanha, sem em nada perderem a finura de suas lãs. O numero dos carneiros *Merinos* já consideravel, vai crescendo de tal modo, que, pelos exames feitos e publicados por Frederico Eden, espera-se, que em 1818 até 1819, ao mais tardar, elles forneção todas as lãs finas que Inglaterra comprava até estes ultimos annos de pezo de seis a sete milhões de libras.

Não obstante o grande cumulo de carne que os Inglezes consomem, comtudo, para o paiz ter as pelles e couros que precisa, e igualmente sebos, e sabões, tem-se convidado aos habitantes do Brazil, e de Buenos Ayres, a tirarem partido das innumeraveis manadas de gados que vagão nas suas planicies. As suas exportações de sebos, ainda que tenham tido bom successo, não tem com tudo impedido que o preço das velas e do sabão se augmentasse quasi da metade. Se elle ultimamente baixou, eu attribuo isso á se esperarem carregamentos mais consideraveis d' America meridional, e ao uso que as classes pobres se tem acostumado fazer da luz do azeite de balêa; e talvez á invenção do *gaz carbonico*, que já mui grandes Fabricas tem substituido ás velas de sebo, com huma economia notavel.

Receava-se tambem que faltasse linho aos fabricantes de linifícios, em Inglaterra, e le-

landa: mas indubitavelmente ou o tem adquirido dos paizes estrangeiros, ou tem cultivado no interior; pois que, longe de diminuir a exportação dos linifícios Inglezes, tem ella crescido neste anno; e a dos de Irlanda tem augmentado em mais de tres milhões de varas.

Tem-se feito, e ainda se fazem, muitas queixas da excessiva alta do preço das madeiras de construcção, cuja importação tem diminuido muito. Esta carestia he tal, que alguns dos grandes proprietarios da Escocia anteciparão o corte de suas matas de abêto, que só daqui a annos se deveria fazer. Mas os habitantes do alto e baixo Canadá, da Nova Brunswick, e da Nova Escocia, são os que se tem aproveitado mais da quella alta de preço. Quasi cem Navios estão neste momento carregando madeiras na bahia de *Fundy*. Atégora estas colonias não tinham sabido prover de tal genero as Ilhas do assucar: eisque presentemente emprehendem supprir delle a Metropole! Ellas o conseguirão completamente, se a Livonia e Norwega se obstinarem a deixar apodrecer as suas arvores sem as cortar, antes do que vendellas aos Inglezes.

De resto, nunca se tem feito mais Embarcações que presentemente; e nunca ao mesmo tempo se tem aperfeiçoado mais que presentemente na Inglaterra a arte de economisar as madeiras de construcção. Em toda a parte se vem creações novas. Ha huma entre

as outras que espantará; e he a de *quatro portos*, abertos perto de Londres, visto que o Tamise não pôde mais conter os Navios mercantes que ali entrão ou sahem. Afim de os desembaraçar, tem-se feito diques, e poços, para ancoradouros á direita e á esquerda, e cercado com armazens, entrando os Navios por huma parte, e sahindo por outra, depois de terem carregado ou descarregado as suas mercadorias com huma grande economia de tempo, trabalho e despezas. Estes poços, (que são lagos artificiaes) estes armazens (que são como cidades) se abrirão e levantarão em mui pouco tempo desde a batalha de Marengo, dia em que se pôz a primeira pedra de tal obra. Observe-se, que estes monumentos uteis e duraveis, de que o Rei de Inglaterra não tem feito ostentação, (como o Imperador dos Francezes o costuma com apparatusos ornatos, que, segundo diz aos seus, devem fazer de Pariz a *Metropole do Universo*,) custarão 70 milhões de libras tornezas (28 milhões de cruzados); e observe-se, que tudo isto não custou despesa alguma ao Estado; e o Governo não contribuiu para ella senão concedendo Carta de Privilegio Exclusivo á humma Companhia, cujos Accionistas já receberão hum *dividendo* annual, que muito excedeo as suas expectações.

Pergunto agora: teria chegado ao termo de sua prosperidade hum Commercio, que,

no meio de huma guerra enormemente dispendiosa, tem podido fazer taes bemfeitorias, sem esperanza de sua prosperidade? Huma singularidade que deve admirar, he que, no momento em que a Russia ameaça aos Commerciantes de Londres de fechar-lhes para sempre o Commercio do Norte, e redobra o rigor para impedir que recebam madeiras de construcção, os Inglezes agora acabassem de fazer hum *quarto porto*, á que chamão (*the Commercial Docks*) destinado em grande parte á este mesmo Commercio.

Apresentava-se á todos os espiritos o perigo de faltarem linhos canhamos, objecto tão importante para a Marinha Militar. Este perigo forçou a darem-se providencias para se tirar de Bengala huma parte dos que a Russia remettia á Inglaterra (que erão 800 mil quintaes, de hum anno por outro). Dá-se por certo, que a Companhia das Indias se considera em estado de fornecer quasi ameta-de daquella somma: e como os lavradores Irlandezes se tem posto tambem em actividade para cultivarem tal genero, o Almirantado fez há quinze mezes hum contracto, em que se obrigou a comprar, ao preço corrente, por mais alto que seja, todo o canhamo, que enviassem; e a pagar 60 libras esterlinas por tonelada no caso de descer o preço abaixo deste. Esta gratificação, junta ás outras vantagens que Irlanda da sua parte dá aos habitan-

tes que se empregão nesta cultura, lhe tem dado tal augmento, que elles acabão de solicitar, e obter, huma Lei, a qual authoriza, e anima a deseccar os paúes d' Allen, que he hum lugar pantanoso tão vasto, e tão especialmente proprio á producção do canhamo, que se representa como podendo por si só fornecer este genero com superabundancia para as necessidades das Marinhas Militar e Mercante.

Ainda que as Ilhas Britannicas se tenham resolvido, contra a sua vontade, á todos estes expedientes, todavia não sou do numero dos que desejão hum successo completo e permanente á taes providencias; ou que, a fim de se dispensarem o mais possivel, e de maneira duravel, de todos os productos da Russia, proponhão já semelhantes expedientes para fazerem fabricar na India até o velame, e cordoalha para a Marinha. Se os Russos não poderem mais remetter estes generos á Inglaterra, quem os receberá? (*) *Vender sem comprar*, he a *pedra philosophal* do Commercio.

Para infecilidade da especie humana appareceo de repente na scena do mundo huma grande

(*) Dir-se-ha que a França, e as Nações suas confederadas. A isso respondem os Inglezes, que, em quanto durar a guerra, as Esquadras Britannicas obstarão ao transporte por mar; e o de terra he muito dispendioso e nullo.

e poderosa personagem, que se infatua com essa *velha chimera*, á qual está resolvido sacrificar o bem dos seus vassallos, e, com maior razão, o de seus alliados. Encarniçando-se, em pura perda, contra o Commercio marítimo, igualmente perdeu de vista que, se as Ilhas Britannicas são as que fazem as maiores exportações, também são as que fazem o maior consumo que jámais tem existido em Nação alguma. Sobre tudo se tem esquecido, que a situação geographica de Inglaterra, com o apoio de sua Marinha, lhe dá a oportunidade de achar, para os productos que exceedem ao consumo nacional, novos mercados nas partes do Novo Mundo que se tem civilizado e enriquecido; entretanto que a velha Europa se tem empobrecido, por causa dos 17 annos de guerra e desordens. Por ventura o Continente Europêo está certo de achar mercado para o superfluo de suas produções, quando tiver forçado e habituado os Inglezes a dispensarem-se dos seus supprimentos?

Todavia este ponto he que ha de decidir, em ultima analyse, a quem este novo genero de guerra causa maior prejuizo. Se me não engano, quando, depois da paz, se vier a fazer a conta, não dos lucros de quem ganhou mais, sim de quem perdeu menos nesta guerra, isto he, hum balanço comparativo dos bens de que cada Nação se tiver privado, e dos trabalhos productivos que deixarão

de existir, achar-se-hão estes resultados: 1.º que a Gram-Bretanha será, pouco mais ou menos, *estacionaria*, e que não terá experimentado senão *perdas negativas* (isto he) alguma diminuição de riqueza que lhe seria possível: 2.º que Irlanda se terá augmentado rapidamente em industria e opulencia: que os povos ligados contra o Commercio daquellas Ilhas terão feito passos retrogrados de civilização, e muito empobrecido.

Póde-se assegurar que o Povo Inglez tem soffrido muito menos privações do que se esperava, e que as suas urgencias não serão longas, nem penosas; e deve-se, entre outras cousas, fazer-se-lhe a justiça de se reconhecer, o ter elle desenvolvido eminentemente o Character Nacional, vencendo com fortes animos os obstáculos, que se tem opposto á sua felicidade.

Na verdade, ainda que eu tenha representado como estacionaria a riqueza de Inglaterra depois do bloqueio, isto com tudo só se verifica a respeito do seu Commercio e manufacturas; pois em nenhum tempo a sua grande officina dos campos fez tão vastos progressos como agora no curto espaço de dous annos. Esta devia ser a consequencia do bloqueio. Em prova disto basta advertir, que a população de Inglaterra está crescendo.

O que se tem examinado, só he relativo á Inglaterra e Escocia. Mas para melhor se

conhecerem os effeitos presentes e remotos do anathema, que, segundo a intenção do Governo Francez, devia espoliar as Ilhas Britannicas (e de huma vez para sempre) o *penhor do passado*, e as *esperanças do futuro*, devemos transportar-nos á Irlanda.

Prosperidade da Irlanda depois da União das duas Ilhas, e depois do Bloqueio Continental.

DEpois do Decreto de Berlim, as exportações de Irlanda, em manufacturas e productos do seu territorio, subirão de repente de L. 9:314:854 (em que estavam em 1806) á L. 10:0110:385, no anno seguinte; depois em 1808 á L. 12:577,101, *valor real*. Este augmento de mais de hum terço, no curto espaço de dous annos, he sem exemplo nos annaes do Commercio. Até a mesma Inglaterra não tem jámais apresentado hum progresso igual nos trabalhos, que vivificação o Commercio exterior.

Quem o poderia esperar! Com huma população de menos hum terço dos Estados Unidos d'America, a Irlanda, depois da sua *Excomunhão Commercial*, não só os tem emparelhado, mas até excedido, no desenvolvimento das faculdades de exportação. A quantidade de productos exportados de Irlanda em 1808

he mais consideravel hum quarto do que o foi em 1806, e antes do embargo, a exportação dos Americanos, quando aliás estes serão considerados como o povo do Universo que fazião os mais gigantescos passos para a industria e riqueza!

Cousa não menos espantosa! As Rendas Publicas de Irlanda tem sido mais do dobro depois da União com Inglaterra. Tomando a *média* dos tres annos de 1796, 7, 8, não subirão senão a L. 1, 678, 561, liquido. Em 1808 montarão á L. 6, 174, 161.

Resta saber, se a Collecta desta recrescente Renda não tem excedido as *faculdades contribuentes* do povo, que ha annos parecia tão pobre e descontente, dizendo-se então, que era necessario dar-se-lhe, antes de tudo, necessidades, para o fazer industrioso e rico. Esta duvida teria lugar, se o augmento da Renda Publica procedesse dos *impostos directos*, especie esta de impostos, á que os povos não se podem subtrahir, e cujo recrescente producto poderia talvez não indicar outra causa senão as diminuições de seus commodos da vida. Felizmente para os Irlandezes, e para o Erario, a sua fortuna rapida se deve inteiramente aos Direitos, que se collectão sobre os *artigos de importação e consumo*; e isto só basta a convencer, que no povo os commodos da vida tem marchado de igual passo com o augmento dos tributos.

Sirva de exemplo o consumo do assucar;

que he hum género não menos alimentario que agradável, e salutifero, e cujo uso he ao mesmo tempo huma precisão da primeira necessidade para as classes ricas e médias, e hum verdadeiro luxo para a classe pobre. Em 1806 o *valor official* dos assucares importados foi L. 652, 220; em 1807 L. 930, 527; em 1808 L. 1, 129, 381. Ora este *valor official* não indica o *preço real*, mas a sua quantidade proporcional.

Os Direitos sobre artigos de consumo, á razão de L. 1, 9.^s, 3.^d, por quintal de 112 libras, subirão em 1808, á L. 642, 420; o que indica hum consumo de 468, 812 $\frac{1}{2}$ quintaes. No mesmo anno os Direitos, sobretudo do Chá, augmentarão á L. 55, 533. Observa-se, que em 1808, em que o consumo do assucar foi maior que nunca, o preço deste género se augmentou.

He conveniente fazer a seguinte combinação que he não menos curiosa que instructiva.

Os registos das Alfandegas de Petersburgo, anteriores ao bloqueio do Baltico, avalião a importação dos assucares brutos em todas as Russias á quatro milhões de *rublos*; o que deve corresponder á compra de cem quintaes daquelle Género. Quanto á França, o *relatorio official* que se possui sobre este objecto, he o de Mr. Chapral, que sóbe a 1800; e este certifica, que o consumo do assucar,

ainda que tenha sido o dobro do que existio no tempo do Governo do Directorio, se limitou a 320:000 quintaes.

Admittamos que Bonaparte não tenha conseguido diminuir desde então senão metade, por causa dos direitos que elle tem dobrado, quadruplicado, e decuplicado, afim de pôr este genero fóra do alcance dos Francezes, e assim melhor fazer-lhes perder (segundo julga) o *gosto ruinoso destes gozos exóticos*: resultará dahi sempre, que sinco milhões de individuos, habitantes da Irlanda, consomem presentemente elles sós quasi duas vezes mais assucares do que 80 milhões de homens, que comprehende a população dos dous vastos imperios do Oriente e Occidente!

Isto não he tudo: eis hum facto não menos extraordinario que os precedentes, e que bastaria por si só para explicar o motivo da Confederação da Europa, e dos Estados Unidos d' America contra o Commercio das Ilhas Britannicas. O da Irlanda se tem vivificado á ponto, que em 1808 as suas exportações reunidas se elevarão á L. 21, 437, 843, *valor real*; que são quasi 841 milhões de libras tornezas: o que faz apresentar nesta pequena Ilha, antes insignificante, e tão pobre, hum Commercio tão extenso, e trocos tão consideraveis, como os de todos os Francezes juntos. Bem entendido que não fallo da França Imperial, que se acha, não engrandecida, mas

empobrecida, pelas suas conquistas. Fallo da antiga Monarchia, na epocha a mais brilhante do seu Commercio, quando pela primeira vez Mr. Necker ostentou o seu Mappa magnifico, exclamando: que espectaculo espantoso de potencia! Que motivos para cessar de ter ciúmes! E que fonte de pezares, quando se advertir, que se ensanguenta a terra para alcançar hum pequeno accrescimo de superioridade, de que se não precisa, ao preço da felicidade publica, em que tanto ha que accrescentar! „

As indagações deste Ministro, muito illustrado nesta materia, apresentavão ha vinte annos huma importação annual de 230 milhões, e huma exportação de 300 milhões: total 530 milhões de libras tornezas. A differença pois do Commercio dos Irlandezes em 1808, e o dos Francezes em 1783, seria de 48 milhões em favor dos mesmos Francezes, se nos seus trezentos milhões de exportação não entrassem tambem em linha de conta 75 dos Generos coloniaes, que são o producto do trabalho dos Africanos, entretanto que todas as exportações de Irlanda são o producto do trabalho dos seus proprios habitantes.

Que diria hoje aquelle Ministro, vendo a Bonaparte, a quem tinha chamado o *Hómem necessario*, pôr pela quarta vez a Europa em fogo; não já como os seus predecessores, com o pretexto de se disputar o Commercio maritimo, e na esperança de arrancar para

se algum retalho delle, mas para constranger todas as Nações Europeas a passarem absolutamente sem tal Commercio? Que diria sobre tudo este Ministro philantropo, quando lendo entre os aggravos que o Imperador Napoleão diz tello forçado a retomar as armas contra a Austria, chegar ao que elle chama *grande crime antinacional*, de que o Imperador deste paiz foi accusado e convencido, isto he, de ter fechado os olhos sobre a empresa de cinco ou seis navios Malthezes, que *havião desembarcado alguns generos coloniaes em Trieste!* Estranha causa de guerra, da parte deste mesmo homem, que tres annos antes dizia em *Ulin* = eu não quero senão *Navios, Commercio, Colonias!*

Observe-se de passagem, que presentemente a *balança* de Irlanda, isto he, o excedente de suas exportações sobre as suas importações, sóbe quasi a quatro milhões esterlinos, excesso que vem a ser quasi o dobro do que Mr. Necker tambem havia descoberto em favor do Commercio Francez, que lhe fez escrever esta reflexão: = Sem duvida causará admiração, quando se vir a hum só reino achar-se em estado de adquirir habitualmente hum Credito de Commercio, que excede a metade do valor da somma de ouro e prata que a Europa recebe cada anno: á vista desta prosperidade, póde-se de boa vontade exclaimar: que lhe he preciso de mais?

Os Irlandezes esclarecidos não me perdoariam, se, á exemplo de Mr. Necker, eu tentasse exaggerar as vantagens de seu Commercio, ostentando o crescimento das riquezas metallicas, que devem ao mesmo commercio. Ha quasi meio seculo, que o Dr. Berkley, Bispo de Cloyne, lhes advertio, que com tanto que huma Nação tivesse a quantidade de moeda real, ou imaginaria precisa a fazer o gyro de suas transacções pecuniarias, toda a quantidade de dinheiro que possuísse de mais, vinha a ser para ella hum fundo morto, hum luxo custoso, e mais nocivo que util.

Este Bispo, que se deve considerar, e juntamente o Deão Tucker, como o precursor de Adam Smith em Economia politica, fazia em hum pequeno escripto, unico no seu genero, e que publicou na Irlanda, as questões seguintes.

1. Póde haver maior erro em politica, que o medir-se a riqueza de qualquer Nação pelo seu ouro e prata?

2. Ha medida, ou limite, dentro do qual o ouro e prata são uteis, e além do qual são nocivos?

3. Tem má cabeça o patriota ou politico, cujo ultimo empenho he o attrahir á seu paiz huma redundante e desnecessaria copia de dinheiro, e ali retello?

4. Não se deve concordar, que a moeda-papel tem, á muitos respeito, vantagem sobre a moeda metallica?

5. Com tanto que se mova bem o carro social, não he a mesma cousa, quanto ao effeito da maquina, ser esta agitada pela forca do vento, ou de agoa, ou de animaes?

O Credito do *saldo* que os Irlandezes adquirem no seu Commercio contra Inglaterra, torna todos os annos á Inglaterra, seja para pagar os interesses da sua parte da divida publica, que ali tem contrahido, seja pela despezas que tambem ali fazem os ricos proprietarios de bens de raiz, que rezidem na Gram-Bretanha, e ali attrahem, e gastão os seus reditos. Mas a sommas que a Gram-Bretanha sempre espalha na Irlanda, pelas suas vastas compras, de producções ruraes, tornão-lhe a vir sobre tudo pelas compras, não menos vastas, que lhe fazem os Irlandezes, de suas producções industriaes, e que, desde a União, tem tão consideravelmente augmentado. Eis o ponto onde he preciso parar; pois, á fazer-se bem a conta, as *importações de hum paiz, com tanto que se sustentem, e não retrocedão, são mais seguros signaes de que elle se está enriquecendo, do que o são as suas exportações.* Assim o julgava Mr. Chaptal, quando em 1801 felicitou aos Francezes, de que as suas demandas exteriores, e consequentemente as importações de generos estrangeiros tinham crescido muito.

Partindo-se desse principio, que he ordinario, não basta saber que, desde o bloqueio,

d ii

as importações da Irlanda tinham augmentado em *quantidades effectivas* na proporção de 54 a 67; he necessario ainda indagar, quaes serão os artigos, sobre que principalmente tem havido este augmento de demandas: porque, se elle tem sido, por exemplo, em vinhos, ou em fazendas de seda, isso não indicaria senão a riqueza das classes ricas, ou médias. O mais importante he verificar, se a classe pobre, que antes da União era havida por muito mais pobre do que a mesma classe no paiz de Gales, ou da Escocia, tem tido a sua parte proporcional no augmento geral dos commodos da vida, que o povo destes paizes goza mais em razão do seu clima, ou de seus gostos e habitos. Ora o seu consumo em artigos estrangeiros, de que ha registos nacionaes, e cujo augmento ou diminuição me parecem indicar com mais certeza a maior ou menor facilidade de bem viver de todo o povo de Irlanda, considerada no corpo principal, vem a ser em primeira linha de conta, o assucar, depois os luparos para a cerveja, os vinhos e outros liquores estrangeiros; além disto o sal, ferro em obras ou bruto, lonça, e finalmente todas as fazendas da lã, algodão, ou seda, que servem para se vestirem. Ora desde o bloqueio Continental, o augmento do consumo em taes productos estrangeiros tem sido em hum pequeno numero de pescas, inferior, em algumas outras, igual, e, na maior parte de

povo, superior, ao consumo total que se fazia ha dez annos. Isto he notorio, e consta dos registos officiaes.

Taes tem sido os progressos da prosperidade que tem tido este povo, que aliás o Governo Francez proclama que vive em oppressão, affectando compadecer-se do seu estado, representando-o como reduzido ao ultimo gráo de abatimento e miseria.

Os factos, de que acabei o quadro comparativo, apresentam, segundo me persuado, hum phenomeno de Statistica, singular no seu genero, e de que as colonias mais florentes, assim antigas, como modernas, não tem jámais dado hum exemplo igual. Elles verificão, que a importação de quasi todos os artigos que contribuem, assim aos commodos, como aos gozos da vida, crescerão em Irlanda, quasi a ametade, nos dous ultimos annos, em que aliás o valor venal de suas exportações se augmentou só á hum terço. He isto o que dá o maior argumento a corroborar o que disse sobre a duplicada reacção que o Commercio exterior faz sobre o Commercio interior, e sobre os meios de enriquecer até as mesmas classes, cujos trabalhos parecem não ter alguma connexão com os que directamente dão os productos da exportação. E o que completa a prova, vem a ser, que as compras do povo Irlandez, ou, em outros termos, os seus gozos, se augmentarão em muito maior propor-

ção que as suas vendas; circumstancia esta, que assustaria á maior parte dos outros Povos, mas que, pelo contrario, aqui se manifesta ser como hum systema de progresso de riqueza.

Mas, se he verdade, que, depois da União de Irlanda á Inglaterra, a superior quantidade dos productos, que Irlanda tem comprado dos paizes estrangeiros, se tem augmentado ainda em maior proporção, que a quantidade, tambem augmentada, dos productos que ella tem vendido; como he possivel, que a *Balança Commercial*, que por isso mesmo deveria ser contra ella, se mostrasse cada vez mais em seu favor?

A razão he manifesta; pois, á medida que o povo Inglez tem aperfeiçoado os instrumentos, e simplificado o trabalho de suas Fabricas, já por isso mesmo não necessita de levantar o preço das suas mercadorias na mesma proporção, em que aliás por toda a parte se levantou o preço dos trabalhos ruræes, que não erão susceptiveis nem da mesma subdivisão, nem consequentemente da mesma economia. Ha em Inglaterra manufacturas (entre outras as de fazenda d' algodão,) cujo preço há dez annos não tem subido á mais de 5 ou 6 por cento; ao mesmo tempo que o de carnes salgadas, manteigas, e outros artigos de subsistencia, que Irlanda produz, tem dobrado, e ainda mais que dobrado. Donde se segue, que ha districto Irlandez, que tendo antes

hum sobejo de mil quintaes de manteiga, que, em troco delle, adquiria mil peças de fazenda, e com peças d'ouro, pôde agora, com esta mesma quantidade de manteiga, adquirir em troco 1500 até 1600 peças de varias fazendas, e receber em cima disto por balança, 400, ou 500 peças d'ouro.

Por tanto mostra-se que a Irlanda realmente se aproveita de todas as descobertas, que os Inglezes tem feito para simplificar e abbreviar todo o genero de trabalhos de manufacturas, que ella recebia dos mesmos em troco dos seus productos ruraes.

Deve-se observar, que até os Russos se aproveitarão igualmente de taes descobertas; pois que os seus productos ruraes, de hum seculo a esta parte, se tem augmentado a 150 por cento em valor, entretanto que o valor venal de productos manufacturados da Gram-Bretanha não augmentarão senão em proporção 75 por cento. Este o motivo porque de anno a anno a balança se inclina de mais a mais em favor da Russia Isto he bastante (ao que parece;) para consolar os povos agricolas, que se crem lesados trocando as suas produções ruraes pelas produções industriaes dos Povos manufactureiros.

A Irlanda tinha tambem esta preocupação; pois o temor de lutar contra huma balança desfavoravel no seu Commercio com Inglaterra, foi huma das razões com que alguns

Deputados do seu Parlamento fizeram a mais forte impugnação e protestarão contra a União. Mas a pesar dos seus agouros de ruína, esta balança não cessou de augmentar, e he hoje oito vezes maior a favor dos seus compatriotas. Porém supponhamos que ella lhe fosse contraria, e que os Irlandezes tivessem visto sahir de seu paiz no anno passado 200 a 300 mil libras esterlinas em especie metallica (o que he muito possivel, mas, respectivamente ao estado do cambio, certamente inverosimil): em que realmente esta sahida de dinheiro os teria empobrecido, se no mesmo tempo as suas riquezas em casas, muros, plantações, bestas, moveis, vestidos, instrumentos de trabalhos, e outras bemfeitorias &c., crescerão de 2 a 3 milhões esterlinos? Taes são, e taes serão sempre, os fructos de hum grande Commercio exterior, quer a sua balança seja favoravel, quer não seja. Devem-se calcular os ganhos do Commercio exterior, muito mais pelos valores reaes que elle faz nascer, e que ficão no paiz, do que pelos metaes preciosos que elle retém, ou attrahem dos paizes estrangeiros.

Em 1808 as Alfandegas Irlandezas renderão L. 903, 560 demais que no anno anterior ao Decreto de Berlim, que se pensava faria secar este ramo de suas Receitas. Tal augmento só em hum ramo parecerá incrível. Não me engano em dizer que houve nesse mesmo tem-

po huma diminuição de Renda quasi igual nas Alfandegas Francezas.

Não sendo ainda publicada a conta das Receitas Imperiaes do anno de 1808 , sou obrigado a enviar os leitores para o relatorio que Mr. Gaudin está preparando : porém toda a sua eloquencia não será bastante para explicar a seu amo , ou para disfarçar aos admiradores , o como o fulminante Decreto de Berlim , que *devia mudar o destino das Ilhas Britannicas* , estancando as suas rendas , e *destruir o unico fundamento do seu poder* , não produziu senão estes dous grandes effeitos : *augmento em dobro na Renda das Alfandegas Irlandezas ; e diminuição de hum quarto nas Alfandegas Francezas !*

Porque não envia Napoleão hum vez a algum de seus Ministros á Inglaterra , afim de lhe ensinar a dar coloridos aos quadros da brilhante e repentina prosperidade de Irlanda , a pezar do bloqueio , e da razão do bloqueio ! Que assumpto para a penna de Mr. de Champagny ! Com que riqueza de palavras elle descreveria que a sua lingua era muito pobre , e a sua imaginação muito tarda , para seguir o rapido desenvolvimento de tantos trabalhos , e de tantos gozos ! Com que feliz energia elle continuaria a exclamar : *Não estamos no Seculo das maravilhas !*

Deixando a ironia , e fallando com seriedade , ninguem he menos disposto do que eu

a fazer queixas dos Ministros Britannicos, por não terem tomado a escola Franceza por modelo. Mas, porque razão alguns successores de Mr. Pitt apresentando os seus Balanços, e o que se chama aqui = *Estado da Nação* = não se cansão com certas combinações, que, pondo em evidência a prosperidade do Imperio, não seriam menos proprias a dar confiança aos seus amigos estrangeiros, e a fazer desesperar os seus inimigos?

Tenho ás vezes feito a mim proprio esta pergunta: eis a resposta.

Cada Povo tem o seu caracter. Em todo o tempo os Francezes se consolarão dos seus soffrimentos, com tanto que se crêsse, ou se dissesse, que elles são felizes. Debaixo deste principio, ninguem os tem servido melhor conforme a sua vontade, como o Governo actual. Porém o Povo Inglez, que tem tomado pelo contrario a *divisa* = *quero mais ser, do que parecer*, = (*) certamente preferiria renunciar á propria felicidade, se lhe fosse preciso renunciar ao direito de contestar, que na realidade prospera, e que he bem governado. O que elle espera dos seus Administradores, são *factos*, e não *phrases*. Elle os vê numerosos, authenticos, completos, e exige além disto que se lhes dei-

(*) *Malo esse quam videri.*

xe o cuidado de os comparar, e de tirarem os resultados a seu modo.

Eis aqui porque se publica em cada anno, tanto na Irlanda, como na Gram-Bretanha, *dous volumes infolio*, onde todo o individuo que paga contribuição ao Estado, pôde seguir, até nas menores addições, a marcha progressiva da Renda, das Despezas, dos Impostos, dos Fundos de amortisação, do Commercio, da Navegação, &c. Por isso os Ministros tem toda a razão de não accrescentar parabens sobre o presente, nem agouros favoraveis para o futuro; porque, logo no dia seguinte, elles serão atormentados com agouros inteiramente oppostos. Isto he o que se vio no tempo de Mr. Pitt, que foi o primeiro que entendeu ser de seu dever explicar, o como as nossas *faculdades contribuentes* se augmentavão na mesma proporção que as nossas contribuições. Que resultou disto? Huma guerra de penha não cessou até á sua morte, e por ella huma multidão de escriptores nos aturdirão com seus gritos de decadencia geral. A pezar das replicas luminosas de M. Rose e Vansittart, todos os seus calculos de ruina não deixarão de fazer grande impressão sobre muitos leitores. Na verdade o Povo Inglez he hom pouco doente de *lugubro-mania*. Accusa-se, e talvez com maior razão, aos Seus Ministros, de se mostrarem indifferentes á opinião das Nações Estrangeiras, além de ou-

tras cousas, no que respeita ás Finanças. Mas, se elles nem se quer tem tempo de lançar os olhos sobre as lamentaveis relações que o *Moniteur* publica periodicamente, como o terão para responderem, e se occuparem em satisfações continuas? Mas seria debalde cansarem-se nisso: nunca se avizinharião aos Francezes na arte das pantomimas theatraes: sempre elles ostentarão com mais energia o luxo das suas misérias, do que nós o das nossas riquezas. Além de que já não tem os Inglezes bastantes invejosos? Para que augmentarão mais o seu numero? (*) Como a França sabe soffrer sem se queixar, tambem a Irlanda deve saber prosperar sem o dizer, nem fazer disto ostentação.

Exportação média de Irlanda nos tres annos que precederão		Valor real	Rendas Publicas liquido id.
a União de 1800 - - -		5, 650, 853	1, 678, 271
Exportações do anno de 1806 ante- rior ao bloqueio - - -		10, 110 385	5, 604, 153
Exportações do anno de 1808 em que teve todo o seu effeito		12, 577, 517	6, 174, 561

Hoje que a divida Irlandeza tem dobrado depois do rompimento da paz de Amiens, ho-

(*) No *Budget*, ou Conta geral da Administração de Inglaterra em Maio do Corrente anno de 1810, vê-se o Brillhante Mappa que o Ministro deo da Prosperidade do Paiz, e do Novo Empréstimo de 12 milhões esterlinos a menos de juro de cinco por cento,

je que ella he mais consideravel, do que era a divida Ingleza no principio da guerra de 7 annos; hoje que tantas terras roteadas, e empresas lucrativas, attrahem de todas as par-
os capitaes disponiveis; tal com tudo he a confiança dos Capitalistas na indissolubilidade da União, na riqueza do povo, e na solidez do Governo, que presentemente se realison, (cousa apenas crível em hum paiz onde o ju-
ro legal he de 6 por cento sobre hypotheca) obter se, a razão de L. 4, 13s 1d $\frac{1}{2}$ por cen-
to o Empréstimo Publico de L. 1, 250,000, aberto em Dublin em Maio de 1809!

Quem o poderia esperar? Eis agora a Ir-
landa, que apenas está no principio de sua carreira, e que não faz, por assim dizer, se-
não abrir as suas azas para tomar o vôo, tem já chegado, em actividade de Exportação e Cre-
dito Publico, á mesma altura á que chegou a Gram-Bretanha ha cincoenta annos, quando começava a adiantar-se sobre os Francezes na carreira Commercial! Elles julgarão então que a sua prosperidade era hum *excrecencia*; e muitos Inglezes se inclinarão a crêllo, se o Deão *Tucker* não os advertisse, que não po-
dia haver limites á riqueza para hum povo la-
borioso, bem como os não tem a *divisão do trabalho*. Desde que este Escriptor animou as-
sim aos seus compatriotas, as suas exportações triplicarão. Se a Irlanda está fazendo para a industria e riqueza passos ainda mais rapidos,

que o dos Inglezes, ella os deve certamente aos Decretos de Pariz, e aos Ukases de Petersbourg, e ao Embargo Americano. Quando o concurso simultaneo, e quasi milagroso, destas tres Resoluções tem dado aos Irlandezes o monopolio exclusivo do rico mercado da Grã-Bretanha, não he de admirar que tenham redobrado o trabalho para obter do seu fertil terreno as produções ruraes, que toda a Europa, e até a America Unida, recusavão ás Ilhas Britannicas.

Por huma fortuna não menos rara, a li-ga que se tramava contra ella desde a elevação de Bonaparte ao Consulado, não foi assinada, e proclamada senão depois de seis annos da dita União entre as duas Ilhas; espaço sufficiente para produzir os seus effeitos sobre a Irlanda, e para apagar até os vestigios dos absurdos regulamentos Commerciaes que repellião, ha tão longo tempo, os productos de sua industria, como se tivessem vindo de huma Nação estrangeira. Esta bemaventurada União, ensinando aos Irlandezes, que dependia delles daqui em diante o virem a ser o celleiro da Inglaterra e da Escocia, os poz em circumstancias de reunirem as suas forças para o grande desafio que lhes preparava a Europa, e á que elles tão honradamente corresponderão. Se por desgraça o bloqueio fosse sete annos antes, elle os teria apanhado, por assim dizer, desacautelados; mas na epocha do De-

creto de Berlim já havião chegado ao ponto de que falla Rousseau, em que he mais facil ganhar o segundo milhão, do que o primeiro escudo. Tanto he verdade que o gozar dos commodos da vida, e adquirir os primeiros fundos, são as duas essenciaes condições para o desenvolvimento da riqueza progressiva, e crescente opulencia!

Deve-se aqui admirar, como o genio de hum só homem, dotado de character puro, e de vontade firme (como Pitt, Author da União de Irlanda á Inglaterra (*)) póde ajudar a hum Nação a fazer servir á obra da sua prosperidade os successos que parecião conduzir á sua ruina!

Apênas foi assinada e jurada a União, e a Irlanda ficou livre de todo o perigo de invasão, pela successiva destruição das Marinhas Francezas, Hespanhola, e Hollandeza; e por se ter accalmado o espirito da chimerica Republica projectada, pelas indignas illusões dos anarchistas da França, quando logo muitos homens, que tinham influencia, e que aliás erão esclarecidos, começarão a lamentar o sacrificio da dita União, e (que pensavão ser

(*) Não convem tirar essa honra á Adam Smith, que a propoz na sua obra da *Riqueza das Nações* Liv. 3. cap. 5. Mas a verdade sempre acha incredulos que a rebatem, e a voz da Razão he quasi sempre muito tarde ouvida.

immenso) que o temor deste dobrado perigo lhes tinha extorquido. Alguns daquelles mesmos que tinham contribuido para o Acto da União, sentirão remorsos, e consideravão sinceramente as suas consequencias tão fataes á prosperidade de seu paiz, como tinham sido uteis aos da Escocia. Eu duvido que haja hum só observador imparcial entre os Inglezes que vizitarão esta Ilha antes do bloqueio, o qual não voltasse dalli persuadido, de que a impopularidade da União não fosse crescendo cada vez mais; e supposto os factos fossem já a seu favor, restavão contra ella todos os votos, e todas as preocupações. O illustre Pitt não vivêo assás para gozar do reconhecimento, que os Irlandezes com justa causa lhe hão de (não muito tarde) consagrar. Elle morreo, quando elles ainda o accusavão de os ter sorprezo, empobrecido, e degradado.

De repente sobreveio o memoravel Decreto de Bonaparte, que pondo as Ilhas Britannicas *fôra das Leis das Nações Commerciaes*, annunciou á Irlanda, que era chamada a supprir exclusivamente á Inglaterra, Escocia, e até mesmo ás Ilhas que produzem assucar, com os productos ruraes, que lhes negavão os outros povos. Nunca veio mais a proposito hum acto tão inaudito de hostilidade, certamente para fazer conhecer aos Irlandezes a extensão de suas forças productivas, e para fazer apreciar aos Inglezes o quanto lhes he, e será util, esta

Ilha, até então desprezada. Ainda que para ella seja desavantajoso o não se prolongar mais o Embargo Americano, com tudo este tem durado precisamente quanto bastou para constituilla em circumstancias de alargar os seus antigos limites. Este successo foi hum raio de sol que fermentou e desenvolveo todos os germens de prosperidade de que ella abunda. Nada mais carecemos senão do complemento do successo inesperado de todos os expedientes propostos por Mr. *Hauterive*, para consolidar, e tornar indissolúvel, a União dos dous povos, revelando-lhes a immensidade dos seus reciprocos recursos. O Governo revolucionario da França, e igualmente o que lhe succedeo, lhe causarão sustos e danos de toda a especie, além de despesas incalculaveis; porém o Acto da União, produzido pelas intrigas do primeiro, e a rapida prosperidade da Irlanda, obra dos Decretos do segundo, são dous incomparaveis beneficios, que amplamente compensão o enorme augmento dos impostos, com o soccorro dos quaes esta Nação evitou a sorte da Suissa, Italia, Hollanda, e Allemanha.

Este augmento he quasi de 50 milhões esterlinos; porém os Irlandezes, cujos renditos tem crescido em maior proporção que as Contribuições que lhas tem sido impostas, devião levantar hum Estatua á Mr. *Hauterive*, que foi o primeiro que pregou a Cruzada, e que sahindo-se bem della, persuadio aos Rus-

sos, que a Inglaterra os opprimia, e empobrecia, levando todos os seus productos, para os *appropriarem á si sós*.

Se as Esquadras triumphantès de Napoleão levassem aos Irlandezes a liberdade politica e religiosa que lhes tinha atraíçoadamente promettido, duvido que jámais alguém lhes fizesse ver como hum conselho amigavel o subtrahirem-se á *tyrannia Commercial* de Inglaterra, prohibindo-lhes, por patriotismo, o exportar á esta os seus linifícios, trigos, farinhas, carnes salgadas, manteigas, sebos, cahamos, linhos &c.

Sem a redobrada actividade que o bloqueio tem dado á extracção dos productos ru-raes de Irlanda, a Gram-Bretanha sem duvida teria sentido muito mais o golpe de tal bloqueio. Felizmente as privações que Bonaparte lhe impoz, não forão senão temporarias; ao mesmo tempo que será duravel a lição que ella recebeo, aprendendo os modos de vir a ser independente dos estrangeiros, para ter todos os artigos de subsistencia, á cuja producção as duas Ilhas são proprias. Visto que huma extensão sempre recrescente das compras de Inglaterra fez persuadir aos estrangeiros vendedores, que lhe seria impossivel subsistir sem o seu soccorro; e visto que, nas duas epochas de 1780 e 1800, a Imperatriz Catharina e seu filho suspenderão sobre as Ilhas Britannicas a espada da hum Interdicto semelhante ao pre-

sente bloqueio, era preciso, mais cedo ou tarde, resolver-se a passar por este transe, debaixo do qual entendo que ellas correrião o risco de succumbir, se o duplicado Embargo da Europa e da America tivesse vindo atacallas simultaneamente, antes que as duas ultimas fomes tivessem compellido a Inglaterra a ro-tear as suas terras baldias, e a Irlanda a sec-car os seus pantanos. A lembrança da quellas duas ultimas fomes era ainda tão recente, que muitos Inglezes tímidos olharão o *Decreto de Berlim*, e os *Ukases de Petersbourg*, como o *Cabo tormentoso*. Mas este Cabo tem sido dobrado, não sómente sem se haver tocado em algum cachopo, de que estavam aterrados, mas tambem descobrio-se hum porto, onde o Navio do Estado pôde ancorar com toda a se-gurança, e desafiar nelle os seus inimigos, até que chegue o tempo em que elles mesmos convidem as duas Ilhas a esquecerem-se do passado, e a tornarem a entrar em correspon-dencia de Commercio.

A Irlanda não perderá jámais a lembrança, e os fructos da presente experiencia. Na-da a pôde fazer parar na carreira da sua prosperidade. Está tomado o vôo, e, para di-zer tudo, deve-se reconhecer, que este vôo já estava tomado antes do bloqueio, e até antes da União. O primeiro desenvolvimento das suas forças agricolas e commerciaes vem de mais de vinte annos; elle sóbe a epocha em

que Jorge III. illustrou o seu Reino, querendo que se revogassem todas as leis penaes que pezavão ainda sobre os Irlandezes catholicos, e que se lhes deixasse livre o exercicio da sua Religião; assim como o direito de adquirir propriedades de terras. Este Acto, que foi a aurora do dia que brilha sobre elles, lhes assegura, (mais tarde ou cedo) huma participacão completa dos direitos politicos; salvo se, por algum novo transporte de delirio, suffocarem elles mesmos os objectos dos seus legitimos desejos, querendo gozar delles prematuramente, ou esquecendo-se de tudo aquillo que devem ao Monarcha, o qual ainda não julga conveniente o accrescentar esta ultima graça á todos as outras com que muito e muito os tem beneficiado. Quanto á sua prosperidade agricola; assim Prostestantes como Catholicos não perderão sem duvida de vista, que elles a devem á estarem proximos ao mais rico mercado do universo.

Como ás riquezas de Inglaterra he que estes dous Povos devem o augmento das suas, este facto poderia servir á soluçãõ de hum problema importante, de que o Governo da Russia parece se deveria occupar antes de romper todas as relações Commérciaes com as Ilhas Britannicas. De dous povos, hum pobre outro rico, e que trocãõ as suas produções, qual soffrerá menos pela repentina interrupção do seu Commercio? Posso enganar-me; mas per-

sisto em crer, que o povo rico terá nisso menos prejuizo; pela mesma razão que hum homem que está no vigor da sua idade, pôde, melhor que hum menino, supportar as privações, a fadiga, e a fome.

*Haud facile emergunt, quorum virtutibus obstat
Res angusta domi.*

Com tudo, o Ukase do Imperador da Russia que prohibe o Commercio com Inglaterra, não vê aquelle indicado problema senão de hum só lado. Tem-se dito e crido que, redobrando-se os rigores e o zelo, afim de descobrir e impedir todas e quaesquer carregações destinadas para Inglaterra, se impedirá que esta adquira maiores forças, conseguindo que diminua e perca as que já tem: mas o Ukase nada diz sobre outro ponto, não menos importante, a saber, se a Russia não se enfraquece muito mais, embaraçando este útil Commercio. Lendo-se o preambulo de tal Ukase, parece que taes privações serão só da parte de Inglaterra, e nenhuma da parte da Russia.

Na verdade, Napoleão usa de differente linguagem á seus vassallos. Ainda que elles soffressem menos que os Russos aquellas privações, que tão cordialmente provocou, e ainda que mui pouco se embarace de que os Francezes soffrão, ou não, pelo seu bloqueio, com tudo tem huma razão de mais para se

compadecer dos mesmos Francezes. Na sua fallá ao Senado em 5 de Dezembro de 1806 assim diz — „ Nós temos posto as Ilhas Britannicas em estado de bloqueio, e temos ordenado contra ellas as disposições que *repugna-vão ao nosso coração*. Tem-nos custado fazer depender os interesses particulares da querela dos Reis, e, *depois de tantos annos de civilisação, tornar aos principios que caracterisam as primeiras idades das Nações*. Mas temos sido *constrangidos por considerações da felicidade dos nossos povos, e de nossos Alliados*. . . Estas determinações, recomendadas por hum justo sentimento de reciprocidade, não nos tem sido inspiradas nem pela *paixão*, nem pelo *odio*. „

Não parou aqui; pois, afim de impedir aos seus fieis vassallos o dilacerarem mais o seu coração com duros queixumes sobre a ruina da sua agricultura, e de suas manufacturas, elle mesmo se encarrega dessa tarefa, para interessar o amor proprio da Grande Nação, convidando-a paternalmente — „ a supportar com dignidade e coragem, digna do seu grande caracter, os embarços passageiros, impostos á seus gostos, aos seus habitos, e á sua industria. „ — Além disto, para fazer apartar o attenção dos Francezes da consideração da seu estado presente, elle os transporta ao futuro, annunciando que „ *cada hum das suas conquistas, fechando a entrada á Inglaterra,*

he huma conquista futura para o Commercio da França. Elle não cessa sobretudo de sustentar a sua resignação, repetindo, que os *successos desta Guerra Commercial não podem ser incertos.*

Elle fez ainda mais: pois, logo que advertio que lhe poderião algum dia faltar as *Rendas das Alfandegas*, e que os seus povos não podendo nos paizes estrangeiros vender o superfluo dos proprios vinhos, e grãos, o haviam de importunar com urgentes representações sobre a impossibilidade em que se achavão de pagar as imposições territoriaes senão em generos; se vio verdadeiramente *constrangido*, para bem do seu *Erario*, a suspender o effeito destas mesmas determinações, que tanto *repugnavaõ ao seu coração*. No mesmo dia, em que os seus agentes arguião aos Russos de não se mostrarem assaz severos em obstar á sahida das madeiras, sebos, e linhos, o seu Ministro do interior expedio ordens para disfarçar a sahida dos vinhos, e aguardentes de suas *Provincias meridionaes*. Apenas soube, que em *Inglaterra* se tomavão medidas para não carecerem mais das sedas de *Italia*, e que em 1808 aquelle paiz tinha sido supprido deste artigo por via da *China*, e de *Bengala* no valor de *L. 778, 949*, elle de repente abriu esta exportação, á ponto que, depois de estar totalmente suspensa por 18 mezes, vierão sedas de *Italia* em tanta abundancia, que jámais se

vio em tempo da guerra chegarem á preço tão baixo como agora.

Bonaparte dirá sem duvida ao Governo Russo, que as sedas e os vinhos são objectos de luxo, e meras superfluidades. Assim será: porém quem ignora, que, logo que soube que os Irlandezes se entregavão com bom exito á cultura da avêa, elle permittio ao Rei de Hollanda favorecer clandestinamente a extracção deste artigo produzido na Ostfrise? E que se pensaria lendo-se a ordem circular do Director Geral das Alfandegas Francezas, em que, para melhor corresponder ao Ukase Russo, convidou publicamente aos Neutros a virem aos seus Portos carregar trigos da França, cuja sahida aliás, ainda antes do bloqueio, tinha sido tão severamente prohibida? Ainda que, depois do Decreto de Berlim, a Inglaterra tinha o direito de prohibir toda a qualidade de semelhantes carregamentos aos Neutros, e também possuia meios efficazes para lhes impedir a entrada e sahida dos Portos Francezes, com tudo, como ella lhes concede prudentemente, de tempos em tempos este favor, não me admiraria, se o Tribunal dos vivos fizesse nestes tempos as suas compras de farinhas em Bordeaux, para constituir a Napoleão I. o *Assentista* mór das Frotas e Esquadras Britannicas.

Reflicta-se pois sobre tudo isto: comparem-se os conselhos do Alliado da Russia com

a sua conducta, e ver-se-ha que, seguir as ordens que elle dá, não he seguir o seu exemplo.

De resto: o Governo Russo tem muito bem julgado, fazendo considerar o Ukase de 7 de Maio, como hum *embaraco passageiro*, e sobre tudo como hum *beneficio*. Os Ministros da Russia já terão sentido o inconveniente de tal ordem: e, attendendo-se ás circumstancias, o seu silencio me parece de feliz agouro: porém não he menos certo que só a Russia he que se obstina hoje no systema da prohibição. Os Russianos são incomparavelmente mais prejudicados nisso que o povo Francez; pois que as sobras dos productos dos trabalhos da Russia, cuja exportação o seu Imperador prohibe, vão cada anno em augmento; ao mesmo tempo que as sobras dos productos dos trabalhos da França tem sempre ido em diminuição desde o Regulamento da *Conscripção*. He de esperar breve que, quando se fizerem ainda mais sentir os desgraçados effeitos da prohibição, e seu Imperador reconhecer a nullidade das suas medidas para o fim que annunciava, (que era *enfraquecer* os Inglezes), elle se convencerá, que não teve senão hum esperança illusoria, hum idéa falsa, e (o que mais he) hum idéa perniciosa, que obstou a reconciliação dos dous povos da Europa, que aliás são os mais interessados em permanecerem em relações Commerciaes.

Quanto ás Ilhas Britannicas, depois de se ter assim manifestado que não tem tido effeito a providencia tomada para arruinar inteiramente as suas Manufacturas, o seu Commercio, as suas Finanças, e o seu Credito; depois de se ter mostrado, que as suas Fabricas não sofrerão cousa alguma; que o seu Commercio não se diminuo; que a sua Agricultura prosperou mais que nunca, não tenho eu direito de repetir com Mr. Gaudin? = Hoje todo o prestigio cessa, e toda a illusão he destruida: o segredo da força de Inglaterra está bem conhecido; a sua situação pôde ser já seguramente julgada por todo o mundo, e o seu destino he facil de se conhecer.

Taes tem sido até aqui, e taes espero que serão finalmente, os fructos dessa monstruosa Confederação, que Mr. Hauterive prégava ha 9 annos na Europa, para quebrar as cadeas com que (dizia elle) a aperfeiçoada industria dos Inglezes, o seu character avarento, calculador, methodico, e a sua tyrannia Commercial, prendião e garroteavão a industria e o Commercio de todos os povos Continentaes.

Não nos esqueçamos, que no tempo que elle publicava esta doutrina (que foi applaudida em o norte da Alemanha) seu amo abria o caminho em França para a Monarchia universal, dizendo. = Em tudo o que fiz, tive unicamente em vista a felicidade de meus povos, que são ainda mais caros aos

meus olhos, que a minha propria gloria. . . .
 Testemunha disto he, que, desde os principios
 da mocidade, apesar de todos os males que pro-
 duz a guerra, me propuz a felicidade da gera-
 ção actual. . . . Eu quero que em todas as
 partes do meu Imperio, ainda as mais pequenas
 Aídeas, a facilidade de bem viver, e o valor das
 terras, se augmentem, pelo effeito do systema ge-
 ral de melhoramento que tenho meditado. . . .
 Eu quero, quanto me seja possivel, influir em
 que as ideas generosas e liberaes sejam o cara-
 cter do seculo.

Quem creeria! Os Francezes, e até os po-
 vos Continentaes, que elle havia tomado debai-
 xo da sua especial protecção, estavam ainda
 cheos de admiração, e movidos do reconheci-
 mento, vendo-se assim a ponto de virem a
 ser os fiadores solidarios da felicidade recipro-
 ca; já elles acclamavão á porfia ter chegado
 o reino dos trabalhos da paz, e das ideas
 generosas, quando este Philanthropo, coroado
 pelas mãos da victoria, proclamou o regime
 prohibitivo; e to constituiu o Regulamento
 geral do seculo, pondo á ordem do dia por
 toda a parte as seguintes regras absurdas. =

1. Que os Inglezes não são senão hum
 povo de negociantes, que fazem a guerra pa-
 ra o Commercio, e o Commercio pela guerra.

2. Que o Commercio exterior he huma
 banca de jogo, onde nenhuma Nação poderia
 ganhar senão o que as outras perdem.

3. Que tanto para os povos, como para os individuos, os meios de se enriquecerem, consistem; não em vender muito, mas em comprar o menos possível.

4. Que, afim de impedir a sahida do dinheiro do seu paiz, hum povo esclarecido, que conhece o valor da independencia, não deve hesitar sobre qualquer sacrificio, seja para prohibir a si proprio os gozos que o seu clima lhe nega, seja para produzir por si mesmo todos os artigos das suas precisões, sem jámais inquirir, se outra Nação tem certas vantagens naturaes, e adquiridas, que a constitua em proporções de crear estes artigos com menos braços e despezas.

5. Que finalmente, e, sobre tudo, huma Nação, corre para a sua ruina, commerciado com preferencia com as Nações ricas.

A historia dirá, que debaixo da maligna influencia do Reino de Bonaparte, e por hum esquecimento de todos os principios que multiplicão as commodidades da vida, e promoven a civilisação, as Nações da Europa chegarão á hum tal estado de demencia, que pertenderão passar humas sem ás outras; e que os seus Soberanos disputarão a honra de offerecerem á seus vassallos por victimas de tal fatuidade, dando o exemplo de triste porfia, qual delles supportaria melhor, e por mais longo tempo, os innumeraveis sacrificios annexos á semelhante estado, de *Interdicto do Commercio Inglez*.

Não obstante o Systema de terror, com que se acha subjugada e emmudecida a Europa, o seguinte escrito girou por toda Allemanha clandestinamente: o Tyranno da Franca deo ordens as mais rigorosas para a descoberta do Author, Impressor, e Distribuidor, mas não os descobrio.

Brado dos Habitantes do Continente pela interrupção do seu Commercio com Inglaterra.

S Oberanos e Pais da Patria! Dignai-vos ouvir os gritos dos vossos Povos pela universal interrupção do seu commercio. Quão justas e importantes sejam as suas representações, claramente mostra este quadro da triste condição á que estão reduzidos.

Examinando-se a verdade dos resultados do Interdicto do Commercio Inglez, no fim de cada anno achamos, que, por meio desta guerra mercantil, vamos ficando cada vez mais pobres e miseraveis; entretanto que Inglaterra floresce, e não tem os obstaculos, que opprimem a nós, e as nossas terras; descobrindo de anno á anno novos canaes á extracção das suas produções, e novas fontes de riqueza, que facilitem o pagamento dos seus impostos. Aquelle paiz extrahе trigo da America, Sicilia, e Barbaria, além do que lhe produzem as suas terras, cuja cultura faz

de dia á dia mais progressos. Ella não prepara os seus liquores espirituosos sómente da cevada, mas também do assucar; obstando assim que este genero desça muito do seu preço, e que arruine aos Lavradores das Indias Occidentaes. Importa vinho não só de Portugal, mas também da Madeira, das Ilhas Canarias, de Cabo, Sardenha, Sicilia, Hespanha, Grecia, e indirectamente da França por mil canaes. A America do Sul lhe fornece couros, e a do Norte madeira. Extrahe ferro e cobre da India, e do Perú; e quando dessecar os pantanos da Irlanda, (em que se emprega com muita industria) terá abundancia do linho necessario. Póde bem supportar a privação do sebo da Russia, substituindo-lhe o da America do Sul, e o azeite de peixe, que he já livre do seu máo cheiro, sendo purificado pelo uso engenhoso do *gaz inflamavel*. Sabe também o modo de extrahir do Carvão de pedra o alcatrão e pêz; e procurar cóla dos peixes que precisa, e até já prepara *Isinglas* proprio para os seus melhores liquores.

A Inglaterra póde também preparar as suas proprias sedas, de sorte que as ponha em competencia com as da China; assim como já o faz com as suas manufacturas de lã, que he o seu genero principal. O que Inglaterra perde por se lhe fecharem os portos da Europa, quanto ás exportações do seu

proprio producto, he pouco, quando se considera o augmento da extracção das suas mercadorias nas Indias Orientaes, e no Norte e Sul d' America.

Em huma palavra, pelas contas de escriptores, sobre que se deve dar todo credito, e tambem pelas relações de viajantes imparciaes, e confissões dos juizes mais competentes sobre a materia; he claro, que a industria, commercio, renda, e credito de Inglaterra, não tem soffrido diminuição, mas antes, ao contrario, tem tido maior alta; e que a bôa fé, a escolha de condição, e felicidade domestica, reinão em todas as classes. De tudo isto se pôde inferir, que Inglaterra se manterá no presente estado de cousas pelo menos 50 annos. Que grande e terrivel mal soffrerá entretanto o Continente, cujos Portos são fechados, e cujos Navios não servem para o troco das mercadorias, que he indispensavel para a existencia dos seus habitantes em varias direcções, onde o transporte por terra he impraticavel! Entretanto o excesso das mercadorias deste paiz se accumula nos seus armazens, deteriorando-se, e destruindo-se sem se poder commutar por artigos de indispensavel necessidade; e por isso somos descorçoados de cultivar as nossas terras, e o espirito de industria se desvanecce. Outra fonte de soffrimento he o confisco das mercadorias, que só Inglaterra nos fornece,

e cuja falta dá mortal golpe á grande porção da nossa industria, como, por exemplo, algodão, materiaes de obras, e drogas de medicina.

Estes ataques e estorvos não só danão á muita variedade de traficos, e de ramos de industria do povo, mas também produzem fatal influencia sobre a actividade de todas as partes do Continente, para confusão, desordem, e dissolução de todos os paizes. O constrangimento, o vexame, e o imposto, que se força a pagar para licenças da importação e exportação de generos, e com a tremenda taxada dos Correios, fazem communicações do Continente, quer literarias, quer de outra natureza, não só perigózas e incertas, mas totalmente impraticaveis. Além de tudo isto, pela total inactividade da nossa gente do mar, e absoluta impossibilidade do seu emprego, ella fica desacostumada do seu elemento, e se vai de dia a dia tornando impropria para tal genero de vida. Em consequencia do que, vamos á ser privados dos nossos naturaes seminarios de marinheiros; de sorte, que a Inglaterra vem assim á ter sempre certa, e cada vez maior a sua superioridade, e, imperio no mar.

Se alguém ha, que ainda não esteja persuadido da influencia do commercio franco sobre a felicidade da sociedade civil, considere os effeitos destas operações, e logo verá que as fontes da nossa riqueza e prosperidade se tem

seccado. Não se imagine que o Commerçiante he o unico, que soffre: tambem soffre todo o individuo que depende do commercio para sua subsistencia: soffre toda a pessoa cujo capital está interessado no commercio: soffre todo aquelle que emprega industria e trabalho para lhe dar actividade: soffrem os que vivem da renda de suas terras, e de seus fundos: soffrem os Fabricantes, conductores, e todos os que vendem por miudo: soffrem os commissarios, caixeiros, agentes, e serviçaes de toda a sorte, marujos, pilotos, ensaccadores, enfardadores, e trabalhadores de todos os generos, que em todos os paizes formão huma classe numerosa de gente, e que agora são privados do seu pão; e soffrem ainda aquelles, de cujo trabalho os ricos precisam, como os que fazem os vestidos, çapatos, mobilia, e até os criados de servir. Do que se deduz, que á todos falta obra, e que sentem oppressão extraordinaria.

Esta miseria, que virá logo a ser geral, e atacará a todas as ordens de pessoas, já se estende ao lavrador de trigo e vinho: pois que ninguem os procura com dinheiro na mão a comprar os respectivos productos. Não admira pois que ninguem se anime a semear e plantar, com a possivel extensão, e que muitos campos fiquem sem cultura, e que as vinhas sejam daqui em diante inuteis e improductivas.

Estas considerações, que se podião facilmente estender, assaz mostram, que o Continente não supportará por muito tempo tantos ataques e estorvos no curso commum da vida civil. Porém muito menos pôde o povo supportar impostos, encargos, e novas contribuições, quando se lhe fechão os grandes canaes da industria, e renda. Sabiamente observou o Principe Eugenio de Saboia, que ninguem se queixaria de hum imposto, ainda que extravagante, huma vez que elle fosse bem distribuido e espalhado de hum modo leve e extenso sobre todo o paiz: e, quando (diz elle) estabeleço hum imposto geral, sempre deixo passagem livre ao commercio, que já-mais convem embarçar. *A destruição do commercio he hum fonte de miserias, e de fallimentos sem numero, que a Europa desgradamente lamenta de huma á outra extremidade do Continente: e tão grande he a sua extensão, que ainda os paizes, em que não tem soado o estrondo da guerra, sentem o seu abalo, e se tem arruinado pela oppressão do mesmo commercio.*

A consequencia he, que toda a pessoa que pôde fugir, emigra para Inglaterra, ou para America; e os que não tem os meios de se expatriarem, morrem de dor, afflicção, e angustia. Não se deve considerar com indifferença esta materia, attendendo-se não menos á corrupção moral, que dahi se occasiona.

era falta de verdade e fé, que nasce da pobreza e miseria, e que fazem tão terrivel progresso.

O Povo que até agora olhava para os seus Soberanos com huma especie de segunda Providencia, que vigiava sobre sen bem, sujeitava-se de boa vontade ao seu regime, quando se manifestava, que a felicidade publica era o objecto e intenção de quem os governava. Agora porém a nova ordem de cousas, que prohibe os meios de viver dos subditos, para se dispôr de suas industrias arbitraria e tyranicamente, tirando-lhes a materia do trabalho e trafico, não pôde deixar de se ver sem terror. He impossivel suppôr até que ponto os impostos intoleraveis produzirão os crimes, e a inobservancia da lei. Quantos pela necessidade, e desesperação, se fazem velhacos e ladrões, e buscão meios injustos de procurar o sustento da vida, defraudando ao legitimo possuidor da sua propriedade! Já não fallo dos juramentos falsos, da violencia da arrecadação, e da vilania dos que fazem a collecta dos impostos. A consequencia he, que os generos são abarcados por algumas pessoas, que tem a oportunidade de se apoderarem delles, para depois os revenderem por miudo, e por enormes preços, aos necessitados, esfaimando assim pelo seu monopolio a todos os que vivem honestamente.

Principes, Pais da Patria, que ouvis, e Sois testemunhas das oppressões do vosso po-

vo! Possa esta petição chegar aos vossos ouvidos; pois em vós está a nossa esperança, vindo este quadro de tantas calamidades.

Reflexões de hum Escriptor anonymo dos Estados Unidos d' America, residente em Paris, e que voltou á sua Patria neste anno de 1810, em que publicou huma excellente obra sobre o Espirito e Disposição do Governo Francez.

Seria longo fazer extracto desta obra: só a indico, para que os Leitores que se interessão em saber com exacção o estado da França, se incitem a lêlla, e meditalla, a fim de se desenganarem das grosseiras illusões, com que os partidistas de todos os paizes acreditão na bondade do actual Governo Francez, e na phantastica felicidade que esperão haja de resultar do Systema alli estabelecido. Será bastante offerecer as seguintes passagens, para dar idéa do merecimento do Author; o qual, escrevendo sôb o pezo dos prejuizos de seus Compatriotas contra o Governo e Commercio Inglez, quando as paixões estavam mais exaperadas pelas instigações dos Declamadores de hum e outro hemisferio, teve a força de entendimento e de carácter para dizer *grandes verdades sem receio, nem disfarce.*

Aquella Obra sem duvida teve grande effeito em mudar para melhor as opiniões, os conselhos, e o espirito publico do Povo Americano. Já o *Acto de Não-importação de Mercadorias Inglezas*, e o *Embargo Geral*, que o Governo pôz á sahida dos seus proprios Navios, cessou pela evidente impossibilidade de subsistir hum Povo Maritimo sem navegação, e correspondencia mercantil com o povo mais commerciante do Universo. Reconheceo-se, que era mais conveniente estar sempre em harmonia com a Gram-Bretanha, tendo-se hum mercado certo e leal, ainda que menos extenso, do que submeter-se a Nação aos vilipendios, insultos, e roubos dos que, sôb a fé da neutralidade, salteão e confiscão nos proprios portos os Navios e bens importados por commercio legitimos, como tem feito os Francezes pelo seu Plano Machiavellico e Systematico de rapina, immoralidade, e arte phrygia. Eis os termos do Escriptor anonymo.

„ He da maior importancia para este paiz fallar do espirito hostile de Bonaparte contra o Commercio, debaixo de qualquer forma que seja. Por politica, e por caracter, elle he inimigo de todo o systema moderno de economia publica, de que o Commercio seja a base fundamental. Esta supposição, a qual se deriva do seu caracter de Conquistador, e de Despota militar, he confirmada pelo resultado de todas as suas acções, e do

theor de todos os seus Decretos. O Commercio he o alimento de todos os ramos de industria; e a cultura destes ramos he opposta ao espirito e aos designios do Governo Francez. Deve-se á influencia do Commercio a urbanidade e doce mudança de maneiras, que fez desaparecer a grosseria, a turbulencia, as trevas, e os ferros da escravidão dos tempos barbaros; á elle se devem as luzes das sciencias, os sentimentos liberaes, e a subordinação necessaria em todas as ordens do Estado, que estabelece a verdadeira e bem regulada liberdade civil.

„ He natural que hum homem que só se compraz da guerra e pilhagem, e cuja unica paixão he a fama militar, e que não conhece outro systema de governo senão huma austera e cieosa tyrannia, tenha odio ao commercio. O progresso do commercio conduz á cultura das artes da paz, e aos habitos de estudos uteis; elle tende a polir os costumes, e a fazer nascer as virtudes da humanidade. Elle dá os meios de augmentar a intelligencia, e fortifica as qualidades moraes. Elle produz hum espirito de tolerancia dos erros humanos, e forma hum character de penetração, sagacidade, e bom senso, que he inimigo de frivolidades, e preocupações falsas, sem que o despotismo não póde existir. Todos estes effeitos, (que se tem mais ou menos patenteado em todas as Nações commerciantes), militão contra

o caracter pessoal de Bonaparte. As occupa-
ções do Commercio são seguidas de resultados
que o offendem; e contrarião o seu plano de
Dominação universal. Os habitos de activida-
de que dá o Commercio; as correspondencias,
e as relações de todo o genero, que elle multi-
plica entre os homens; as occasiões de compa-
ração, e os meios de goso, que elle faz nas-
cer; forçao a ver com evidencia todas as más
consequencias da injustiça, e fortificão o amor
da paz, e da ordem, que he o voto de todos
os corações. Tenho tido occasião de observar
em toda a parte entre commerciantes, e espe-
cialmente entre os de Inglaterra, e dos Es-
tados Unidos, hum juizo mais são, e moderado,
sobre questões de governo, do que entre al-
gumas outras classes de pessoas, tomadas colle-
ctivamente. Ouso affirmar, que hum governo
despotico não se pôde estabelecer, ou man-
ter por muito tempo, onde o commercio for
protegido sobre hum plano vasto e liberal.

„ Os Inglezes são detestados por Bona-
parte, não simplesmente como inimigos politi-
cos, mas como hum povo commerciante. De-
baixo do pretexto de combater pela *liberdade*
dos Mares, elle dirige os seus golpes contra
o espirito do commercio, e contra a constitui-
ção admiravel, que faz a força e a defeza
do mesmo commercio. Fazendo guerra ao
Commercio de Inglaterra, elle não se propõe
sómente a destruição de tal commercio, mas

tambem he arrastado por huma força secreta a completar o objecto de seus desejos, que he *extinguir e aniquilar toda a economia commerciante do Universo*; a qual bem depressa desappareceria, senão existisse e prosperasse a Gram-Bretanha, que he a mola real, e a alma de todo o systema.

„ Fechando com tanta ancia e violencia os portos do Continente, elle tem em vista não só diminuir os proveitos do Commercio Britannico, mas tambem oppor-se á resuscitação do espirito que as relações do commercio dão e aviventão. Elle por esse meio quer impedir que entrem e circulem na Europa os escriptos que introduzem principios liberaes, e sentimentos generosos, cuja propagação poderia contrariar os seus planos. A extensão e perpetuidade do seu poder corrião mais riscos pela energia physica e moral que hum commercio activo faria nascer, do que pelo mais terrivel resentimento, que a privação do commercio, e miseria geral (que he a sua consequencia) poderião excitar entre os povos que estão sôb o seu Sceptro de ferro.

„ Quasi todos os actos do Governo Francez em materias do Commercio são cheios de mentirosa ostentação de interesse que o mesmo commercio excita no espirito do Imperial Dominador. Para dar-lhes apparencia de sinceridade, elle fez organizar hum *Codigo de Commercio*. As provisões deste Codigo entrão

em particularidades as mais minuciosas; e são, na maior parte, sujeitas á pezadas objecções. Ellas são principalmente compiladas das antigas Ordenanças da Marinha de França, e só tem o merecimento de melhor ordem, e mais clareza. Os discursos preliminares dos Redactores são notaveis unicamente por manifestarem o mesmo espirito despotico, que se faz perceber em todos os novos actos e institutos da França: elles offerecem sinistros presagios aos que se obstinão em querer considerar ao Governo Francez como o Vingador da liberdade dos mares. Elles se jactão de que tal codigo de commercio he *destinado a ter huma influencia universal, e vir a ser a Lei Maritima da Europa.*

„ Com tudo o povo francez ainda não perdeu de toda a razão para se illudir sobre as disposições de seu Governo a respeito do commercio. O universal resto de commercio que existia em 1807, tem sido destruido pelos enormes Direitos, que transtornão todos os proveitos de seus Commercialles. Em vão se lhes promette que o commercio, sobrevivendo a paz, será livre, e favorecido. O desprezo que Bonaparte e seus satellites tem da profissão do commercio, muito os instrue do character e designios do governo estabelecido. Todas as representações e sollicitações dos individuos desta classe, tem sido rejeitadas com hum grão de insulto, que assás indica os sen-

timentos de rancor que elle tem ao commercio em geral. O ridiculo Decreto de Berlim não foi promulgado com o designio de meramente excluir do Continente o Commercio Inglez; mas sim para irritar ao Governo Britannico, afim de usar de represalias, e, por este indirecto expediente, conseguir-se o que o Governo Francez quer, e precisa, isto he, *destruir todo o Commercio*, e Direito das Gentes, para o Mal Geral. Bem se lhe pôde applicar o pensamento de Lucano:

*Terrarum fatale malum, fulmenque, quod
omnes
Percuteret pariter populos, et sidus ini-
quum
Gentibus.*

„ Bonaparte aborrece, mas teme e respeita, o Povo Inglez: porém detesta e despreza o Povo Americano, como formando huma Nação de Comerciantes, e (segundo elle diz) Gente sem gloria nacional, sem força militar, sem virtudes guerreiras; e a serie de humilhações porque temos passado, não o poderá jámais apaziguar.

„ Em quanto a Marinha Britannica continuar intacta, a America não tem muito a temer das baionetas da França. Mas são muito de temer os effeitos da guerra clandestina que o Governo Francez faz á todas Nações, que não curvarão o collo ao seu jugo ty-

rannico, pelo seu systema extenso de seducção, e espionagem em todos os paizes, e a arte de mentiras, e imposturas, destramente propagadas para intimidar a huns, e attrahir a outros. Elle tem estabelecido, sobre o modelo da Policia Nacional, huma Inquisição secreta em toda a parte, cujo fim he descobrir os vicios, e prejuizos de que pôde tirar vantagens, e para vir no conhecimento dos caracteres pessoaes, e do forte ou fraco de cada Nação, e seu Governo, que possam contrariar ou favorecer a sua ambição. Este perigo nos cerca, e nos fará a victima da credulidade das Declamações Francezas contra o Commercio Inglez, e os chamados Tyrannos dos Mares. As calumnias dos declamadores são innocentemente cridas por huma multidão de pessoas bem intencionadas, cuja antipathia contra Inglaterra os cega, para não verem o genio atroz, e os designios atraçoados do verdadeiro Inimigo do Genero Humano, que por toda a parte circula e rugge em busca de quem devore.

Qualquer que seja a sorte do Continente, a Inglaterra não pôde succumbir. O character de sua população, a abundancia de seus recursos, e, sobre tudo, a sua Mariuha (grande alavanca de sua força) dão a certeza moral que a sua ruina he quasi impossivel. A perspectiva de hum perigo imminente tende a unir e exaltar a virtude

e potencia de hum povo magnanimo, que reconhece a bondade de seu governo. De todos os males que poderiam acontecer á hum povo, o maior seria ter hum Administracão sem Plano, e sem Principios fixos, e só dirigida á mercê de Politicos vulgares, dirigidos pelo hazard, e, como diz Bolinbroke, agitados á cada corrente &c. ,,

CONCLUSÃO.

As expostas doutrinas de eminentes Escriptores em materias de Economia Politica, além de servirem de apologia ao que sustentei nas minhas *observações sobre o commercio franco no Brazil*, indicando a necessidade e vantagem de commercarmos com os Inglezes, deve satisfazer as pessoas de bom entendimento, e verdadeiramente amantes e conhecedoras dos Interesses da Nação, de que a nossa Alliança Politica, e Correspondencia Mercantil com o Governo e Povo Inglez, são os elementos constituentes da nossa Salvação, e Prosperidade, e a mais solida garantia da integridade e grandeza do Imperio Lusitano. As mais Nações perderão-se, porque não se unirão, nem conhecerão seus interesses, nem se confiarão nos seus *verdadeiros Amigos*. A Deos não praza que sigamos os seus exemplos, por tristes ciumes mercantis, e antipathias do vulgo. Lembre-

mo-nos da Lição do Historiador Romano contra o conquistador Inimigo commum = defendendo-se cada Estado separado, todos são vencidos = (*)

As desordens e miserias da Europa pelo *Interdicto do Commercio exterior*, e *Descontinentalisação dos Inglezes*, que o Tyranno da França proclamou, com o seu *Grande Pensamento*, para o progresso da civilisação dos paizes em que domina, ou influe, e para ruina da Gram-Bretanha, servem sómente de convencer, com o mais demonstrativo argumento da Razão e Experiencia, que a falta de Commercio Exterior he a causa da geral indigencia, e diminuição da industria de todos os povos, que antes entravão com os respectivos equivalentes do reciproco troco para a energia do geral trabalho, e Bem Commum; e que não só occasiona huma terrivel reacção sobre o commercio interior, e hum movimento retrogrado da actividade economica dos mesmos paizes, e consequentemente da possivel e progressiva accumulção de riquezas particulares e publicas, proporcionaes aos recursos naturaes, e adquiridos de cada Nação; mas tambem contribue a dar ferocidade aos animos, e multiplicar os horrores da guerra. Ondé a falta daquelle commercio se faz mais sentir, os reditos dos

(*) Dum singuli pugnant, universi vincuntur. = Tacitus.

predios, os proveitos do fundos, os salarios do trabalho, e os meios de viver de todas as classes, tem sido cada vez mais diminutos.

Ao contrario, onde o commercio exterior soffreo menos desfalque, como no Brazil, os males da guerra tem sido menos sensiveis. (*) A mesma Inglaterra, abandonada por tantas Potencias e Nações pelas violencias e intrigas da França, não desistindo do seu Systema, tem em muitos paizes achado compensação da falta de alguns mercados que se lhe fecharão; e continúa a enriquecer-se e prosperar, defendendo com esforçados peitos aos Seus Amigos e Alliados, que luttão contra o Mão Genio assolador da Europa. A França, vê com raiva e frenesi a sua impotencia contra o Governo e Povo, que se tem mostrado os Anjos Tutelares, não só das Nações opprimidas, mas tambem dos Direitos da Humanidade.

O inexpugnavel Imperio do Contrabando Inglez desfaz todos os esquadrões de Satelli-

(*) O vulgo (perdoe-se a expressão) he como o cão, que morde a pedra, e ladra e avança até a seu Senhor, e não á quem a atirou. A este animal se assemelhão os que declamão contra o Commercio Inglez, attribuindo-lhe os males da Europa; não declamão, antes, com estudada reticencia, são mui acautelados em dizer couza alguma, contra o Governo Francez, que aliás attaca o Commercio do Mundo.

res do Despotismo Gallico; e ainda os mais volumosos Generos Coloniaes achão caminho por toda a parte; sendo pontualmente cumpridas as Letras de cambio e Ordens dos Escriptorios dos Commerciantes Britannicos até nos Paços Imperiaes, como nunca o forão os Decretos, Ukases, e Embargos de todas as Nações e Potencias; que entrarão em a Nova Cruzada, e desnatural Confederação contra o Commercio Inglez.

Vemos os effeitos da nullidade de tal Confederação, observando entre nós que até as produções do Brazil, que não pôdem entrar no consumo de Inglaterra, pela impossibilidade de mercado, em razão da superabundancia de iguaes artigos das respectivas Colonias, são exportados pelos Inglezes com tal ancia, e porfia, que os seus emulos mercantis, por contumaz animosidade, já os appellidão *Atravessadores* dos nossos Effeitos, que aquelles animosos especuladores até vão comprar á porta dos lavradores *com dinheiro na mão*. E ainda ha quem reprove e calumniasse o seu espirito de empreza, como se isso fosse grande calamidade nacional, sendo aliás o evidente meio de sustêr, e amplificar a nossa agricultura, commercio e navegação! Sem duvida taes Generos se destinão ao Continente Europeo: a differença só he, que os povos ali os pagão mais caro, e por menos quantidade do que aliás seria.

O Interdicto do Commercio, e o encarniçamento dos Francezes contra a Gran-Bretanha, veio verificar a doutrina de Mestre da *Riqueza das Nações* Adam Smith, que no Liv. 3. cap. 3. bem observou, que hum Povo que põe no Commercio a base de sua Prosperidade e Potencia, se pôde enriquecer com progressivo esplendor, estando em situação favoravel para o Commercio de todo o Mundo, por pouco que tire em cambio dos varios productos que precisa das differentes partes da terra com que está em mercado aberto; entretanto que as mais Nações circumvisinhas, que não adoptão o mesmo Systema, ou não são tão felizmente situadas, continuão a se empobrecer, e declinar em poder e civilisação.

O tempo de tantas perdas e penas he bastante para dolorosa experiencia dos refractarios á verdade. Os ciumes mercantis não deixão raciocinar, nem ver o que está debaixo dos olhos, e que até se toca e palpa em todos os paizes. Estes ciumes tem sido mais poderosos para fomentar as intrigas politicas, derrubar Thronos, e destruir Nações, do que os Exercitos dos Salteadores Francezes.

Não tardará muito que a Russia abra, como os Estados Unidos, os seus portos aos Inglezes, cahindo na conta da razão, vendo-se desluzida pela França, e arruinada pela falta do commercio de hum Povo, aquem deve o ser conhecida entre as Nações civilisadas.

A ignorancia (mui geral na Europa (*)) dos solidos principios de Economia politica, tem dado força ás intrigas da França, e impossibilitado ver as ineptias dos seus sophismas. Os Machiavalistas que as conhecem, tem-se (para consumir a sua obra) prevalecido das preocupações do vulgo, que he, pela propria rudeza, o defensor do seu mal.

As Nações menos adiantadas em industria e riqueza cahem em gravissimo erro, quando se indignão contra as mais industriosas e opulentas, e se esforção em repellir o seu commercio, pensando que lhes he desvantajoso; quando aliás, sem os capitaes daquellas, adiantados em qualquer fórma, e sem a continua e progressiva exportação que lhes fazem dos productos rudes, taes productos não existirão, ou não se aproveitarião em tanta copia, nem se pagarião á tão bom preço, como havendo grande multidão de ricos compradores, que tem interesse de fazer largos avanços, e longos creditos, ás Nações que precisão de promover os proprios recursos, com a certeza de extensa extracção dos superfluos de sua terra e industria. Deste modo tambem mais facil e rapidamente se podem augmentar os capitaes, creditos, e gosos, das Nações menos ricas.

(*) Isto he lamentado por *Garnier* na França, *Gheuts* na Allemanha, e *Malthus* em Inglaterra.

Excluindo-se do Mercado Nacional a hum grande Nação commerciante, cessa a facultade de grandes, certas, e vantajosas vendas dos productos do paiz, que faz tal desacerto. Ainda na hypothese que o vazio seja logo cheio por iguaes competidores de outra Nação igualmente activa e rica, sempre o paiz vem a perder a differença do preço, que obteria na venda de seus productos, que aliás poderia fazer no concurso de mais compradores.

Só hum ignorante, ou inimigo, pôde aconselhar á hum Nação, que tenha antes poucos, do que muitos freguezes dos artigos desnecessarios á seu consumo interior. Quanto he maior a industria, e tão mais vastos os recursos interiores de hum Nação, tanto naturalmente cresce o seu superfluo exportavel, e mais carece de opulentos compradores para lhes dar valor e sahida. Ainda o mais nescio individuo conhece ser de seu interesse achar sempre mais, do que menos, pessoas, as quaes á porfia offertem pagar-lhe bem o que tem a vender. Isto dicta o senso commum: porém muita gente presumida de seu saber, e ufana em sustentar principios gothicos, se dispensa de ter bom senso; e ainda de mostrar senso commum.

Concorrendo duas Nações em o mercado de qualquer paiz, a que for mais rica, sempre poderá vender mais barato ao povo, e

comprar mais caro os generos da terra: pois, por isso mesmo que tem mais fundos á dispor, e não pôde ser de seu interesse tellos empatados, mortos, e improductivos, naturalmente se deve contentar com menos ganhos, indemnizando-se no maior numero das vendas, e superior somma dos lucros sobre mais vastas quantidades em que commerceia. A experiencia tambem lhe mostra, que os proveitos modicos, e constantes, em fim de conta, são mais vantajosos aos mesmos commerciantes, que os grandes ganhos irregulares, e incertos.

Os commerciantes estabelecidos em qualquer lugar, costumão dizer, que *está perdido o commercio*, quando ha mais fundos na circulação, e por isso não podem extorquir do povo preços lesivos: elles se indignão e queixão, quando engrossa o numero dos competidores nacionaes, e muito mais sendo estrangeiros. Porém a sã politica dicta, que se devem deixar crescer os capitaes do paiz, com a maior rapidez possivel no principal corpo do povo, facilitando a concorrência dos compradores dos productos territoriaes e industriaes. Assim a Nação vem a ganhar em duas vias, no alto valor dos seus generos, e no menor preço dos artigos de importação estrangeira.

Os commerciantes Nacionaes não tem senão hum mal passageiro, quando de repente entra em hum paiz grande numero de outros

concurrentes: pois, animando-se então logo os productores nacionaes a estender as suas culturas, e outras especies de industria, pela mais certa e vantajosa extracção dos productos respectivos, e maior commodidade das compras aos estrangeiros, vem a obter o paiz hum quantidade de riquezas mui superior, e mais variada, e com ellas maior facilidade de poupar cada individuo mais da sua renda sobre a sua despesa, unico meio de crescerem os capitaes. Havendo então mais generos, e artigos do commercio interior e exterior, para se distribuirem e commutarem, os commerciantes de todas as classes, a quem toca a distribuição e permuta, não podem deixar de fazer muitos negocios uteis, tendo boa partilha, proporcional á seus prestimos e fundos, no *monte maior*, ou cumulo do geral e mais extenso trabalho da Nação. Elles devem ter decisivas vantagens sobre os commerciantes estrangeiros, pela freguezia estabelecida, e pelo melhor conhecimento das circumstancias locais.

Accresce que a concurrencia estimula a inercia, e exalta a perspicacia dos espiritos, para mais acertada combinação das operações mercantis, e para mais lisura, moderação, e boa fé nos tratos. Então os rotineiros, e de má consciencia, ou cedem o passo aos calculadores e probos, (que são a honra de sua nobre profissão) ou se corrigem e emulam aos

que se distinguem no seu corpo e gremio. O Publico assim ganha em ter melhores servidores; tendo a certeza que não faltará quem encha e desempenhe os postos vagos, se alguns dos velhos monopolistas desertarem da ordem. Elles sempre darão aos capitaes que accumularão, alguma direcção util.

Isto he o que se vê em todos os paizes de commercio mais franco. Isto he o que se vio no Reino, onde, não obstante estabelecerem muitas casas de commercio de Inglaterra, Hollanda, e de outras Nações, todavia se multiplicarão muitas outras opulentas do paiz, além de grande numero de Negociantes de menor classe. Isto finalmente he o que se está vendo neste Estado do Brazil, não obstante a diminuição do nosso directo e principal mercado na Europa. As Rendas das Alfandegas subirão; as Casas de Seguros se multiplicarão; as lojas dos Mercadores achão-se mais cheias, e melhor sortidas e muitas outras se abrirão; trasbordão fazendas a vender pelas ruas e casas, augmentando-se os empregos do povo, e os meios de ganho e credito para os individuos de todas as classes pobres, (*) nenhum consideravel Homem de Negocio se

(*) Os Mercadores de retalho pertenderão que se prohibissem taes vendas: mas a sabedoria do Governo cohibio esse monopolio.

apresentou fallido; em toda a parte se vê aprazivel scena de actividade rural, e fabril; a cabotagem tem admiravelmente crescido; ainda a Navegação de longo curso não se tem atrazado tanto com a crise actual o força.

Eis os incontestaveis bons effeitos do Commercio franco em geral, e do Commercio Inglez em particular. Estes são os *criterios da verdade*, que devem confundir os Declamadores contra tal commercio. Se elle não existisse, a Renda do Estado, e os meios de viver de todas as classes, seriam incomparavelmente menores, e a nossa agricultura soffreria golpe mortal. As consequencias seriam funestissimas; e a falta do necessario em todas as repartições que sustentão a Ordem e Força publica, darião o torcedor, que faria arrebentar o Estado com as maiores calamidades.

Os Comerciantes Inglezes, accostumados ao grande jogo, balanço, e giro mercantil, tendo vastissimas correspondencias no Continente Europeo, e sabendo introduzir os seus e os nossos Generos por canaes encobertos aos vigilantes Argos, e Briarêos Centimões, satellites do Inimigo do Commercio, tem maior vontade e possibilidade que os commerciantes Nacionais para exportarem os productos do Brazil. Por isso o seu commercio já tem adquirido, ainda no vulgo, o credito, que alcançou em toda a parte. Pode-se com sinceridade confessar, que, se hoje somos me-

hor suppridos, e vivemos tranquilllos, e excitados a estender a nossa industria, com esperança de melhoramento da Mãe Patria e Filha, devemos ao Commercio Inglez, o qual tambem proporcionalmente dá ao Governo Britannico os meios de rebater as furias do Assolador das Nações.

Qualquer pois que declama contra o Commercio Inglez indistintamente, se mostra, ainda que não o destine, inimigo do Bem Geral, e concorre a executar os diabolicos Decretos do Tyranno da França. Esse Usurpador, para illudir as Nações victimas da sua credulidade, vocifera (e he repetido o seu livre asserito por miseraveis sycophantas, e échos politicos, que o tem por oraculo, e genio superior) que elle attaca o Commercio Inglez, só afim de dar liberdade aos Mares, infamando os Inglezes com o titulo de *Povo de Piratas*. Que tenham havido factos irregulares de Commerçiantes e Navegantes Inglezes, não he meu proposito inquirir. Mas em que Nação não ha crimes e attentados? Porém não he menos certo, que o Governo Inglez no tempo de paz não authorizou jámais o turbar-se a navegação e trafico da *menor Chalupa* de qualquer Nação: antes he notorio, que o Commercio Inglez promove, ainda em tempo de guerra, as expedições maritimas de todos os povos, pelos immensos seguros, que faz de Embarcações e Mercadorias estrangeiras, com

humã liberalidade espantosa, e sem exemplo em Nação alguma. A Gram-Bretanha até promove o commercio terrestre, ainda de seus inimigos, pelos seguros que faz do contrabando dos Effeitos vedados pelo Interdicto do Continente Europeo, cujo contrabando com tal apoio está hoje quasi reduzido no Continente a trafico regular. (*) Era impossivel que o Commercio Inglez tivesse adquirido tal credito, senão predominasse no Povo Britannico, Mercantil e Mareante, a boa fé, e moderação; e da parte das Nações do

(*) Neste anno o Parlamento Inglez deputou hum Commissão de Seus Membros, para examinar as Leis do Seguro. O Relator da Commissão mostrou, que a immensidade dos seguros Inglezes era sustentada pelo credito dos seguradores particulares, e não pelas duas companhias antigas do *Royal Exchange*, e *London Assurance*, que no principio deste Seculo obtiverão Privilegio Exclusivo. Pelo exame do sello das Apolices, se poz em evidencia, que, das quantias dos seguros tomados em Inglaterra, apenas quatro em cem são subscritas por aquellas companhias, e que as noventa e seis são assignadas pelos seguradores particulares. Só a Associação do Caffé de *Loyds*, que tem conta de seguros aberta com todas as principaes praças do Mundo commerciante, tomava seguros de hum somma prodigiosa. Pelos exames officiaes se manifestou, que em Inglaterra se tomavão anno por outro, seguros de cento e sessenta milhões esterlinos. (*)

(*) Veja-se o Periodico Inglez Intitulado *Panorama* de Maio de 1810.

Continente não se reconhecesse a necessidade e conveniencia de tratar com tal Povo em todo o ramo de negocio.

He verdade, que, no tempo de guerra, o Governo Inglez não soffre, que os Neutros lhe fação (como dizem) *guerra em disfarce*, levando á seus inimigos o que estes carecem, para poderem converter todos os seus meios de hostilidade contra a Gran-Bretanha. Todo o Governo e Povo tem direito á sua existencia e independencia, e não deve expôr de boa vontade a propria cabeça a ser cortada por seus inimigos, e auxiliares de hum Despota que faz guerra á toda a Humanidade.

Os Redactores do Novo Codigo do Commercio da França reconhecem huma grande verdade, quando dizem = „ O Commercio por seus rapidos progressos tem mudado os costumes dos homens, e os destinos dos Estados, transportando o sceptro da dominação, onde elle estabelece a *potencia do credito*. O verdadeiro credito he sempre ligado á opinião, que os individuos inspirão de sua boa conducta, e de sua intelligencia. Quaes são os homens que tem adquirido huma grande reputação no commercio? São aquelles cuja Firma, respeitada até as extremidades do Globo, faz executar ordens com huma punctualidade, que os Soberanos não se podem prometter. São os particulares, que por longos trabalhos, pensamentos felizes, e, sobre tudo, por hu-

ma lealdade inalteravel chegarão a captivar a confiança de todas as Nações. „

Esta descripção quadra (no geral) aos **Commerciantes Inglezes**. Se assim não fosse, não veríamos o assombroso espectáculo da *potencia do credito do Commercio Inglez*, exercendo o seu influxo, e ascendente irresistivel, até na França, sem embargo das severidades e cruezas das fiscalisações ordenadas pelo *Novo Busiris Egyciaco*. Os Inglezes, sem tropas, nem espias, e só com letras de cambio, e boas Mercadorias, supplantão todas as resistencias, e subjugão todas as vontades dos que necessitão de seus supprimentos.

Os que ostentão valor estulto, prostituindo as proprias vidas pela mais indigna de todas as causas (porque, como diz o *Author do espirito das Leis*, os homens em governo despotico são avaliados ainda em menos de nada) tem por gloria o serem incendiarios das mercadorias de importação dos Inglezes, e parecem temer a entrada dos generos do Novo Mundo, como se vissem irrupção de Gorgones e Amazonas. Os Francezes requintão sobre os Cannibaes, destroindo, e queimando até as cousas inanimadas, e as mais bellas produções da Natureza e Arte. Assim os desalmados só brillão com o clarão do incendio, sem poderem já-mais tirar a luz do Commercio Inglez. A sorte da Ethiopia os espera. Serão fechados pela *Marinha Britannica* hermeticamente em seus

portos, reduzidos a praias desertas e cruéis. A França e as Nações da sua dependencia e influencia se abaixarão na escala da gente civil, e serão privadas de innumeraveis sciencias, doutrinas, industrias, e riquezas, que o Commercio Maritimo, e a celeste Arte da Navegação sustentão. Não he crível que toda a Europa, depois de ser a Mestra da Civilisação, consinta em converter-se em Africa Septentrional.

A Gram-Bretanha, ao contrario, está hoje no predicamento da Grecia, para lançar a *Linha de demarcação* entre a Civilisação e o Barbarismo, distinguindo os povos civilizados e os barbaros, pela franqueza do commercio daquelles, e fatua repulsa destes.

Socrates, o pai da Orthodoxa Philosophia de Athenas, com razão disse nas suas doutrinas Economicas (*), que era *guerrear contra a natureza*, quererem os homens forçar as terras a produzir certos fructos, que são mais proprios á certos climas, pela admiravel distribuição, que o Creador fez dos seus dons sobre a terra, para melhor segurar a mutua alliança, e o commercio leal dos povos. Mas o Imperador dos Francezes faz tambem guerra ao Regedor do Universo, e vãmente insiste em turbar a Ordem Cosmologica, ordenando

Veão-se os Economicos de Xenophonte.

plantar na Europa produções que só vem bem na America. (*) Isso só prova a necessidade que os povos cultos tem dos Generos Coloniaes, e o insensato furor de os excluir.

Estas estravagancias continuão, e os declamadores contra o Commercio Inglez applaudem, porque na França, e mais Estados da sua Confederação, até está proscripto o *commercio de idea, falla, e escrita*, (**) que, segundo bem observa o maior Politico da antiguidade, he o ultimo grao de escravidão civil, que só se vê onde reina a mais atroz Tyrannia, qual elle descreve do Imperador Domiciano.

Como a Providencia, quando-lhe apraz sacode de subito, como o pó, os impios da terra, fazendo nascer grandes bens de males insupportaveis; he de esperar, que, assim como a Antiga inutil Cruzada contra os Musulmanos occasionou a extensão do commercio, e a formidavel Liga das Cidades Maritimas, que promoveo a boa ordem na Europa, tambem a Nova, e ainda mais vã, Cruzada contra os Inglezes finde com o unanime reconheci-

(*) Hum dos Chimicos que tenta prover a França de assucar, extrahindo-o das uvas, por nome *Pur-sot* tem sido motejado pelos próprios Francezes, que o appellidão *Pur-sot*, isto he, *tolo claro*.

(**) *Dedimus grande patientiæ documentum: vidi-dimus quod ultimum in servitute, adempto per inquisitiones loquendi audiendi que commercio. Memoriam quoque cum voce perdidissemus, si tam in nostra potestate esset oblivisci, quam tacere.*

to das vantagens do *Commercio Franco Universal*; e que, abatido o Motor de tantas desordens, se restabeleça o equilibrio das Potencias do Continente.

Ha tudo a esperar, em quanto as Nações civilisadas não forem entregues á reprobos senso. O Vivificante Espirito Mercantil, que dirige o Imperio Lusitano, e Britannico, triunfará sobre o Mortifero Dragão Militar, com todas as suas mil artes de mal fazer. Os que por vil idolatria, e incóncebivel cegueira, julgão infallivel o Seu Plano, e irresistivel o Seu Poder, verão cair pelo proprio pezo, e enormes desproporções moraes, a esse Monstruoso aborto da Anarchia revolucionaria; que, com a sua rapacidade quadrimania, mais gigantesco que o Colosso de Rhodes, projecta nullo *Acto de Navegação*, e o fazer passar a seus pés (como diz) *Commercio, Navios, Colonias*. Ha certa occulta força das cousas, que zomba da arrogancia dos levantados, que aspirão á Monarchia da Terra. Até o reconheço o Sectario do Epicuro, que dizia não curar o Ente Supremo a sorte da sociedade.

*Usque adeo res humanas vis abdita quædam
Obterit, et pulchres fascēs, sævas quæ secures,
Proculcare, et ludibrio sibi habere videtur.*

Lucret.

F I M.

